

COLEÇÃO
PALAVRAÇÃO

PALAVRA

PALAVRA

PALAVRA

PALAVRA

PALAVRA

palavra

palavra

GRÇA E FÉ: TEMPEROS PARA A VIDA

SUBSÍDIOS PARA O TRABALHO ENTRE JOVENS - 3

PALAVRA

PALAVRA



palavra ação

subsídios para o trabalho entre jovens - 3

COLEÇÃO
PALAVRA AÇÃO

Coleção Palavração

Subsídios para o trabalho entre jovens

Caderno nº 3 – Graça e Fé: Temperos para a Vida

Coordenação:

Cláudio Giovani Becker (Org.)

Capa e ilustrações:

Artur Sanfelice Nunes

Edição, diagramação e revisão:

Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

Impressão:

CEBI – Con-Texto Gráfica e Editora

ISBN: 85-89000-14-1

Realização:

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude -
DNAJ da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no
Brasil - IECLB

Pedidos para:

Depto. Nacional para Assuntos da Juventude - DNAJ
Caixa Postal 191
93001-970 São Leopoldo - RS
Telefone: (51) 591-4295
Fax: (51) 590-2366
e-mail: dnaj@uol.com.br

***Reprodução total ou parcial dos textos deste
caderno somente mediante autorização
expressa do Departamento Nacional para
Assuntos da Juventude - DNAJ***

São Leopoldo, janeiro de 2003

Em maio de 1998, o Departamento Nacional para Assuntos da Juventude publicou o primeiro caderno da coleção *PalavraAção*. Tornava-se realidade o sonho de se oferecer subsídios práticos e teóricos sobre os mais variados temas para o trabalho entre jovens.

O primeiro volume teve como título *Cidadania: Uma Questão da Fé*, valorizando estes dois temas: espiritualidade e cidadania. No segundo caderno – *Abraçar a Liberdade* – o tema foi a liberdade e as suas relações com áreas como ética, política, sexualidade, religião, consumo, responsabilidade social e ecologia. Era o mês de fevereiro de 2000.

Agora chegamos ao terceiro livro. Ele é, em parte, resultado das Oficinas de Liderança realizadas pelo DNAJ sobre o tema *Jovem Luterano – Temperando a Vida*. Em parte, porque ao material compilado das oficinas se juntaram muitos outros ingredientes, o que tornou este volume uma saborosa coletânea de artigos e técnicas sobre a confessionalidade luterana e seus temperos. Também por isso, o título: *Graça e Fé: Temperos para a Vida*.

O caderno está dividido em *Palavra* – subsídios teóricos, e *Ação* – subsídios práticos. Para estabelecer mais facilmente esta divisão, o livro ganhou duas frentes. Uma inicia pela ação. Outra, pela reflexão. Você começa por onde quiser. A idéia é que virando e revirando o livro, você faça a mistura possível entre *Palavra* e *Ação*, entre *Ação* e *Palavra*. Ou, não. Se preferir, pode trabalhar em seu grupo apenas um texto de reflexão. Ou aplicar uma técnica, a outro tema qualquer. O que importa é que você reúna os ingredientes e, com este caderno em mãos, consiga dar mais sabor aos encontros do seu grupo.

Bom proveito!

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

ÍNDICE

PALAVRA

Luterano, luterana que bicho é esse?.....6

- Não usem “luterano”6
- Um dia tinha que chegar no Brasil.....7
- Botando ordem na Igreja.....9
- Ah, que coisa mais linda tão cheia de graça.....11
- Quem são os nossos irmãos e irmãs luteranos?.....11
- Os livros que fizeram este texto.....13

Igreja Luterana tem quatro colunas.....14

- A coluna da graça.....14
- A coluna da fé.....15
- A coluna Cristo.....15
- A coluna da Escritura.....16

A sabedoria evangélica da confissão luterana.....19

- Protestantes desde a Antigüidade.....20
- O nosso pecado e o Filho de Deus.....21
- Eu não posso fazer nada!.....22
- O vento divino.....23
- O que eu já posso fazer.....24
- Somos luteranos.....26
- A sabedoria evangélica.....27

Palavra indispensável.....28

- Alguém, aí, fala, lê ou escreve em Latim?.....29
- Na Bíblia dá para ouvir a voz de Cristo.....30

Todas as cruzes na cruz de cristo.....32

Povo de Deus unido em meio às diferenças.....34

- O ecumenismo e suas diferentes expressões.....35
- Referências bibliográficas.....37

Katharina von Bora uma reformadora?.....39

- Mas, e Katharina?.....39
- Uma casa, uma pensão.....40
- “Senhor” do marido.....41

Auto-retrato de Martim Lutero43

Quer saber mais?.....45

Matrimônio e família: a melhor bênção.....46

Ensinem o povo a ler! Construam escolas!.....52

Eduquem-se uns aos outros.....57

Conte-me a história.....57

Prezado senhor.....59

Não educar é diabólico.....59

Um currículo universal.....60

Depois de passar algum tempo.....61

A caminho de uma conclusão desafiadora.....62

Quer saber mais?.....63

O homem que ensinava a orar.....66

Confissão de pecados.....66

Oração da manhã.....67

Oração da noite.....67

Profissão pública de fé feita por Lutero.....67

Livros sobre Lutero e os que ele escreveu.....69

Tabela cronológica.....74

Sabe aquele hino do hinário da IECLB?.....76

Lutero músico compositor.....78

Um exemplo.....79

O tempero de nossas canções.....82

Uma pequena história.....82

Perguntas para reflexão.....83

A música entre o novo e o velho.....83

Bate o sino sinal da nossa fé.....88



Lado PALAVRA

LUTERANO, LUTERANA. QUE BICHO É ESSE?

Catequista Joni Roloff Schneider

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) é igreja de Jesus Cristo no Brasil que tem por fim e missão propagar o Evangelho de Jesus Cristo, estimular a vivência evangélica pessoal, familiar e comunitária, promover a paz, a justiça e o amor na sociedade e participar do testemunho do Evangelho no país e no mundo.

Essa afirmação integra a atual Constituição da IECLB, aprovada no XXVII Concílio da Igreja, ocorrido nos dias 20 a 24 de outubro 2010 em Foz do Iguaçu/PR. A presença luterana no país, contudo, começou em 1824, com a vinda das primeiras levas de imigrantes alemães para Nova Friburgo/RJ e São Leopoldo/RS.

Não usem “luterano”

“Antes de tudo, peço que se silencie do meu nome e não se chame de luterano. Quem é Lutero? A doutrina não é minha... Vamos eliminar os nomes partidários e nos chamarmos de cristãos. Eu não sou e nem quero ser mestre de ninguém.” Apesar do desejo expresso do reformador Martin Lutero (1483-1546) de não ligar a sua pregação ao termo luterano, o termo acabou sendo usado para definir as igrejas que surgiram a partir da Reforma.

Na verdade, somente a partir de 1580 se aceitou o termo “luterano”. Ela foi introduzida por teólogos contemporâneos de Roma no intuito de qualificar de herético e sectário o movimento da Reforma. Foi uma autodeterminação ativa, mas sempre com a adição de “aqueles que escutam a Cristo” ou “os seguidores do Evangelho”.

Três séculos depois, a igreja “das pessoas que escutam a Cristo”, ou a igreja “dos seguidores e das seguidoras do Evangelho” no Brasil era batizada com esse nome, por estar vinculada pela fé às igrejas do mundo que confessam Jesus como Senhor e Salvador.

Um dia tinha que chegar ao Brasil

A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) tem relação com a miséria de grandes populações europeias ao longo do século XIX. (...) O êxodo rural, a

industrialização, as reformas agrárias fracassadas, o crescimento desenfreado dos centros urbanos, o colapso da agricultura em consequência da importação de produtos produzidos a custos bem inferiores na Austrália, na Argentina e nos Estados Unidos da América do Norte – tudo isso levaram famílias europeias a refazerem a sua vida em outros continentes. O sonho por um pedaço de terra nas Américas foi a mola propulsora que levou milhões de pessoas a migrar.

A crise e a situação social na Europa trouxeram ao Brasil as pessoas mais pobres, motivadas e auxiliadas pelos próprios países. Dessa forma, a Europa procurou “livrar-se” de um problema que não sabia como resolver. Vieram, então, pessoas oriundas da Alemanha, Suíça, Holanda, Dinamarca, Noruega, Suécia, Áustria, Itália, Polônia, Rússia, Espanha, Portugal, entre outros países. Entre elas, estavam protestantes, luteranas, unidas, reformadas, valdenses, anabatistas.

A terra tão esperada não era o paraíso prometido. Assentados mato adentro, os grupos de imigrantes ficaram abandonados, sem recursos para o plantio, sem estradas, sem infraestrutura para necessidades como saúde, educação e expressão da vida religiosa. Devido à sua estrutura frágil, o sistema passou a usar a imigração para diversas finalidades: política de branqueamento de raça, estratégia de defesa de fronteiras, formação do exército nacional, construção e conservação de estradas, apoio a núcleos urbanos, mão de obra barata e criação de uma classe média.

Graças a acontecimentos mundiais, as famílias imigrantes puderam iniciar a sua própria vida religiosa no Brasil. Com o Padroado Régio, direito dado ao rei pelo papa, o Estado tinha o poder temporal e espiritual das terras conquistadas. No caso do Brasil, com a independência em 1822, foi mantido o antigo padroado português. Assim, quem mandava nas questões religiosas do país era o rei de Portugal. Em comum acordo com o rei da Inglaterra, no início do século XIX, a Constituição Imperial determinou que a religião oficial fosse a Católica Apostólica Romana, mas as demais igrejas seriam toleradas. Isso permitiu a entrada de outros credos no país, desde que não construíssem templos com torres e respeessem o credo católico.

Foi assim que imigrantes luteranos e luteranas, basicamente oriundos e oriundas da Alemanha, trouxeram consigo pastores e criaram suas primeiras comunidades. Essas famílias foram assentadas principalmente no interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, dando origem às primeiras comunidades (Nova Friburgo/RJ e São Leopoldo/RS, em 1824). Por necessitarem organizar sua vida social praticamente a partir do nada, celebravam seus cultos inicialmente em cabanas. Mais tarde, construíram as primeiras escolas, onde aos domingos também celebravam os cultos. Ao lado da escola arrumaram o espaço para o cemitério, já que não podiam fazer uso do cemitério público ou católico. Escolheram pessoas da comunidade para tarefas importantes, como educação e saúde. Prioritariamente, as comunidades voltavam-se para dentro de si mesmas, integrando também algumas pessoas de outros credos que ficavam mais isoladas.

Botando ordem na Igreja

Devido à sua história, a IECLB tem sido uma igreja de comunidades. Inicialmente, elas formaram o Sínodo Riograndense (1886). Mais tarde, outros sínodos surgiram: Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul (1905), Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná (1911) e Sínodo Evangélico Brasil Central (1912).

A principal função dos sínodos era representar a instituição religiosa perante as autoridades, criar mais unidade entre as diversas comunidades, desenvolver o trabalho entre crianças, jovens e mulheres, criar uma imprensa eclesiástica e acompanhar os novos grupos imigrantes. As comunidades luteranas não chegaram a ter presença majoritária no cenário político brasileiro, mas contribuíram fortemente com a educação, sendo o analfabetismo praticamente nulo entre as famílias de imigração luterana até a Segunda Guerra Mundial.

A partir das duas grandes guerras, as pessoas evangélicas de confissão luterana foram obrigadas a terem sua própria vida religiosa cada vez mais independente da Alemanha, que até então era seu escudo em todos os sentidos. Foi assim que o primeiro Concílio Geral, em 1950 em São Leopoldo/RS, decidiu pela criação da Federação Sinodal que, em 1968, constituiu a IECLB. Por meio do Concílio, a IECLB elegeu seu primeiro pastor presidente, Hermann G. Dohms, e esboçou seu plano e autocompreensão de igreja na seguinte declaração:

A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo no Brasil em todas as consequências que daí resultarem para a pregação do Evangelho neste país e a corresponsabilidade para a formação da vida política, cultural e econômica de seu povo. Esta Igreja é confessionalmente determinada pela Confissão de Augsburgo e Pequeno Catecismo de Luther, pertence à família das Igrejas moldadas pela Reforma de Martin Luther, e quando adotar em lugar de 'Federação Sinodal' a denominação de Igreja, o que esperamos para breve, exprimi-lo-á nesta mesma denominação. Como Igreja assim determinada confessionalmente, a Federação Sinodal se encontra na comunhão das Igrejas representadas no Conselho Ecumênico, as quais admitem o Evangelho de Jesus Cristo, que nos transmite a Sagrada Escritura como única regra diretriz da sua obra evangélica e de sua doutrina.

Com essa declaração, a IECLB passou a ser definitivamente uma igreja em continente latino-americano, com uma teologia voltada para sua realidade.

É claro que a transformação não aconteceu como um passe de mágica. As dificuldades que o país passou nos anos subsequentes, 1970 e 1980, com a ditadura militar, afetaram também a vida da igreja. Ela foi desafiada a resistir e a se pronunciar perante a realidade. Nesses anos, membros da IECLB se espalharam para outros estados, para as chamadas Novas Áreas de Colonização. Outros, à procura de emprego, migraram para as cidades maiores. Consciente de que o Evangelho acarreta consequências proféticas também para a política e a economia, a IECLB passou a formular posicionamentos e a criar trabalhos alternativos e missionários, como, por exemplo, com famílias agricultoras, povos indígenas e voltados à pastoral urbana.

Em 1997, a igreja optou por suprimir as unidades regionais e distritais e instituiu uma estrutura com 18 sínodos. De lá para cá, busca cumprir com sua missão por meio de aproximadamente 700 mil membros. Possui cerca de 900 ministros e ministras, entre pastores, pastoras, catequistas, diáconos, diáconas, diaconisas, missionários e missionárias, que exercem seu ministério ordenado de forma compartilhada. A igreja conta com diversos departamentos, coordenações e instituições em âmbito nacional. A grande parte dos trabalhos que desenvolve é realizada voluntariamente por membros das comunidades, de jovens a pessoas idosas.

“Ah! Que coisa mais linda, tão cheia de graça”

O símbolo da IECLB foi criado em 1969, para ser lançado na 5ª. Assembleia da Federação Luterana Mundial. A Assembleia da FLM deveria ter sido realizada em Porto Alegre/RS, em 1970, mas por causa da difícil situação sócio-política brasileira, ela foi transferida para Evian, na França. Somente a partir de 1972, o símbolo passou a ser oficial na IECLB. Veja o seu significado:

A CRUZ, colocada sobre o globo, quer lembrar que Cristo é o Senhor do mundo. Ele está acima de tudo e de todos. Todos e todas lhe devem obediência. A cruz vazia lembra que Cristo morreu por cada um e cada uma de nós, mas está vivo e seus ensinamentos querem ser vividos no dia a dia.

O GLOBO mostra que os ensinamentos de Cristo devem ser divulgados em todos os lugares da terra. Nós fazemos parte desse mundo e, assim, também somos responsáveis pelo que acontece de bom e de ruim.

O CONTORNO imitando as colunas do Palácio da Alvorada em Brasília, que envolve o globo e a cruz, aponta que a mensagem de Cristo quer ser vivida no Brasil e quer nos ajudar a enfrentar, diariamente, os problemas nacionais.

O símbolo da IECLB ajuda a identificar os locais onde a igreja de confissão luterana está presente no Brasil.

Quem são nossos irmãos luteranos e nossas irmãs luteranas?

O crescimento das igrejas luteranas nos anos posteriores ao período da Reforma foi muito grande. Um dos motivos foi que, em 1817, o governo na Alemanha impôs a união de comunidades luteranas e reformadas calvinistas. Muitas não aceitaram essa imposição, formando igrejas independentes, de cunho marcadamente confessional, em outros países. Entre os séculos XVI e XVII, o luteranismo já estava presente em países como a Dinamarca, a Noruega, a Suécia, a Finlândia, entre outros.

Na metade do século XIX (cerca de 1840), um grupo de imigração alemã, da Saxônia, foi para a América do Norte. Sendo luterano, logo se preocupou em fundar uma igreja na nova terra. Assim, em 1847 foi constituída a Igreja Luterana – Sínodo de Missouri, fundada no estado de Missouri, nos Estados Unidos. Esta igreja cresceu rapidamente e logo

desenvolveu atividades missionárias em outros países, como Canadá, México, Índia Coreia, Japão, Nigéria e Brasil.

No início do século XX, chegou ao Brasil o pastor Christian J. Broders, enviado pela Igreja Luterana – Sínodo de Missouri. Ele fundou, no dia 1º de junho de 1900, com 17 famílias, a Comunidade Evangélica Luterana São João, na Colônia São Pedro, em Morro Redondo, a 40 km de Pelotas/RS.

Luteranos e luteranas da Igreja Luterana – Sínodo de Missouri deram assistência às famílias imigrantes alemãs. Estas, por sua vez, formaram outra organização eclesiástica, que seguiria caminhos próprios e que hoje leva o nome de Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Em 1904, no dia 24 de junho, foi fundada, em São Pedro do Sul/RS, com a presença de 14 pastores, um professor e dez pessoas leigas, representando dez congregações com aproximadamente três mil membros, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

A IELB se desenvolveu e ampliou suas atividades para todos os estados do Brasil. Além disso, a IELB iniciou a missão no Paraguai (hoje já igreja-irmã) e em Portugal.

Apesar das divergências doutrinárias, tanto a IECLB quanto a IELB têm em comum o mesmo povo de imigrantes e seus e suas descendentes.

Referências

FISCHER, Joaquim. *Ensaio luterano: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. *Estudos Teológicos*, nº 1, 1994, ano 34.

BRAKEMEIER, Gottfried (Ed.). *Presença luterana - 1990*. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

DREHER, Martin N (Coord.). *Reflexões em torno de Lutero*. vol.2. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

Portal da IECLB.

Esse estudo é parte integrante do volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado originalmente em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

IGREJA LUTERANA TEM QUATRO COLUNAS

Catequista Joni Roloff Schneider

O movimento da Reforma foi um protesto contra a transformação do Evangelho em leis e interpretações manipuladas pela então Igreja de Roma. O pensamento de Lutero que mais afetou as autoridades da época foi que não há caminho para chegar a Deus senão por Cristo. Nem papa, nem sacerdote, nem imperador leva a pessoa a Deus e nem conquista a salvação para ela, mas somente Cristo. Neste sentido, em 1530, os líderes protestantes escreveram a *Confissão de Augsburgo*, onde colocaram os principais pensamentos de Lutero e que são parte da base da nossa identidade confessional até hoje. As quatro colunas luteranas que sustentam a nossa confessionalidade são as afirmações a seguir:

A coluna da graça

A mensagem do Novo Testamento e de toda a doutrina e fé cristãs é a salvação da pessoa pela graça de Deus. A graça de Deus significa amor, consolo, amparo, dedicação, perdão, aceitação incondicional, estímulo. Deus é quem dá tudo isso. Por isso, a pessoa não pode salvar-se a si mesma. A salvação depende inteiramente do presente de Deus, que foi revelado em Jesus Cristo, através de sua vida, morte e ressurreição.

A graça vem de Deus, mas se manifesta na realidade do mundo, por isso a experiência da graça leva ao discipulado. Livra-nos de nós mesmos e mesmas, leva-nos à obediência e nos remete ao cuidado com o irmão e com a irmã.

A coluna da fé

Recebemos a salvação quando confiadamente aceitamos, com fé, este presente libertador. Quem inverter as coisas vai se tornar fanático e fanática, seguindo pelo caminho da dominação. Será incapaz de ter misericórdia. Em outras palavras, será uma pessoa da "lei", dura, exigente, excludente, como as autoridades que Lutero criticava em sua época.

Para recebermos a salvação também não adianta realizarmos obras. "O ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Romanos 3.28). As obras só são importantes quando se tornam uma resposta da fé à graça incondicional de Deus, ou seja, quando aceitamos e agimos por amor, somente. Ajudar as outras pessoas, confiar em Deus

acima de todas as coisas, testemunhar a fé em palavras e atitudes devem ser feitos em gratidão ao amor de Deus.

Para Lutero, o que está em primeiro lugar é o que Deus fez por nós. Nisto está o Evangelho. O essencial da vida da pessoa cristã é reconhecer o quanto Deus nos ama e anunciar as suas maravilhas. Luteranos e luteranas devem ser, conforme diz o apóstolo Paulo em Colossenses 3.12-17, pessoas misericordiosas, bondosas, humildes e amáveis.

A coluna Cristo

Não há caminho para chegar a Deus senão por Cristo. A graça presenteada por Deus, a Escritura que contém a Palavra de Deus, a fé que é dádiva e promessa de Deus, são reveladas unicamente por Cristo. É no Cristo crucificado que Deus se dá a conhecer.

O Deus gracioso é o Deus que desce, vai ao encontro da pessoa e se revela na fraqueza. É na cruz de Cristo que o ser humano vê toda a sua realidade de pecador e por meio dela Deus o justifica, não por mérito humano, mas pela graça e misericórdia de Deus. Para Lutero, a confissão de que Cristo é Senhor e somente por meio dele acontece a justificação do ser humano pecador é o fundamento do qual não podemos nos afastar.

Fazendo parte da comunidade cristã, participamos da comunhão das pessoas santas, santificação esta concedida por Deus. Conforme o Novo Testamento, são santas todas aquelas pessoas que creem (1 Coríntios 1.2). Elas não o são porque foram pessoas moralmente perfeitas, mas porque são membros do povo de Deus, requisitadas por ele para serem sua exclusiva propriedade.

A igreja luterana não nega haver pessoas que se destacaram na fé e se constituíram em exemplos de conduta evangélica. Delas a comunidade pode e deve receber inspiração e estímulo. Elas merecem profundo respeito, mas não adoração. O primeiro argumento para isso é bíblico: “A Escritura (...) não ensina que invoquemos os santos ou peçamos auxílio deles” (*Confissão de Augsburgo*). O segundo argumento é Jesus Cristo. Ele é o único mediador entre Deus e as pessoas (1 Timóteo 2.5).

A coluna da Escritura

Traduzindo a Bíblia, Lutero redescobriu o caminho à fonte da fé. Nela buscou a orientação básica para a igreja. Através do Antigo Testamento, traz o testemunho primário da história de Deus com seu povo. Através do Novo Testamento, traz o testemunho de Jesus Cristo e dos apóstolos. A Bíblia é a palavra de Deus, porque Cristo mesmo o é (João 1.14). Ela é a fonte pela qual teremos acesso à libertação.

O que distingue a Bíblia de outros livros não é a sua origem, não é nenhuma qualidade externa, mas, sim, o seu conteúdo. Ela se tornou a Escritura Sagrada porque contém a verdadeira Palavra e a vontade de Deus. Por isso, nós não cremos na Bíblia, mas em Jesus Cristo, que faz a Bíblia ser sagrada e não vice-versa.

Não é possível fixar-se em determinadas passagens, isolá-las do todo e prender-se a elas. Quem ler a Bíblia com atenção e resistir à tentação de selecionar passagens que agradam, não vai ter dúvidas quanto ao Evangelho. Interpretação luterana da Bíblia significa

interpretação humilde, disposta a realmente aprender, nunca pronta em definitivo, sempre a caminho.

O pastor Martin Dreher, em um dos números do Jornal Evangélico, definiu o centro da fé luterana em quatro gritos de protesto contra os abusos da igreja da época de Lutero. Resumidamente, ele diz que “o centro da fé luterana é: Deixem Deus ser Deus!”.

“Devemos temer e amar a Deus e confiar nele acima de todas as coisas.”

Lutero insistiu na prioridade por Deus, já que sua autoridade estava sendo substituída pelo ser humano que se colocava como o todo-poderoso. Por isso, o importante é sempre relembrar o primeiro Mandamento, que é o único recurso para impedir que o mundo sucumba aos interesses individuais e à criação de um múltiplo número de deuses e deusas.

Desse centro da fé surgem os quatro gritos:

1º GRITO: DEIXEM DEUS SER DEUS!

- Deixem ele ser misericordioso como ele quer ser;
- Não coloquem sua confiança em si mesmos e si mesmas;
- Deixem Deus ser livre, para que ele possa ser Deus.

2º GRITO: SOMENTE CRISTO!

- Deus quer ser encontrado no crucificado;
- Deus se revelou na cruz aos seres humanos;
- A cruz é critério para falarmos de Deus;
- Sem a cruz, tornamo-nos confiantes em nós mesmos e mesmas ao invés de confiar em Deus.

3º GRITO: SOMENTE A ESCRITURA!

- O testemunho da revelação de Deus encontramos na Bíblia;
- O conteúdo da Escritura é Jesus Cristo;
- A Bíblia é a Palavra de Deus só por causa de Jesus Cristo;
- Jesus Cristo dá credibilidade ao texto e, por causa dele, é Sagrado.

4º GRITO: SOMENTE PELA FÉ!

- Aceitar Deus na revelação por Jesus Cristo, ouvir seu testemunho e aceitá-lo é presente, dádiva, dado de graça;
- Todo presente de Deus só podemos receber confiadamente por fé.

Por tudo isso,

- Ser luterano e luterana é ser pessoa despreocupada com a salvação, pois sabe que ela já lhe foi dada de graça, por Jesus Cristo.

- Ser luterano e luterana é ser pessoa preocupada com o mundo, pois sabe que é boa criação de Deus, por isso precisa cuidar dele.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

A SABEDORIA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA¹

Pastor Mário Francisco Tessmann

No ano de 2000, as igrejas luteranas em todo o mundo foram convidadas a rememorar a *Confissão de Augsburgo*, que, no dia 25 de julho daquele ano, completava 470 anos de existência. Nesta data, em 1530, ela foi lida na assembleia imperial do Sacro Império Romano-Germânico, e entregue ao imperador Carlos V, como confissão de fé do movimento reformatório, que enfatizava a justificação por graça conforme ensinava Martin Lutero.

A *Confissão de Augsburgo* (CA) é, passados quase cinco séculos, motivo para nossa reflexão como Igreja Luterana no Brasil, em especial no que concerne àquilo que cremos e confessamos. Nesse sentido, é preciso sempre de novo indagar em que medida a CA ainda tem relevância em nosso meio como confissão de fé. Não seria ela apenas letra morta, presente na constituição eclesiástica, que serve para definição confessional?

A CA, por ser uma confissão de quase cinco séculos atrás, assim como as outras confissões, naturalmente corre o risco, em função de seu condicionamento histórico, de se tornar irrelevante para nossas questões de fé e de conduta. Isto acontece em boa medida quando nos perdemos demasiadamente nas formulações, no texto em si, e nos esquecemos do assunto do qual a confissão quer tratar. Por isso vamos nos ocupar com a CA como uma contribuição fundamental para o aprofundamento no conhecimento da verdade evangélica, proclamada na IECLB.

Protestantes desde a Antiguidade

A *Confissão de Augsburgo* contém 28 artigos, que estão divididos em dois grandes blocos: 1. Os que tratam da fé e da doutrina (artigos I a XXI); e 2. Os que tratam das divergências entre igrejas católica e protestantes e dos abusos que foram corrigidos pelos últimos em suas igrejas (artigos XXII e XXVIII). Neste texto vamos nos ater ao primeiro bloco, recorrendo ao segundo somente quando for necessário para esclarecer o assunto em questão. Por opção, não vamos reproduzir os artigos na sua íntegra, a não ser quando o texto da CA for indispensável para a compreensão.

¹ Artigo publicado originalmente no Jornal Rio dos Sinos, durante o ano 2000 e adaptado para o PalavrAção.

Os primeiros três artigos tratam de temas que foram discutidos e decididos pela Igreja Antiga. Eles falam dos Deus Triúno (artigo I), da raiz do pecado (artigo II) e da pessoa de Jesus Cristo (artigo III). Afirmando a sua concordância com as decisões da Igreja Antiga, a CA procura enfatizar com isto que as pessoas protestantes seguem os trilhos já estabelecidos pelas cristãs na Antiguidade no que concerne às doutrinas elementares, e que, desta forma, pertencem à verdadeira Igreja.

Ao dizer que “as igrejas ensinam entre nós com magno consenso que o decreto do Concílio de Nicéia sobre a unidade da essência divina e sobre as três pessoas é verdadeiro e deve ser crido sem qualquer dúvida” (artigo I), a CA estabelece a visão trinitária de Deus, em toda a sua abrangência, como a base para a reflexão dos artigos subsequentes, ocorrendo isso de forma explícita ou não.

É nossa tarefa hoje, por isso, como igreja que quer permanecer fiel à CA, ouvirmos o que está sendo ensinado e pregado nas comunidades, e verificarmos se Deus, o Criador, se Jesus Cristo, o Redentor, e se o Espírito Santo, o Santificador, estão sendo anunciados na perspectiva da unidade trinitária, de forma equilibrada e responsável. Onde uma das “pessoas” da Trindade é esquecida ou é intencionalmente superdimensionada, teremos com certeza problemas em nosso jeito de sermos cristãos e cristãs, de sermos Igreja de Confissão Luterana em nosso país. Vamos olhar mais de perto sobre o que ensinam o segundo e o terceiro artigos da *Confissão de Augsburgo*.

O nosso pecado e o Filho de Deus

Dois artigos da *Confissão de Augsburgo* (CA), que juntamente com a visão trinitária de Deus assumida pelos reformadores, estão na esteira das decisões teológicas definidas pela Igreja até o quinto século da nossa era. São eles o segundo e o terceiro artigos, que tratam dos temas do pecado original (artigo II) e do Filho de Deus (artigo III), conforme a linguagem da CA.

Falar do pecado original e do Filho de Deus é falar, na verdade, de nossa realidade vivencial alienada, e de quem nos liberta desta condição, respectivamente. Para entender melhor o que está se expondo aqui olhemos estes dois artigos de forma separada. Quando a CA afirma que “depois da queda de Adão (Gênesis 3) todos os seres humanos propagados segundo a natureza, nascem com pecado, isto é, sem temor a Deus, sem confiança em Deus, e com concupiscência” (artigo II), ela está procurando em última análise, descrever qual é a situação do ser humano perante Deus. Esta descrição da condição humana pode parecer um tanto negativa, ou se quisermos ir mais longe, perversa. Contudo, a visão de ser humano que a CA nos apresenta não deve ser medida segundo critérios do pessimismo ou do otimismo antropológico. A CA quer ser apenas fiel à tradição bíblica, em sua concepção de pecado. Além disso, pecado para a CA não é em primeiro lugar um ato humano, mas sim o estado, a condição do mesmo perante Deus. Ato pecaminoso existe por causa do ser humano pecaminoso e não vice-versa, afirma a Confissão.

Mas a CA não apresenta somente a nossa situação como ser humano, parando por aí. Ela indica também o caminho para a superação da nossa realidade ao dizer que Jesus Cristo veio ao mundo com o propósito de nos reconciliar “com o Pai e ser um sacrifício, não só pela culpa original, mas ainda por todos os pecados atuais dos seres humanos” (artigo III). Ao crermos nele, apesar de toda fragilidade da fé, experimentamos em nossos corações e em

nossas consciências que Deus supera a alienação, consolando, vivificando e defendendo do mal. Pela fé, temos esta certeza, e isto nos basta!

O quarto artigo da CA, que veremos a seguir, trata da justificação.

Eu não posso fazer nada!

Vamos recapitular: Nos três primeiros artigos da *Confissão de Augusburgo* (CA), vimos que o seu autor, Filipe Melanchton, procurou ressaltar neles a sua concordância com as decisões conciliares realizadas pela igreja antiga. Já no quarto artigo, que trata da justificação, Melanchton começa a expor aqueles aspectos que fazem parte da contribuição específica da pregação reformatória.

E o que afirma o artigo da justificação, como marca distintiva da compreensão obtida por Martim Lutero acolhida por seu amigo e colaborador Melanchton? Segundo ele, “as pessoas não podem ser justificadas diante de Deus por forças, méritos ou obras próprias” (artigo IV). Ou seja, para que ocorra a relação adequada, que Deus deseja entre Ele e o ser humano, é indispensável que este último aceite que ele nada pode fazer por ela. Nada mesmo? Sim, nada! Pois somente com essa radicalidade é que o ser humano entende que o início, o meio e o fim de sua relação Deus está nas mãos do próprio Deus, e que Ele a concede, “gratuitamente, por causa de Cristo, mediante a fé, quando creem que são remitidos por causa do Cristo” (artigo IV).

Ainda segundo Melanchton, é a fé quem descortina toda a real situação entre Deus e o ser humano. Está fé, no entanto, para o autor da CA, é dádiva divina, para que ser humano não pense que ele a tenha produzido. Essa ênfase unilateral da gratuidade da salvação ocorre porque Melanchton bem como Lutero querem preservar a plena liberdade de Deus em seu agir, assim como a Bíblia a mostra. Logo, para a CA não há espiritualidade, nem tradição, nem sacramento, nem movimento ou ainda instituição religiosa que possa oferecer aquilo que somente Deus em Cristo possibilita, qual seja, a relação adequada entre Ele e o ser humano, e isto gratuitamente.

Vamos ver agora como Deus cria esta fé em nossos corações.

O vento divino

Como vimos acima, no artigo IV da CA, o ser humano é justificado por Deus mediante a fé. Como, no entanto, obtemos tal fé justificante? Para podermos responder a essa indagação adequadamente, Filipe Melanchton sugere que olhemos com atenção para o que está expresso no quinto artigo da CA, *Do Ministério Eclesiástico*. Na verdade o título deste artigo deveria ser *De Como Recebemos o Espírito Santo*, pois esse é o tema abordado pelo autor.

O Espírito Santo é uma realidade para Filipe Melanchton. Sobre ele não se precisa nem se deve discutir, visto que ele é uma das pessoas pertencentes à unidade trinitária. O que é indispensável, no entanto, é que as pessoas cristãs saibam que ele vem. Segundo o que Martinho Lutero ensinava, Melanchton afirma que “mediante a palavra e pelos sacramentos, como por instrumentos, é dado o Espírito Santo, que opera a fé, onde e quando agrada a Deus, naqueles e naquelas que ouvem o Evangelho” (artigo V).

Melanchton procura salientar nesse artigo que Deus concede o Espírito Santo por intermédio da palavra e dos sacramentos, estes que ele chama de instrumentos. Por que, no entanto, Deus precisa fazer uso de tais instrumentos para nos dar o seu Espírito? Por que nós não podemos recebê-lo diariamente? Para Melanchton e para Lutero, Deus faz uso da palavra e dos sacramentos como instrumentos para nos conceder o Espírito Santo por que Ele tem misericórdia de nós. Porque se Deus se apresentasse diretamente a nós, em sua glória e majestade, nós não poderíamos suportar esta presença desnudada, visto que Ele é completamente santo e perfeito e nós, seres humanos, somos pecadores e imperfeitos. Existe, pois, para Melanchton e também para Lutero, uma enorme diferença qualitativa entre Deus e os seres humanos. Desta diferença, Deus tem plena consciência. Nós não a temos. Em vista disto, Ele se aproxima de nós apenas via palavras e sacramentos.

Para concluir, falta nos dizer como obtemos a fé justificante, que nos permite sermos vistos e vistas por Deus como pessoas justas, apesar de permanecermos pecadoras. Conforme Melanchton, a fé é obra do Espírito Santo. É ele quem a gera em nossas vidas e isso se dá por meio dos instrumentos já mencionados. Deus assim procede por um motivo: misericórdia!

O que eu já posso fazer

Do Novo Testamento nós aprendemos que a fé legítima se evidencia em atos concretos, como nos diz Tiago. Ela é atuante por meio do amor, conforme afirma Paulo em sua carta à comunidade de Gálatas. Fé que não tem visibilidade pode ser chamada de qualquer outra coisa, menos de fé cristã. Esta “concreticidade” da fé é também uma das preocupações centrais de Filipe Melanchton. Ao redigir a *Confissão de Augsburg*, em 1530, ele destacou essa temática em dois artigos, no VI, cujo título é *Da Nova Obediência*, e no XX, que se chama *Da Fé e das Boas Obras*.

Melanchton confessa, no sexto artigo, que a “fé deve produzir bons frutos e que é necessário que se façam as boas obras ordenadas por Deus, por causa da vontade de Deus, não para confiarmos que merecemos por essas obras a justificação diante de Deus”.

Inicialmente o autor da CA recorda que a fé que produz frutos é aquela fé justificante, a fé que tem sua origem na ação de Deus em nós. Não é qualquer tipo de fé que gera bons frutos, mas sim, conforme Melanchton, a fé que é dádiva divina, obra exclusiva do Espírito Santo. Por que é importante salientar isso? Porque existem outras possibilidades de fé, que necessariamente não provêm de Deus, e que por isso não têm compromisso com frutos, que não têm visibilidade, como dissemos anteriormente.

Um segundo ponto a ser destacado tem a ver com o tipo de frutos, de obras. Para Filipe Melanchton, assim como para Lutero, as ações das pessoas cristãs não devem ser simplesmente produto de sua fantasia e de sua imaginação, o que não aconteceu poucas vezes, mas sim para fazer aquilo que Deus ordenou. Melanchton e Lutero têm em vista, em princípio, os Dez Mandamentos como as boas obras ordenadas por Deus que devem orientar os cristãos e as cristãs na sua forma de agir perante Deus, o próximo e a próxima. Surgem, por vezes, situações na vida que estão para além dos mandamentos. O que fazer então? Quando isso ocorrer, Lutero e Melanchton recomendam: Examine-se a questão à luz da consciência, com bons argumentos racionais, para então poder agir conforme ela nos indica. Isso vale, no

entanto, para as situações de exceção. Em nosso dia-a-dia, os critérios são os Dez Mandamentos.

Com estes dois aspectos, podemos ver como Melanchton na CA relaciona a fé com as obras, e vice-versa. Para encerrar, vamos olhar com mais atenção para o tema “Igreja”.

Santos luteranos e santas luteranas

A palavra “igreja” pertence às nossas conversas diárias. Entretanto, mesmo que façamos o uso desta palavra com tanta frequência, isso ainda não significa que todos nós estejamos falando de igreja no mesmo sentido.

Não são poucas os casos em que a palavra igreja é usada para se referir a um templo, a um prédio, onde pessoas se reúnem para realizarem seus cultos. Igreja também pode ser uma referência denominacional: a Igreja Católica, a Igreja Luterana, a Igreja Batista, a Igreja Assembleia de Deus, e assim por diante. Por ser uma palavra que é de uso múltiplo, torna-se indispensável de que perspectiva olhamos para o conceito igreja.

A *Confissão de Augsburgo* nos seus artigos VII e VIII faz uma leitura do termo igreja que pode auxiliar a compreender o que vem a ser a esta palavra no sentido primeiro. Segundo Filipe Melanchton, a Igreja é a “congregação dos santos”. Esta é uma definição teológica para a palavra igreja. Diferente de outras perspectivas, a igreja aqui não é alusão a um prédio, a uma denominação, mas sim a uma associação de pessoas. Mas uma simples associação de pessoas ainda não é uma igreja. O que faz com que essa congregação, esta associação se torne uma igreja? Melanchton novamente nos auxilia, dizendo que existem dois elementos indispensáveis que necessitam estar presentes nessa associação para que ela se torne igreja por excelência no sentido teológico: a pregação pura do evangelho e a correta administração dos sacramentos.

A presença desses dois elementos possibilita que uma associação convencional de pessoas possa ser chamada de congregação das pessoas santas. Esta congregação, no entanto, não é composta de pessoas perfeitas, prontas na fé, mas sim, de gente que carrega consigo a disposição de se achegar perante Deus e dizer: “Senhor, eu creio, ajuda-me, contudo, na minha falta de fé” (Marcos 9.24).

A sabedoria evangélica

Vimos que a *Confissão de Augsburgo* não é apenas um documento histórico, que é designado de escrito confessional na Constituição da IECLB. A CA é, no fundo, uma espécie de sabedoria teológica acumulada, que serve de orientação e de estímulo para a reflexão e a para a prática da fé evangélico-luterana.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

PALAVRA INDISPENSÁVEL

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Em muitas de nossas casas, a Bíblia tornou-se um livro empoeirado. Em algumas ela tem um lugar de destaque na estante, aberta sobre um suporte. Em outras casas ela está suja, amassada, rasgada até de tanto uso. Assim, e de muitas outras formas, a Bíblia faz parte do cotidiano de muitas famílias cristãs e também de pessoas de outras crenças.

Lutero a princípio não tinha Bíblia no seu cotidiano. Quando ele começou a estudar, teve seu primeiro contato com a Bíblia, conforme ele mesmo relatou em 1540:

Como adolescente em Erfurt, vi a Bíblia na biblioteca da universidade e li uma passagem de Samuel. Mas a sineta chamou-me de volta à preleção. Eu tinha uma enorme vontade de ler todo aquele livro. Só que, naquele tempo, não surgia nenhuma oportunidade.

Lutero, como sabemos, passou por uma crise existencial. Ele pensava: “como pode um Deus que se prega como justo ser tão mau e carrasco com suas criaturas?” A partir deste pensamento, ele se autoflagelava, na esperança de conseguir o perdão de Deus por seus inúmeros pecados. Outra forma de conseguir perdão era com severas penitências, como, por exemplo, subir vários degraus de uma escada de joelhos.

Com o estudo da Bíblia, Lutero descobriu o ingrediente indispensável que iria mudar a sua vida (e a vida de muita gente). Na carta aos Romanos, leu: “O justo viverá pela fé”. Lutero descobriu um outro Cristo, um Cristo amigo, solidário, que sofre por nós e se coloca ao nosso lado, no nosso sofrimento, e não um Cristo que exige o nosso sofrimento.

A partir disso, sua nova interpretação das escrituras incomodava quem sempre teve o domínio do estudo e da interpretação dos textos. Suas palavras geravam uma postura desafiadora, que enfrentava tradições e pessoas importantes, como bispos e o próprio Papa.

Seus escritos tornaram-se públicos e suas ideias começaram a ser debatidas. Um momento marcante nesse sentido foi a sua convocação para a dieta de Worms. Lá ele foi pressionado a negar ou afirmar os seus escritos e suas convicções, diante do Imperador. Lutero até queria debater com seus oponentes, mas a questão foi colocada categoricamente, em duas questões: “Estes escritos são seus?” (Colocaram diante de Lutero os textos que circulavam na Alemanha). Lutero respondeu que sim. “Você nega o que você escreveu ou afirma isto?” Diante da questão, Lutero pediu um tempo para pensar, mas ganhou apenas um dia para isto. No

outro dia, chegando diante dos estudiosos, autoridades e do Imperador, Lutero colocou o seguinte:

Sendo que Vossa Majestade e Graça Imperial deseja uma resposta simples, quero dá-la de forma não ofensiva nem agressiva: A não ser que seja convencido pelo testemunho da Escritura ou por argumentos evidentes (pois não acredito nem no papa nem nos concílios exclusivamente, visto que está claro que os mesmos erraram muitas vezes e se contradisseram a si mesmos) – e minha convicção vem das Escrituras a que me reporto, e minha consciência está presa à Palavra de Deus – nada consigo nem quero retratar, porque é difícil, maléfico e perigoso agir contra a consciência. Deus que me ajude. Amém.

Alguém, aí, fala, lê ou escreve em latim?

A Bíblia usada nas universidades e igrejas estava escrita em latim. Somente os clérigos e estudiosos entendiam o latim. Lutero acreditava que o povo deveria conhecer este Cristo que ele conheceu, e por isso traduziu a Bíblia para o alemão. Estas palavras de Lutero nos mostra a sua convicção:

Não se deve querer falar alemão como se encontram as letras na língua latina. Isso fazem esses asnos. Ao contrário, devemos perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, olhar atentamente para suas bocas, como costumam falar e traduzir correspondentemente. Aí essas pessoas entendem e notam que se fala alemão com elas.

Na Bíblia dá para ouvir a voz de Cristo

A Bíblia fala do testemunho do povo de Deus que vive com Deus. A Bíblia é fruto dessa relação entre Deus e seu povo – esse Deus fala para o seu povo através do Espírito Santo. Lutero diferenciava a Bíblia escrita da “viva voz do Evangelho”. Os ministros e as ministras, quando pregam sobre textos do Antigo Testamento, aprendem a elaborar o que se chama de “curva cristológica”, ou seja, a Palavra de Deus que vem do Antigo Testamento (primeira aliança) deve ser refletida a partir da mensagem do Evangelho. Tudo aquilo que está na Bíblia deve promover o Evangelho de Jesus Cristo.

Aquilo que não ensina a Cristo não é apostólico, mesmo que Pedro ou Paulo o ensine; inversamente, aquilo que prega Cristo é apostólico, mesmo que Judas, Anás Pilatos ou Herodes o façam.

Essas palavras de Lutero são radicais. A Bíblia perde seu caráter divino, no sentido de que ela, em si, não tem poder de salvar alguém. O que está na Bíblia pode ser usado contra ou a favor da vida, como, por exemplo, os primeiros colonizadores que chegaram às terras brasileiras em 1500: trouxeram a Bíblia, mas em nome dela (da Palavra de Deus) mataram milhares de pessoas indígenas e agiram em favor de interesses mercantilistas. A Bíblia deve ser elemento que promove a mensagem de vida de Cristo. Lutero falou assim contra interpretações das escrituras que não promoviam vida: “Se os adversários promovem a Escritura contra Cristo, então nós promovemos Cristo contra a Escritura.”

A ação do Espírito Santo guia a interpretação da Palavra. É Deus que vem e fala a nós, através de nós mesmos e mesmas. Lutero entende essa ação como uma experiência:

Ninguém poderá compreender direito a Deus nem a palavra de Deus a não ser que o tenha diretamente do Espírito Santo. Ninguém, entretanto, pode tê-lo do Espírito Santo sem experimentá-lo, prová-lo, senti-lo, e nessa experiência, o Espírito Santo ensina, como que em sua própria escola, fora da qual nada se ensina senão palavras ilusórias e conversa fiada.

Com isso, a Bíblia e a experiência humana se complementam na construção ou processo que chamamos de crescimento na fé. O texto escrito nos testifica a ação de Deus em favor da sua criação. Hoje a leitura e interpretação da Palavra são guiadas pelo Espírito Santo, no meio em que atuamos. Cada um e cada uma de nós que quer desempoeirar a Bíblia precisa aprender a desempoeirar também as relações humanas, na família, no grupo de jovens, no trabalho, na sociedade. A palavra de Deus escrita há tantos anos atrás é chave para nossa vida hoje. Se estamos estudando essa Palavra, queremos que ela determine o nosso caminhar de fé, de lutas por uma sociedade mais justa. Devemos experimentar, ler, falar, expressar:

“Ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário, coloca-a sobre um velador, a fim de que os que entram vejam a luz.”
(Lucas 8.16)

Lutero acendeu uma luz. Somos hoje também desafiados e desafiadas a manter esta luz da interpretação da Palavra de Deus viva entre nós.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

TODAS AS CRUZES NA CRUZ DE CRISTO

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Uma dúvida comum em nossa igreja é a respeito do crucifixo: a cruz deve estar vazia ou com o corpo de Cristo crucificado? A primeira segue argumentos da Ressurreição: Jesus Cristo passou pela cruz, mas ao ressuscitar venceu a morte, a morte de cruz. A segunda diz respeito à imagem. É necessária a imagem do Cristo crucificado para nos lembrarmos do sofrimento de Deus e de sua morte em favor de nós.

A cruz, segundo as palavras do evangelho, é vontade do Pai. Jesus prediz a sua morte, mas também sua ressurreição. Nós cremos, em primeiro lugar, num Jesus que passou pelo sofrimento, aceitou o seu caminho de dor e passou o sofrimento humano. Nesta fraqueza, Lutero encontra forças para falar de Deus. Isto é teologia da cruz.

Em contrapartida, muitas vezes não queremos acreditar que Deus, o todo poderoso, morreu numa cruz, sofreu na mão de pessoas e morreu. A tendência natural do nosso ser humano é de esperarmos um Deus glorioso, que venha com o seu exército de anjos e arcanjos para nos livrar do mundo mau.

Lutero, porém, interpretou este tipo de pensamento pelo viés das obras. Para ele, quando colocamos nossa razão ou nossa esperança antes da vontade de Deus, estamos nos colocando acima de Deus. Em outras palavras, nosso pensamento não é o pensamento de Deus. Deus se revela na cruz. Nós queremos um Deus de exércitos; Jesus andou em meio ao povo simples; nós queremos um Rei...

Deus escolheu para o seu filho o caminho do sofrimento. O Deus que pode nos salvar é o Deus da cruz. Isso não significa que, porque Deus na pessoa de Jesus Cristo sofreu, nós também devemos sofrer. Essa era a esperança de Lutero antes de descobrir a justificação por graça, quando se autoflagelava. O sofrimento é algo presente na vida humana, mas não devemos louvá-lo, e sim, questioná-lo e transformá-lo em sinais de vida e ressurreição. Passando pela cruz, Cristo se fez gente e ressuscitou.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

POVO DE DEUS UNIDO EM MEIO ÀS DIFERENÇAS

Carlos Gilberto Bock

O termo *ecumenismo* deriva-se da palavra grega *oikoumene*, que designa o mundo habitado como uma casa comum, onde prevalece a unidade em meio às diferenças. Trata-se de um termo bastante antigo, que experimentou diferentes ênfases ao longo da história (ênfase geográfica, cultural, política e religiosa). Mais modernamente (no último século), as pessoas cristãs têm usado esse termo para designar o compromisso em prol da unidade do povo de Deus.

O ecumenismo, na perspectiva cristã, busca tornar visível a unidade do povo de Deus, já realidade pela fé em Cristo. A vivência dessa unidade se dá dentro da “casa comum”, ou seja, na dimensão da história humana. A “casa comum” que os seres humanos habitam se encontra, contudo, dividida em diferentes credos, etnias, gêneros, povos, línguas, classes sociais, etc. A diversidade humana é em si legítima; a pluralidade é um valor a ser cultivado. Não pode, porém, se tornar um argumento para fundamentar a perpetuação de desigualdades, ou seja, a confirmação de uma força sobre outra.

A compreensão cristã do ecumenismo como a busca da unidade do povo de Deus não pode ser dissociada, portanto, desta compreensão mais abrangente do mundo como a casa comum, que sofre com as consequências das divisões e desigualdades humanas. O povo de Deus é chamado a ser sinal e testemunho da reconciliação de Deus com sua criação.

O ecumenismo e suas diferentes expressões

O movimento ecumênico, a rigor, caracteriza-se pela diversidade não só de igrejas e entidades, mas também de propostas e modelos de unidade. No início, o movimento ecumênico se desenvolveu a partir do compromisso missionário. O **ecumenismo de missão**, como seu nome já diz, busca a convergência de esforços no sentido de evangelizar o mundo não cristão. O ideal visado é a unidade das pessoas cristãs para que o mundo todo creia.

Um segundo tipo de proposta pode ser identificado como **ecumenismo diaconal**. Essa proposta enfatiza a busca da unidade dos cristãos e das cristãs no sentido de cooperação e serviço, a fim de reverter situações de sofrimento e de divisões sociais de origem econômica, racial, étnica, cultural, de gênero, etc. No Brasil, esse tipo de ecumenismo é promovido, por

exemplo, pela *Coordenadoria Ecumênica de Serviços* (CESE – 1973), com sede em Salvador, a qual congrega seis igrejas cristãs. Também a *Diaconia* (1967), de Recife, que congrega onze igrejas, representa este tipo de ecumenismo. CESE e *Diaconia* atuam, principalmente, no apoio a projetos diaconais e de desenvolvimento, em âmbito nacional. A IECLB é membro da *Diaconia* desde 1967, e da CESE, desde 1983.

Um terceiro tipo pode ser classificado como ***ecumenismo teológico-doutrinal***. A ênfase dessa proposta é a unidade visível da Igreja de Cristo. Ela leva a sério as diferenças confessionais, procura cicatrizar as feridas históricas que originaram as divisões e busca por convergências teológicas entre as diferentes igrejas. No Brasil, quem representa esse tipo de ecumenismo é o *Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil* (CONIC – 1982), com sede em Brasília, o qual congrega cinco igrejas-membro, entre elas a IECLB. O CONIC, entre outras atividades, organiza anualmente a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Conta também, em alguns estados e cidades, com representações regionais e locais.

Em âmbito internacional, desde 1948, existe o *Conselho Mundial de Igrejas* (CMI), com sede em Genebra – Suíça. O CMI é o conselho mais representativo do cristianismo no mundo e tem como uma de suas grandes tarefas promover o ecumenismo entre as igrejas-membro, incluindo a IECLB, que o integra desde 1950. Em nível continental existe o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), com sede em Quito, Equador. O CLAI congrega as igrejas evangélicas do continente americano. A IECLB integra o CLAI desde a sua fundação oficial, em 1982.

Além dos conselhos, as igrejas mantêm ainda em âmbitos internacional, regional e nacional comissões de diálogo bilateral que buscam consensos teológicos em torno de temas que historicamente as afastaram. Exemplo concreto desses esforços foi, em 1999, a assinatura de um acordo internacional entre a Igreja Católica Apostólica Romana e a Federação Luterana Mundial sobre a *Doutrina da Justificação por Graça e Fé*. Essa doutrina foi um dos motivos para a Reforma Luterana no século XVI, e hoje, segundo este acordo, já não é mais motivo de discórdia entre as igrejas católica e luteranas.

Um quarto tipo de ecumenismo, bastante difundido na América Latina, tem sido identificado como ***ecumenismo de base*** ou *popular*. Essa proposta nasceu a partir das necessidades concretas do povo empobrecido e teve um papel significativo no processo de redemocratização da organização popular e da solidariedade das pessoas excluídas, a partir da fé em um Deus libertador. Buscam-se melhores condições de vida e de dignidade em situações bem concretas, como moradia, saúde, trabalho, terra, salários dignos, etc.

Diversos movimentos da sociedade civil brasileira que hoje contam com reconhecimento público têm suas raízes no movimento ecumênico de cunho popular. Entre as entidades ecumênicas que historicamente estiveram vinculadas a essa proposta, podemos citar, por exemplo, o Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria (CECA), o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), Koinonia, o Centro Ecumênico de Capacitação de Serviços à Educação e Evangelização Popular (CESEP), o Instituto de Estudos da Religião (ISER).

Por fim, poder-se-ia mencionar ainda o ***diálogo inter-religioso***, que de forma mais explícita que os modelos anteriores, procura promover o diálogo com outras religiões. Neste caso o ecumenismo extrapola o ambiente cristão. Alguns autores e autoras designam essa

proposta de *macroecumenismo*. As iniciativas relacionadas a ela têm a importante função de promover o mútuo conhecimento e reconhecimento, bem como a defesa conjunta da paz e da justiça na sociedade.

Referências bibliográficas

BOCK, Carlos Gilberto. *O ecumenismo eclesiástico em debate*. Uma análise a partir da proposta ecumênica do CONIC. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1998. 149 p.

DECLARAÇÃO Conjunta Católico Romana Evangélico Luterana. *Doutrina da Justificação por Graça e Fé*. Porto Alegre Edipucrs/Cebi, 1998. 79 p.

SANTA ANA, Júlio de. *Ecumenismo e Libertação*. São Paulo Vozes, 1991. 317 p.

TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus*. Uma análise do movimento ecumênico de base. São Leopoldo/Cebi, 1998, 256 p.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

AUTORRETRATO DE MARTIM LUTERO

Pastor Albérico Baeske

Nós, os evangélicos luteranos e as evangélicas luteranas, não cremos em Martim Lutero, mas em Jesus Cristo. Não fomos batizados e batizadas em nome de Martim Lutero, mas em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Difícilmente alguém outro disse isto, tantas vezes e com tanta clareza, quanto o próprio Lutero:

“Em primeiro lugar, peço omitir meu nome e não se chamar de luterano, mas cristão. Que é Lutero? A doutrina não é minha. Tampouco fui crucificado em favor de alguém. Em 1 Coríntios 3.4-5, Paulo não quer que cristãos se chamem de paulinos ou petrinus, mas cristãos. Que pretensão seria essa de um miserável e fedorento saco de vermes como eu, se quisesse que os filhos de Cristo fossem chamados por meu desastrado nome?

Que não seja assim, amigo. Vamos extirpar as siglas partidárias e nos chamar de cristãos, de quem temos a doutrina. Os papistas apropriadamente têm nome de partido. Já que querem ser papistas, que sejam do papa, que é seu mestre. De minha parte, não sou nem quero ser mestre de ninguém. Junto com a comunidade, comungo da única universal doutrina de Cristo, que é nosso Mestre exclusivo, Mateus 23.8” (OS 6, 481.6-18).

Por isso jamais declaramos Martim Lutero infalível. Sempre medimos tudo o que ele falou e praticou com a palavra e a ação de Jesus Cristo, asseguradas no testemunho dos apóstolos e evangelistas.

Afinal, quem é Martim Lutero? Ele mesmo se expressou assim:

“Nós, porém, não inventamos uma pregação nova, e, sim, trouxemos novamente à tona a mesma antiga comprovada doutrina dos apóstolos. Assim também não inventamos um novo Batismo, Sacramento, Pai-Nosso, Credo. Não queremos saber de nada de novo na Cristandade nem tolerá-lo, mas lutamos exclusivamente pelo velho (que Cristo e os apóstolos nos legaram e nos deram), e a ele nos atemos. O que fizemos foi o seguinte: visto que constatamos que tudo isso havia obscurecido pelo papa por meio de sua doutrina humana, sim, porque o havia velado com uma grossa camada de pó e teias de aranha e toda sorte de excrementos de bicharia, tendo-o inclusive lançado e pisado na lama, nós o trouxemos novamente à tona pela graça de Deus, o limpamos dessa imundice, podendo agora cada qual enxergar o que é o Evangelho, Batismo, Sacramento, Ceia do Senhor, Poder das Chaves, oração, o que Cristo nos legou, e como se deve fazer uso salutar deles.” (WA 46, 62.67-63.2).

Daí chamamos Martim Lutero de faxineiro da Igreja. Justamente nisso ele é seguidor de Jesus Cristo (cf. Marcos 11.15-18).

Na medida em que notamos que Martim Lutero na sua pregação e prática está em conformidade com Jesus Cristo, testemunhando pela Bíblia, vale o que Lutero formulou da seguinte maneira:

“É verdade! Por amor de tudo que é sagrado, jamais digas: eu sou luterano ou papista, pois nenhum deles morreu por ti nem é teu mestre, e, sim, somente Cristo. Por isso deves confessar-te cristão. Mas se és da opinião de que a doutrina de Lutero é evangélica e a do papa antievangélica, não deves rebaixar tanto o Lutero, senão também rebaixas sua doutrina, que, afinal, reconheces como doutrina de Cristo. Mas deverás dizer: quer o Lutero seja um safado ou um santo – isso não me importa. Sua doutrina, porém, não é sua, e, sim, do próprio Cristo, pois vêς que os tiranos perseguem essa causa não para matar o Lutero, e, sim, querem exterminar a doutrina. É por causa da doutrina que te atacam e te perguntam se és luterano. Aqui, na verdade, não deves falar com palavras toscas, e, sim, confessar francamente a Cristo, não importando se foi Lutero, Claus ou Jorge que o pregou. Deixa a pessoa de lado, mas confessa a doutrina. Assim também escreve São Paulo a Timóteo em 2 Timóteo 1.8: ‘Não te envergonhes do testemunho de Nosso Senhor, nem de mim, encarcerado por amor do dele’. Se tivesse sido suficiente que Timóteo confessasse o Evangelho, Paulo não lhe teria ordenado que também não se envergonhasse dele, não da pessoa de Paulo, e, sim do encarcerado por amor do Evangelho.

Se agora Timóteo tivesse dito: Não sou partidário nem de Paulo nem de Pedro, mas ateno-me a Cristo, sabendo, não obstante, que Pedro e Paulo ensinam a Cristo, teria negado com isso o próprio Cristo. Pois Cristo diz em Mateus 10.40 a respeito dos que o pregam: Quem vos recebe a mim me recebe e quem vos despreza a mim me despreza, Lucas 10.16. Por que isso? Porque tratam desse modo seus mensageiros (que trazem sua palavra), e isso é como se tivessem sido tratadas assim suas palavras.” (WA 10/II, 40.5-29).

Quer saber mais?

ALTMANN, Walter. *Lutero, afinal, o que quis?* In: DREHER, Martin Norberto (apr. e org.) *Reflexões em torno de Lutero* volume 1. São Leopoldo. Sinodal, 1981. 123p. p.9-27.

BAESKE, Alberico. *Martim Lutero: Pecador, mas Evangelista de Cristo*. In: Id. Ibid. volume II. Ibid., 1984. 168p. p.19-28.

DREHER, Martin Norberto. *Aspectos Humanos na Vida de Lutero*. In: Id. Ibid. volume III. Ibid., 1988. 154p. p.9-28.

MEYER, Harding. *A Obra de Lutero*. In: ISERLOH, Erwin e MEYER, Harding. *Lutero e Luteranismo Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1969. 111p. p.23-43.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

MATRIMÔNIO E FAMÍLIA: A MELHOR BÊNÇÃO

Pastor Sidnei Vilmar Noé¹

Diálogo, amor e fé. Esses são os três ingredientes que o pastor Dr. Sidnei Vilmar Noé, define como sendo os elementos fundamentais para a formação e manutenção de famílias saudáveis e bem estruturadas, psicoemocional e espiritualmente. Nesta entrevista, ele fala sobre a compreensão de família e matrimônio na Igreja Luterana e as questões que envolvem famílias em nossos dias.

Em que medida a reforma protestante, no século XVI, protagonizada por Martin Lutero, afetou o conceito de família e matrimônio vigentes à época? O que teve de novo?

Sidnei Vilmar Noé – O monge agostiniano Martin Lutero foi uma pessoa surpreendente. Ele não se contentou, nem se acomodou com as coisas como são. Ele queria que a realidade (o mundo, o povo, o governo, a igreja) fosse examinada à luz da Sagrada Escritura. Somente a Bíblia e somente Cristo são a base para que o cristão e a cristã possam avaliar-se a si mesmos e ao mundo à sua volta.

E foi neste seu criterioso estudo da Sagrada Escritura que Lutero encontrou o fundamento que veio a desencadear o movimento da Reforma: “O justo viverá por fé” (Romanos 1.17b). A partir deste critério bíblico-teológico foi reavaliando uma série de questões, entre elas a questão do matrimônio. Fé é dádiva de Deus, é graça de Deus para com as pessoas. E esse é o modo por excelência através do qual Deus se relaciona com a criação: Uma maneira graciosa, misericordiosa, amorosa e benevolente.

O matrimônio também é visto nesta perspectiva: ele é uma dádiva, uma bênção, manifestação da graça divina. Ele é presente de Deus às criaturas preferidas, como gesto de amor. O fundamento do matrimônio, enquanto instituição de Deus para as pessoas, Lutero encontra já no relato da criação, em Gênesis.

Lá nos é dito que o matrimônio tem dois objetivos básicos: que o ser humano não esteja só, mas que tenha a companhia de outrem e que a partir desta relação o ser humano possa se multiplicar e povoar a terra.

¹ Entrevista concedida ao jornalista Ricardo Fiegenbaum no Programa Comunidades Em União, da Rádio União FM, de Novo Hamburgo/RS, em outubro de 2001.

Neste sentido, Lutero valorizou o matrimônio e a família como sendo um estado melhor, como a situação normal, ordem para a humanidade. Isso teve repercussões profundas na sua época e reflexos até hoje. Em sua época, a união matrimonial era amplamente vista como uma forma inferior de servir a Deus. Os matrimônios eram, via de regra, arranjos feitos pelas famílias por interesses muitas vezes meramente materiais. Lutero prestigia a união matrimonial como a vontade original do Criador. E ele próprio tirou as consequências de sua redescoberta do Evangelho, largando a vida celibatária e casando-se com Katharina von Bora, a qual chamava carinhosamente no alemão de “meine Käthe”. Certa vez comentou: “Não trocaria minha Käthe pela França e por Veneza de brinde”. Teve com ela seis filhos: João, Elisabete, Madalena, Martim, Paulo e Margarete.

Qual era a compreensão de Martim Lutero sobre família e casamento?

Sidnei Vilmar Noé – Na família e no matrimônio as pessoas cristãs devem exercer sua vocação de amor diante de Deus e do próximo. Assim como no trabalho e na profissão, como na relação com os vizinhos e as vizinhas, na família se pratica o amor. E esta prática do amor significa entre tantas outras coisas, ouvir, dialogar, consolar, mas também exortar a outra pessoa.

Apesar do matrimônio ter sido instruído por Deus, como a ordem desejada, e isto não lhe dá um status de santificação, de pureza e de invulnerabilidade diante do mal. Muito pelo contrário, também dentro das relações familiares e no matrimônio a pessoa cristã continua exposta ao pecado. É necessário, pois, diariamente voltar os olhos a Deus em confissão de culpa e arrependimento para vencer o mal incrustado em nós mesmos e mesmas. Em outras palavras, o fato de ser viver em união conjugal não implica ser mais santo ou santa, nem mais pecador ou pecadora do que outras pessoas.

Isso significa também que, por causa do pecado e da fraqueza humana, o juramento feito diante de Deus muitas vezes é quebrado. Deus mantém sua bênção e sua aliança com o ser humano, mas o ser humano muitas vezes é incapaz de corresponder às alianças que ele mesmo, na melhor das intenções e com a mais profunda seriedade, contrai.

E, por fim, matrimônio é benção e não lei! Os votos matrimoniais são expressões do amor de duas pessoas livres, uma com a outra, diante de Deus e da comunidade. Por isso, o princípio que deveria nortear a relação conjugal, deveria ser de gratidão pela dádiva recebida.

Em que sentido as mudanças na estrutura familiar de nossos dias têm afetado a compreensão luterana sobre a família?

Sidnei Vilmar Noé – É bastante evidente a constatação que a estrutura familiar de hoje está passando por profundas transformações. Tem-se dito que ocorre uma espécie de “erosão” das instituições sociais, dentre elas a própria família. Por uma série de circunstâncias, as pessoas estão mais fragilizadas e sozinhas. Contrair matrimônio e ter filhos e filhas não é mais a única proposta, mediante a qual as pessoas esperam alcançar o sentido para sua vida e sua felicidade. Há uma pluralidade de propostas, sendo que nem todas conseguem responder adequadamente aos anseios das pessoas. Ocorre muita desilusão tanto dentro, quanto fora do matrimônio.

A família é e continuará sendo a base para a vida e a sobrevivência da humanidade. Não obstante, sua estrutura vai se transformar no decorrer dos tempos e nos respectivos contextos. Os cristãos e as cristãs em geral e os luteranos e as luteranas em especial devem acompanhar atentamente estes processos, no sentido de ajudar as pessoas em suas crises e sofrimentos. A prática do amor ao próximo e à próxima significa ir ao encontro das pessoas anunciando o amor, a graça e o perdão de Deus, seja qual for a causa do sofrimento.

A instituição família está em crise ou estamos vendo o surgimento de novos modelos de família?

Sidnei Vilmar Noé – Os momentos de crise são também momentos de novos desafios. A crise em si não é o problema. A questão é aproveitar o momento da crise para avançar, para amadurecer. Os novos modelos de convivência que vêm sendo ensaiados são propostas que surgem em meio à crise. Ao contrário de ameaçar a instituição família, eles aprofundam sua base e sua compreensão. Uma questão que parece se tornar cada vez mais imperativa é que se busca a autenticidade nos relacionamentos.

Por outro lado, as pessoas estão, cada vez mais, perdendo a capacidade de manter relações satisfatórias, duradouras e equilibradas. O matrimônio e a família também são um palco de conflitos múltiplos, diante dos quais as pessoas não têm encontrado mais as energias necessárias para sua resolução. E estes conflitos tendem a se intensificar, à medida que outras relações, como por exemplo, no trabalho, vão sendo fonte de frustrações. Trata-se de uma sobrecarga para família e para o matrimônio, quando se procura fazer dela uma espécie de “hospital para uma sociedade doente”.

Como a igreja, sendo uma família de famílias, pode tornar-se um centro de bem-estar familiar?

Sidnei Vilmar Noé – Bem, a igreja é a comunhão de todas as pessoas que creem em Jesus Cristo. Como tal, a pessoa cristã tem uma dupla determinação: é livre sobre todas as coisas e não está sujeita a ninguém; e, por outro lado, é servidora de todas as coisas e sujeita a todos. Sob este pano de fundo, todos e todas têm responsabilidade com todos e todas. Lutero falava no sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.

Para que haja uma boa atmosfera na convivência familiar é necessário que as pessoas se comuniquem entre si; é preciso que ocorra respeito mútuo; é importante que se busque ouvir mais do que falar. A comunidade de fé também pode auxiliar as famílias: Ela pode ir ao encontro da formação dos filhos e das filhas, mantendo escolas de qualidade e que se ocupam com a formação do caráter; ela pode oferecer serviços de apoio, tanto no sentido material, quanto no sentido psicológico e espiritual.

A igreja, enquanto congregação de fiéis, também pode ser uma espécie de família na relação entre seus membros. Aliás, este foi o conceito de família que Jesus nos deixou: família como todos aqueles e todas aquelas que amam e fazem a vontade de Deus. Este é um constante desafio para a igreja: tornar a relação entre as pessoas tão satisfatória, intensa e profunda, quanto deve e pode ser a relação familiar.

Quais são os elementos fundamentais para a formação e a manutenção de famílias saudáveis e bem estruturadas, psicoemocional e espiritualmente.

Sidnei Vilmar Noé - Eu resumiria em três coisas: diálogo, amor e fé.

Lutero deu especial atenção para o papel dos pais na educação dos filhos e das filhas. Hoje essa educação está cada vez mais “terceirizada” (igreja, escola) por razões econômicas, geralmente. Quais são as tarefas indelegáveis dos pais e das mães, que sem as quais eles e elas deixam de exercer a sua paternidade ou maternidade?

Sidnei Vilmar Noé - A formação da personalidade e do caráter dos filhos e das filhas ocorre na família. Este papel é intransferível, inalienável e não pode ser “terceirizado”. Os pais e as mães, através de seu exemplo de vida, através de suas palavras, através de seus valores vão servindo de exemplo aos seus filhos e as suas filhas. À medida que não o fazem, seja qual for a razão, vão abrindo mão da formação de seus valores. Como substituição, o filho ou a filha vai buscar esses valores em outros lugares. Não raro, encontra-os na televisão, nos jogos de computador, nas gangues. E alguns desses valores dificilmente são conciliáveis com a fé cristã.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

ENSINEM O POVO A LER! CONSTRUAM ESCOLAS!

Pastor Ricardo Rieth¹

Estudiosos de diversas áreas do conhecimento reconhecem que o movimento da Reforma do século XVI foi decisivo para a mudança do mundo de então, especialmente no que se refere à educação. Nesta entrevista, o pastor Dr. Ricardo Rieth, fala a respeito da importância da Reforma para formação da cidadania a partir da educação.

Uma das iniciativas mais badaladas da Reforma foi a tradução da Bíblia com a linguagem do povo. O que isso significou em termos educacionais para a época? O povo já sabia ler ou Lutero precisou junto com isso promover a alfabetização?

Ricardo Rieth – Isto teve um impacto muito grande na época. Nós precisamos imaginar que, na Alemanha de então, mais de 95% da população era formada por pessoas analfabetas. De uma hora para outra, tornava-se importante para as pessoas que participavam do culto e das atividades da igreja ter conhecimento e informações a respeito da mensagem cristã, presente na Escritura Sagrada. Porque, para Lutero e os outros reformadores, a Bíblia era a autoridade em termos de igreja e de teologia. Então era muito importante que as pessoas, para poderem participar ativamente na vida da igreja e também da sociedade, tivessem acesso à Bíblia. A Reforma, ao enfatizar esse princípio de autoridade para a vida cristã, para a vida da igreja, para a teologia, para o pensamento cristão... decretou praticamente uma mudança radical em termos da sociedade.

Isto não só afirma quem estuda no âmbito da teologia e da igreja, mas também na área da educação. Há bastante clareza no sentido de dizer que a Reforma teve uma repercussão tremenda na história da educação, justamente por tornar isso acessível para o povo. Se transportamos isso para o Brasil de hoje, onde nas últimas décadas tivemos um crescimento muito grande de igrejas evangélicas, principalmente, as (neo)pentecostais, vai ver o que isso está fazendo em termos de alfabetização da população brasileira. A necessidade de saber ler a Bíblia tem feito o que programas de alfabetização em décadas passadas, como o Mobral, por

¹ Entrevista concedida ao jornalista Ricardo Fiegenbaum no Programa Comunidades Em União, da Rádio União FM, de Novo Hamburgo/RS, em outubro de 2001.

exemplo, jamais alcançou. As pessoas estão sendo alfabetizadas no Brasil para a leitura da Bíblia e isso lhes abre novos caminhos e novas possibilidades, como foi na época da Reforma.

Em termos mais específicos, quando o povo se apropriou do alfabeto, como é que, na sua avaliação, isso repercutiu na sociedade da época, em termos de participação cidadã, por exemplo?

Ricardo Rieth – Qual era a ideia fundamental de Lutero em termos de participação na vida da igreja e na vida da sociedade? Ele achava que as pessoas não deveriam se sujeitar a uma autoridade que, supostamente seria colocada por Deus na vida delas. Ele destacava, a partir de diferentes textos do Novo Testamento, o chamado “sacerdócio geral” de todas as pessoas crentes, ou seja, a pessoa que é batizada se torna uma sacerdotisa na igreja, ocupa a função mais elevada, e isso quer dizer que temos uma igreja toda ela de sacerdotes e sacerdotisas.

Como assumir essa parcela de poder que se recebe a partir do batismo? Justamente, estando próximo daquela que é fonte de autoridade para distinguir e decidir coisas dentro da igreja, que é a Escritura Sagrada. Isso teve uma repercussão muito grande para fora das comunidades. Podemos encontrar estudos, por exemplo, no campo da ciência política, que mostram o quanto as organizações mais democráticas de lideranças comunitárias a partir da Reforma (seja da Reforma Luterana, seja da Reforma Calvinista) acabaram sendo transportadas para fora do ambiente eclesial e foram incorporadas na vida política de então. Ali nós tivemos as primeiras experiências democráticas que se consolidaram depois, nos séculos posteriores. Basicamente, o acesso à leitura e à informação fez com que as pessoas tivessem mais condições de decidir, de atuar, de participar, e isto foi o fundamental na Reforma.

No âmbito agora doméstico, aos pais e às mães são dadas tarefas específicas na educação dos filhos e das filhas - Lutero entendia assim também. Quais são algumas dessas atribuições que Lutero ressaltou e que ainda hoje permanecem atuais? E quais foram esquecidas ao longo do tempo e precisam ser resgatadas?

Ricardo Rieth – Bem, a primeira grande tarefa dos pais e das mães era a de enviar os filhos e às filhas à escola. Lutero tem, inclusive, um livrinho que ele escreveu chamado *Uma Prédica para que os Pais mandem os Filhos para à Escola*. No momento em que a Reforma afirmou que a pessoa não é salva pelas suas obras, por aquilo que ela produz, mas por aquilo que Deus faz, bastando reconhecer sua condição de injustiça e acolher a justiça que Deus oferece em Jesus Cristo, houve muita gente que pensou: “bom, agora eu não preciso fazer mais nada! Agora eu também não preciso me ocupar mais com a manutenção das escolas.” Isto aconteceu tanto da parte de autoridades, quanto da parte de pais e mães. Então Lutero foi muito incisivo no sentido de exigir que os pais e as mães mandassem os filhos e as filhas à escola, que as autoridades mantivessem estas escolas, dessem condições de funcionamento para elas. E por quê? Porque é a única forma de, tanto na igreja, quanto na sociedade, acontecer aquilo que Deus quer para a igreja e para a sociedade. Na igreja, fundamentalmente, que o Evangelho seja pregado. Para isto é preciso que pessoas preparadas estejam ali. Como fazê-lo sem que as pessoas estejam nas escolas, sem que as crianças e jovens tenham formação? A mesma coisa se espera das pessoas preparadas para atuar na sociedade, para dirigir politicamente a sociedade. Isto não poderia acontecer sem que, em um primeiro momento, os pais e as mães não

mandassem seus filhos e suas filhas à escola e não participassem ativamente na sua educação formal. Lutero tem páginas e páginas escritas a respeito disso, muitas delas já à disposição em português.

Na história da Igreja Luterana no Brasil, essa tradição, esse incentivo também estava presente no fato de que muitas das suas comunidades construíram escolas, muitas vezes até antes dos templos. Isto é um traço característico da fé luterana ou é um traço de germanidade, relativo à imigração alemã?

Ricardo Rieth – Eu diria que são as duas coisas, porque, veja: nós tivemos também imigrantes de origem católica que vieram pra cá e que procederam da mesma forma. Mesmo em precárias condições, criaram e mantiveram escolas, sustentaram professores e professoras. Sem dúvida, isso foi uma decorrência de todas as transformações que isso foi uma decorrência de todas as transformações que aconteceram na Alemanha a partir da Reforma. A Reforma não só transformou aquelas igrejas que assumiram a sua mensagem, mas também transformou as igrejas que repeliram a sua mensagem. Por exemplo, a questão da leitura da Bíblia que nós falamos antes, um culto mais próximo da língua do povo... isto influenciou decisivamente também o catolicismo na Alemanha e fez com que, também, a atenção fosse concentrada para as escolas. Por isso, eu diria que as duas coisas.

A Reforma, a partir do século XVI, colocando ênfase numa educação pública, numa educação popular, acabou influenciando de tal maneira todo o meio que inclusive as comunidades católicas também adotaram isso e isso acabou marcando fundamentalmente a sociedade alemã. Quando as famílias imigrantes chegam ao Brasil, a partir das primeiras décadas do século XIX, a primeira coisa que elas vão fazer é organizar escolas, enfim, se organizar. Quero dizer, esse espírito comunitário, esse espírito associativista que, a partir das iniciativas coletivas busca apoio para as pessoas do grupo, foi decisivo na imigração. Sem dúvida alguma, isso não veio do nada. A Reforma foi um dos momentos importantes que criou essa consciência.

O que Lutero pensava sobre as obrigações dos governos em relação à educação. Qual é a tarefa que o cidadão e a cidadã pode exigir do poder público?

Ricardo Rieth – Fundamentalmente que o poder público crie e mantenha escolas. Lutero não pensava em escolas que não fossem mantidas pelas autoridades. Ele tem diversos escritos em que insiste neste aspecto. As autoridades estão cometendo um crime contra a sociedade e contra o povo se elas não criam as condições para que as escolas estejam à disposição. Lutero insistiu muito nisso e foi muito duro na sua linguagem em relação a príncipes, em relação a prefeitos, em relação a vereadores na época. Ele não media suas palavras neste sentido porque sabia que aqui havia uma questão crucial, da qual dependia não só a vida na igreja, mas da qual dependia a manutenção de toda uma ordem social. Sem escolas, sem uma educação formal, isso seria inviável. Daí a insistência de Lutero.

Eu acho que as pessoas que, de uma forma ou de outra, se identificam com o movimento da Reforma, deveriam levar bastante a sério essa insistência e procurar agir de forma semelhante no contexto em que elas estão. Embora a gente viva hoje em dia numa época completamente diferente, em outro lugar, com novos desafios, isso não só se perdeu. Nós muitas vezes

pecamos por não insistir nesse aspecto. Abrimos mão muito rapidamente de algo que é fundamental para a nossa sociedade e para a vida em comunidade.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Henri Luiz Fuchs

Conte-me a história

Lutero, ao perceber as dificuldades e carências do seu povo, lendo a Bíblia, sente a necessidade de buscar um novo sentido de vida a partir de uma igreja capaz de ouvir, ensinar,

cantar e viver uma esperança que se torna concreta na caminhada de fé da comunidade. Assim, ao encontrar em Romanos 1.17 que “o justo viverá pela fé”, abre-se uma nova perspectiva de interpretação da Bíblia e inicia-se um processo de anúncio da descoberta feita no Evangelho. Em decorrência, Lutero defende uma igreja descentralizada, onde cada participante tem um lugar, não necessariamente de liderança, mas um lugar que dê sentido para a vida e perspectivas de um amanhã construído na relação entre as pessoas que, no presente, vivem a história construída e o amanhã, gestado na fé entre irmãos e irmãs.

Não temos o interesse de enaltecer as descobertas de Lutero, mas reconhecer que, entre outros, ele foi um dos precursores de uma educação voltada para a formação e capacitação do ser humano para participar da vida no seu contexto e no seu tempo. É claro que a motivação de Lutero provém da fé que impulsiona uma ação educativa para possibilitar uma consciência das capacidades e dons que cada pessoa pode solidariamente doar para a vida em comunidade. É a partir da construção de relações de fé, amor e paz e de espaços que proporcionem o encontro com o diferente que se constitui um ser humano autônomo, capaz de ler, interpretar e testemunhar a Boa Nova de Deus. Por isso, ainda hoje, na igreja, são realizadas atividades educativas com crianças, jovens, casais, pessoas sozinhas, pessoas com mais experiência de vida. A partir de Lutero, a sociedade não é mais a mesma.

Prezado Sr.

As cartas aos príncipes e as prédicas para as comunidades elaboradas por Lutero começaram a gerar reações e transformações. Algumas reações foram para tentar impedir a sua divulgação. Outras foram para apoiar e aprofundar as discussões. Nestas cartas e prédicas, Lutero insistia no investimento de recursos para criar escolas, ao invés de investir em armas e guerras, e para que os pais e as mães enviassem seus filhos e suas filhas para aprenderem os ensinamentos bíblicos necessários para serem pessoas cidadãos e líderes capazes de governar com ética e amor. Numa sociedade com mais de 95% de analfabetização, uma proposta para investir mais recursos na educação e educar para poder ter acesso à Bíblia, certamente, contrariava muitos interesses.

Não educar é diabólico

A proposta de Lutero está relacionada com a concepção de um ser humano capaz de, na liberdade, amar, comprometer-se com a outra pessoa, e, ao mesmo tempo, depender de Deus para praticar este amor. A educação é a maneira encontrada por Lutero para garantir a redescoberta do Evangelho e para formar cidadãos e cidadãs praticantes do amor que se manifesta na justiça e na fé. A oposição a esta proposta é considerada obra do diabo que quer continuar a dominar o mundo. Para vencê-lo, é imprescindível educar na fé para a cidadania.

Para tal, Lutero apresenta sua proposta de currículo que inclui estudar a Sagrada Escritura e, conseqüentemente, as línguas em que ela foi primeiramente redigida, que são hebraico e grego. Além das línguas, dever-se-ia acrescentar outras, como canto, história, música, matemática. O programa de estudos deveria constar de Sagradas Escrituras, latim, grego, hebraico, alemão e outras línguas; o estudo da gramática, pois estas também possibilitavam a compreensão das Escrituras; as Artes e as Ciências; a jurisprudência e a Medicina. Para fornecer material necessário para desenvolvimento das habilidades dos alunos e das alunas, as escolas deveriam estar muito bem organizadas e dotadas de boas bibliotecas.

Um currículo universal

O Estado foi chamado para criar e manter escolas para formar para a cidadania inicialmente evangélica. O sacerdócio geral de todas as pessoas crentes é essa cidadania que, através da fé, cria uma comunidade de irmãos e irmãs que transformam a realidade com base no amor. Para tal, a escola é necessária. Também é necessário o currículo. O currículo universitário da época consistia nas seguintes disciplinas: a retórica, a gramática, dialética, geometria, aritmética, astronomia e música. Este currículo, inicialmente, buscava formar os filhos e filhas das famílias detentoras de mais recursos e propriedades. Para quem descendia das famílias com menos recursos, a formação estava baseada num currículo voltado para o trabalho. Entre as disciplinas deste currículo, fazia parte o lanifício, as armas, a “defesa”, a navegação, a agricultura, a caça, a medicina e o teatro. Lutero, ao propor o seu currículo, busca universalizar o conhecimento para as filhas e filhos de todas as famílias, independentemente da situação e classe social. Para Lutero, é preciso ensinar as disciplinas e, paralelamente, aprender um ofício. Desta forma, todos os estudantes e todas as estudantes teriam uma formação completa.

O processo educativo no período da Reforma estava baseado na memorização e repetição. O conhecimento era assimilado através de exercícios. Na universidade, os debates, as discussões e preleções proporcionavam um confronto de conhecimentos gerando o avanço da ciência. Mas ainda não eram desenvolvidas dinâmicas e processos capazes de desafiar a construção mais autônoma do conhecimento.

Depois de passar algum tempo...

Após a Revolução Industrial, a economia começa a ser baseada, cada vez mais, na produção em série. As mães passam a fazer parte do processo produtivo. Surge então a creche, que “guarda” as crianças enquanto as mães estão na frente de uma máquina que faz sempre o mesmo processo.

A escola passa a receber uma influência mais forte da indústria, no sentido de educar as crianças para atuar no processo de produção industrial.

A escola começou, então, a sofrer a pressão e a influência de quem detém os meios de produção, que pretendiam uma formação voltada não para o exercício da cidadania, mas para a reprodução em série. Desta forma, a escola, em parte, deixa o ideal humanista herdado pela Reforma e passa a adotar uma educação voltada à economia.

Em decorrência da interferência da economia na educação, a escola começa ter um caráter menos público no que tange ao seu acesso. Surgem escolas para pessoas com condições de pagar e outras para aquelas que não possuem recursos para tal.

A escola luterana, trazida pelas famílias imigrantes, inicialmente, atendia as crianças da comunidade. Após um período de turbulência e perseguições, inclusive com troca de nomes das escolas ainda “alemãs” para nomes “brasileiros”, começa a buscar uma proposta de educação que viabilizasse a autossustentação financeira, pois as comunidades não conseguiam mais manter as escolas. Assim como muitas escolas de administração particular, algumas escolas evangélicas luteranas recentemente começaram a buscar uma educação baseada nos

princípios da qualidade total. Esse princípio representa a proposta econômica vigente que possibilita a uma pequena parcela da sociedade, porque possui recursos financeiros, exigir um atendimento digno de clientes que entram nas lojas para comprar sapatos. Ou seja, a educação passou de processo de formação da personalidade e da construção do conhecimento voltado para uma participação cidadã na sociedade para ser uma mercadoria passível de compra.

No modelo econômico predominante atualmente, o Estado deve manter-se restrito ao controle das operações financeiras administradas pelos grandes grupos econômicos. Assim, toda a área da educação, saúde, moradia, emprego..., passa a ser de responsabilidade exclusiva de cada pessoa. A competência inclui quem é “bom” ou “boa” e exclui quem não é suficientemente “competente”. Ou seja, cabe a cada pessoa correr atrás da sua qualidade de vida que se manifesta na possibilidade de consumir.

No modelo vigente, toda a preocupação com o ser humano, suas necessidades e sonhos não são importantes. O “deus mercado” não tem coração que sente. Somente um insaciável desejo de consumir e sacrificar as vidas, sejam humanas, animais ou vegetais, enfim, todo ser existente. A destruição do meio ambiente é prova dessa fome. Assim, toda preocupação de Lutero, de encarregar o Estado a investir e manter escolas de qualidade, passa a segundo plano. O ser humano criado à imagem e semelhança de Deus não é tão importante. Toda a proposta de uma fé enraizada no contexto cultural fica relegada.

A caminho de uma conclusão desafiadora...

Após estudarmos, brevemente, a história e a contribuição de Lutero para a educação, percebemos que a sua proposta ainda se mantém na medida em que há pessoas que continuam defendendo o direito de viver, de ser e de conviver integrado a um meio ambiente. Os princípios luteranos continuam sendo testemunhados nas escolas que optam também por uma educação para as pessoas menos favorecidas e menos capazes de consumir as ideias transformadas em produtos adquiríveis em escolas-lojas administradas por pessoas técnicas e não por professores e professoras.

A resistência profética deve ser anunciada para que a liberdade oriunda da fé possa viabilizar um convívio capaz de gerar relações que provocam construções de identidade com autoestima, com desejos e sonhos que não se contentam em ver a realidade dos irmãos e irmãs em sofrimento, mas que, consciente e livremente, vão ao encontro para buscar a superação dos sinais de morte em sinais de vida. A fé oriunda de uma educação cristã gerará uma nova comunidade, onde se pode viver sem medo de ser feliz. Vamos, pois, buscá-la e vivê-la.

Quer saber mais?

AHLERT, Alvori. *Modernidade: das sementes ao nascimento*. Ijuí: UNIJUÍ, 1996.

APPLE, Michel. W. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano na ótica da confissão luterana – princípios de uma antropologia teológica*. s. d., s.l. (texto não publicado).

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Histórias das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

GANDIN, Luíz A. Qualidade Total em Educação: A fala Mansa do Neoliberalismo. In: *Revista de Educação*. Brasília: Coronário, n. 92, jul./set. de 1994. p.75-111.

GILES, Thomas Ransom. *História da Educação*. São Paulo: EPU, 1987.

LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LUTERO, Martin. *Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs*. In: *Obras Seleccionadas*. v. 5. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1995. p. 302-325.

_____. *Da Vontade Cativa*. In: *Obras Seleccionadas*. v. 4. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1995. p. 11-216.

_____. *Educação e Reforma*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000.

_____. *Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade cristã*. In: *Obras Seleccionadas*. v. 2. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989. p. 435-460.

_____. *Uma Prédica para que mandem os filhos à escola*. In: *Obras Seleccionadas*. v. 5. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1995. p. 326-363.

PANIZZO, Rosanna. *Marco histórico-social e antecedentes da Reforma*. In: SCHNEIDER, Silvio (Coord.). *Revista do CEM*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A universidade Medieval*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

O HOMEM QUE ENSINAVA A ORAR

Lutero em sua devoção sempre enfatizou que os Dez Mandamentos, o Credo Apostólico e o Pai Nosso deviam ser pronunciados, estudados, orados diariamente. Ele ensinou a orar da seguinte forma: Primeiramente orar “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém”. Depois, orar o Pai Nosso e o Credo e em seguida fazer uma oração, considerando sempre o horário e a ocasião em que a oração é feita.

Para Lutero, a oração é imprescindível na vida da pessoa cristã. Mesmo quando não se tenha vontade de orar é necessário que se faça, pois, segundo ele, “a carne e o diabo estão constantemente dificultando e impedindo a oração” (Martim Lutero. *Pelo Evangelho de Cristo*, p. 318). Por isso, ao despertar, a primeira tarefa da pessoa cristã é orar, assim também a última do dia, antes de dormir. Mas não só isso, pois, segundo Lutero, todo o trabalho e fazer da pessoa crente é uma oração (Martim Lutero. *Pelo Evangelho de Cristo*, p. 318), ou pelo menos deveria ser. Leia algumas das orações escritas por Lutero:

Confissão de pecados

Deus Todo-Poderoso, Pai misericordioso. Eu, pessoa pobre, miserável e pecadora, confesso-te todos os meus pecados e injustiças que cometi em pensamentos, palavras e ações. Com eles, em algum momento causei a tua ira, merecendo o teu castigo nesta vida e na eternidade. Todos esses pecados pesam em minha consciência e me arrependo deles profundamente. Peço-te, por causa da tua misericórdia infinita e da inocente e amarga paixão e morte de teu Filho Jesus Cristo: tem misericórdia de mim, pobre pessoa pecadora. Perdoa todos os meus pecados. Concede-me a força do teu Espírito Santo para melhorar a minha vida. (*Hinos do Povo de Deus – IECLB*, p.331).

Oração da manhã

Meu Pai celeste, graças te dou, por Jesus Cristo, teu Filho amado, por me haveres defendido de todo o dano e todos os perigos da noite passada, e peço-te que me preserves também neste dia do pecado e de todo o mal, para que todas as minhas ações e minha vida te agradem. Nas tuas mãos me entrego, de corpo e alma, bem como todas as coisas. Esteja comigo o teu santo

anjo, para que o inimigo maligno não tenha poder algum sobre mim. Amém. (*Catecismo Menor de Martin Lutero*)

Oração da noite

Meu Pai celeste, graças te dou por Jesus Cristo, teu amado Filho, por me haveres protegido bondosamente neste dia, e peço-te que me perdoes todos os pecados e o mal que fiz e me protejas por tua graça nesta noite. Nas tuas mãos te entrego, de corpo e alma, bem como todas as coisas. Esteja comigo o teu santo anjo, para que o teu inimigo maligno não tenha poder algum sobre mim. (*Catecismo Menor de Martin Lutero*)

Profissão pública de fé feita por Lutero

Eu deposito a minha confiança em pessoa alguma deste mundo. Nem em minha própria pessoa, nem em meu poder, minha habilidade, bondade, piedade ou em que eu possa ter. Eu deposito a minha confiança em nenhuma criatura, esteja ela no céu ou na terra. Eu me atrevo a depositar a minha confiança unicamente em Deus uno, invisível, incompreensível, criador do céu e da terra, que reina, ele só, sobre todas as criaturas. Não temo toda a maldade do príncipe deste mundo e de seus comparsas. Meu Deus é acima de todos eles. Eu confio, apesar de tudo, em Deus, ainda que esteja desamparado ou desamparada, perseguido ou perseguida por todas as pessoas. Eu confio, apesar de tudo, sem sabedoria, desprezado, desprezada ou carente de tudo, nele, e ainda que pessoa pecadora. Porque esta, a minha confiança inabalável, deve pairar sobre tudo o que existe e o que não existe, sobre pecados e virtudes e sobre tudo, para que em Deus, pura e sinceramente, se conserve a confiança tal qual o primeiro mandamento me obriga. Nem tão pouco quero esperar prodígios, tentando a Deus. Eu confio nele constantemente ainda que ele demore, nem imponho a ele termo ou tempo, medida ou modo de sua ação. Mas tudo eu entrego ao juízo da sua divina vontade, em confiança livre e leal. (Martin Lutero, *Profissão de Fé*)

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

TABELA CRONOLÓGICA

Ano	América Latina	Lutero	Europa	
1474	Colombo em Guanahani Missão sob coerção na América Central e Latina	Nasc. de Lutero (10/11)	Nasc. B. de las Casas	
1483				
1492		Maximiliano I	Tratado de Tordesilhas	
1493				
1494				
1500	Cabral chega a P. Seguro	L. monge agostiniano	Indulgência constr. São Pedro	
1503				
1504	Feitoria em P. Seguro		Henrique VIII/Inglaterra	
1505				
1509				
1511	Fund. de Sto. Domingo	L. prof. em Wittenberg Descoberta da <i>iustitia dei</i>	Francisco I/França	
1512				
1513/14	Prim. missão entre índios em Porto Seguro		NT grego por Erasmo	
1515				
1516	Conquista do México Fund. de Puebla e Havana	95 Teses (31/10) Debate de Leipzig com ECK	Carlos V – imperador Sac. Imp. Rom. (até 1556)	
1517				
1519				
1520	Feitoria de Itamaracá/PE	Queima da bula de ameaça de excomunhão		
1521		Dieta de Wonn (17-18/04)		
1521/22		L. no Wartburgo tradução do NT		

Ano	América Latina	Lutero	Europa
1524/25			Guerra dos Camponeses
1525	Banco Welser instalado em Sto. Domingo	Casamento	Prússia adere à Reforma
1526	Fund. de Recife	Debate sobre Sta. Ceia com Zwinglio	Início da R. na Polônia
	Conquista do Peru por Pizarro (até 1533)		I Dieta de Espira
1528	Fund. de San Salvador		Reforma em Hesse
1529		Edição dos Catecismos	Turcos em Budapest
			II Dieta de Espira (Protest. Turcos sitiavam Viena)
1530	Missão entre índios em São Vicente	L. no Coburgo	Dieta de Augsburg
1534	Fundo da Vila de Porto Seguro	Bíblia em alemão	Confissão de Augsburg
1536	Fundação de Olinda		Início da Companhia de Jesus
			Calvino em Basiléia
1537	Missão índios Mbyaça/SC		Reforma Dinamarca e Noruega
1539	Migração Tupi litoral brasileiro ao Peru	Publicação “Dos Concílios e da Igreja”	Reforma na Lituânia e Estônia
			S.J. reconhecida por Roma
1540	Fund. de Quito		
1541	Orellana desce de Quito até o Atlântico (até 1542)		Morte Paracelso
1542	Peru vice-reino		Missão Índia Oriental e Japão
1543	Fund. Vila de Santos		Morte Copérnico
1545	Descob. minas de prata em Potosi/Bolívia (até 1563)		Início Concílio Tridentino
1546		Morte Lutero (18/02)	Guerra de Esmacalde

(Compilação: I.K.)

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

SABE AQUELE HINO DO HINÁRIO DA IECLB?

André Daniel Lichtler

Possivelmente poucas pessoas já ouviram falar de Hans Leo Hassler. Porém muitos já devem ter ouvido uma de suas mais conhecidas melodias, especialmente na época da Paixão, a melodia do hino 53 do *Hinos do Povo de Deus* (HPD), hinário oficial da IECLB. Em português, o hino está traduzido como *Ó, fronte ensanguentada*, tendo como texto original alemão *O Haupt voll Blut und Wunden*, de Paul Gerhardt. Vamos conhecer a história dessa melodia!

Hassler a compôs para um texto profano de amor *Mein Gmüt ist mir verwirret, das macht ein Jungfrau zart* (Meu espírito está conturbado, isto faz uma suave donzela). O ritmo original também era diferente, era uma dança popular e está impresso no HPD sob número 297, *Morrer em ti, ditoso*, em alemão: *Herzlich tut mich verlangen nach einem selgen End*, de Christoph Knoll. Com esse texto a melodia de Hassler é publicada pela primeira vez como hino sacro, em Görlitz, numa edição chamada *Harmoniae sacrae*, em 1613. Mais tarde, Johann Crüger deu à melodia de Hassler o texto de Paixão (*O Haupt voll Blut und Wunden*), publicando a composição em *Praxis pietatis melica*.

Foi nessa publicação que, anos mais tarde, o compositor alemão e luterano, Johann Sebastian Bach, buscou o hino para usá-lo como subsídio para várias obras suas. Bach usa a melodia de Hassler em composições para órgão e para coro. Na *Paixão Segundo S. Mateus*, a melodia aparece cinco vezes e com textos diferentes. No Oratório de Natal, a melodia, originalmente profana, mas agora conhecida como um hino da Paixão traz uma letra de Natal – com o que o compositor lembra a complementariedade dos dois acontecimentos na vida de Cristo.

Musicalmente é importante observar que o ritmo original da melodia de Hassler foi equalizado por Bach em suas composições. Assim temos no HPD a melodia original de Hassler no hino 297 e a melodia com ritmo equalizado por Bach no hino 53.

No século XX, os compositores populares norte-americanos Simon & Garfunkel usaram a mesma melodia, de quase 500 anos, como elemento de composição em sua música *American Tune*. A melodia de dança popular se tornou sacra e voltou para o âmbito popular séculos mais tarde.

Hans Leo Hassler nasceu em 1548 em Nürnberg, Alemanha. Estudou música em Veneza com Andrea Gabrieli e foi organista em Augsburg, Praga, Nürnberg, Ulm e Dresden. Faleceu em 6 de junho de 1612 em Frankfurt/Meno.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

O TEMPERO DE NOSSAS CANÇÕES

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Em tempos de novas estruturas, novas formas de viver, novos grupos de jovens, é comum aparecerem com novas canções! O próprio Salmo 98 nos lembra: “Cantai ao Senhor um cântico novo...” O novo muitas vezes aparece como “melhor” que o velho; também o “velho” às vezes se acha no direito de ser mais experiente, portanto, “melhor” que o novo.

É preciso, porém, mudar alguns CONCEITOS e PRECONCEITOS. Conceito é aquilo que nossas cabeças inventam para explicar alguma coisa. Preconceito é aquilo que nossas cabeças acreditaram e acreditam que é verdade e que, na maioria das vezes, não pode ser mudado.

Uma pequena história

Era uma vez, uma menina, cheia de sonhos, de ideais. Ela vivia numa aldeia feliz. A aldeia tinha casa para todo mundo, nunca faltava comida, nem carinho. As pessoas que viviam nessa aldeia eram muito amáveis.

Claro, como toda aldeia que se preze, tinha também algumas regras para a convivência. E uma regra chamava a atenção. Todas as casas, muito bonitas, por sinal, pintadas nas mais diferentes cores, tinham uma coisa em comum: havia um tapete na entrada.

Tá certo que é comum haver um tapete na entrada, mas naquela aldeia os tapetes tinham que ser verdes. Ninguém podia trocar o tapete verde por outro de outra cor.

Um dia, a menina passeava pela aldeia e viu uma coisa assombrosa, que ela nunca tinha visto: o chefe da aldeia estava discutindo, enraivecido, com uma família. Ele gritava, urrava de ódio daquela gente. A menina, mesmo com medo, aproximou-se para ver o que acontecia. O homem gritava:

“Como vocês podem colocar um tapete amarelo na porta de sua casa? Isso é um absurdo. Não podemos colocar tapetes que não sejam verdes! Vocês precisam trocar este tapete!”

A mulher tentou conversar:

“Mas senhor, nosso tapete verde está sujo! Recebemos tantas visitas que tivemos que tirá-lo para a limpeza. Nós encontramos este tapete no bosque e achamos melhor colocá-lo aqui!”

O homem retrucou:

“Vocês não sabem das regras? Os tapetes verdes são melhores! Eles são importados da aldeia imperial! É proibido usar qualquer outro tipo de tapete. Você e sua família estão expulsas da aldeia.”

Nisto, a mulher entrou na casa, recolheu o tapete amarelo, juntou a família e foi embora. A menina, que tudo observava, ficou com pena daquela mulher e de sua família e pensou onde iriam morar e o que comeriam.

Daquele dia em diante, a menina deixou de ser alegre. Carregava consigo a imagem do homem gritando com outras pessoas. Um dia, ela foi passear no bosque e, avistou no meio de umas flores um tapete de outra cor: era um tapete azul.

Olhou para os lados, para ver se ninguém estava por perto. Aproximou-se do tapete, pegou-o com as mãos, sentiu a maciez de seu tecido.

Colocou-o no chão, limpou seus pés e entrou numa casa imaginária, onde os móveis eram diferentes, as janelas eram redondas, o piso era brilhante como o sol. Ela parou numa janela redonda, olhou para fora e viu uma aldeia onde todos os tapetes eram diferentes, com cores laranja, amarelo, vermelho, azul, rosa, verde, branco, preto, e tudo era normal. As pessoas viviam bem e muito felizes com tapetes diferentes.

Perguntas para a reflexão

1. Por que os tapetes tinham que ser verdes?
2. Será que o tapete amarelo trazia algum vírus que infectaria toda a aldeia?
3. Por que o chefe da aldeia não falou com mais calma?
4. Será que o tapete verde iria ser jogado fora por aquela família?
5. O que são os tapetes verdes na nossa vida? E no nosso grupo de jovens? E na nossa igreja?

A música entre o novo e o velho

A música na Igreja é um assunto velho! Vem dos tempos da Bíblia! Ela estava lá com o povo do Antigo Testamento e também esteve a partir do nascimento de Jesus. É quase como o tapete verde. Ninguém ousaria deixar a sua casa (a igreja) sem o tapete na entrada (sem música). Mas afinal, qual a cor dos nossos tapetes (ou, qual é a nossa música)?

Bom, o que aconteceria se não quiséssemos mais a música na igreja? O que aconteceria com um culto sem cantos, sem instrumentos, apenas com orações e pregação?

Estas perguntas se encaixam nos grupos de jovens. Os grupos têm música? O que cantam os grupos de nossa Igreja? Quem toca algum instrumento? A igreja apoia o trabalho com música?

É preciso sempre de novo observar as “cores” de nossa música. Temos muitas cores diferentes para as diferentes comunidades e seus diferentes grupos. O colorido musical da igreja é muito vasto. Podem levar a pintar quadros muito bonitos. As cores, ou melhor, as músicas, refletem aquilo que pensamos, ou mesmo aquilo que somos. Nos nossos dias, os tapetes já não são todos da mesma cor, como o eram há algum tempo (não muito distante).

A IECLB formou-se a partir da imigração alemã. Em 1824 chegaram as primeiras famílias imigrantes alemãs. Entre elas, muitas eram de confissão luterana. Trouxeram consigo sua Bíblia

e seu hinário. E organizaram suas vidas (suas aldeias!) no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, Santa Catarina e Paraná. A primeira música que cantamos é a música da imigração. Não tínhamos uma música cristã brasileira.

Tínhamos uma música alemã, especialmente o coral luterano. Em nossos dias entendemos o coral como o grupo que canta a quatro vozes. Mas originalmente o coral é o nome dado a uma melodia, que vem da época de Lutero. Como melodia, o coral mais conhecido nas igrejas luteranas de todo o mundo é o famoso *Deus é Castelo Forte e Bom*. Lutero compôs alguns corais. Lembramos que a música na Igreja Católica, na época de Lutero (1500-1600), era o canto gregoriano e a música polifônica, cantada em latim pelos padres ou pelo coro. A comunidade não cantava. Lutero acreditou que o povo deveria entender o que acontecia na igreja. Por isso traduziu a Bíblia para o alemão. Ao mesmo tempo surgiram os corais, também em alemão. O povo poderia cantar e louvar a Deus.

Esta música chegou até nós. Até a 2ª Guerra Mundial, as comunidades de confissão luterana cantavam apenas esses corais e outras músicas da tradição alemã, que traziam nos seus textos toda a teologia luterana. O professor de História Eclesiástica, Martin Dreher, colocou certa vez o seguinte: “perguntem a pessoas idosas da comunidade se elas conhecem alguma passagem bíblica de cor. Muitas não saberão responder, mas se pedirem a elas para cantar algum hino, cantarão muitos hinos (alguns com mais de 10 estrofes)”.

A igreja foi mudando e com ela a sua música. Na década de 1960 começou-se a cantar em português. Que hinos eram cantados? Os mesmos de antes, porém, traduzidos. Eram poucos os compositores ou compositoras que faziam música originalmente em português. Os hinos eram, na sua maioria, aqueles corais, mas também outros hinos “mais novos”, do final do século XIX ou século XX. Mas a grande maioria dos hinos ainda era traduzida do alemão.

Daí surgiu o hinário com o nome *Hinos do Povo de Deus*, hoje ainda o hinário oficial da IECLB em uso nas comunidades. Este hinário trouxe novidades em termos de música brasileira. Algumas músicas eram de compositores como Lindolfo Weingärtner, ou hinos sem autor conhecido, como o 260 (“*Cantai ao Senhor, um cântico novo*”) e o 263 (“*Bendirei ao Senhor em todo o tempo*”).

A música cristã brasileira entrava nas comunidades, de forma muito mansa. Ela soava ainda como um tapete amarelo. Era difícil, em alguns lugares, adaptar o violão ao culto. Aos poucos foram surgindo os tais dos “cancioneiros”. Aí temos uma contribuição da própria juventude. A juventude, na década de 1970, tinha cancioneiros para seus encontros. As músicas eram inéditas para a maioria das comunidades. Essas canções eram cantadas principalmente nos encontros dos grupos. No culto, as novas canções eram “apresentadas”, mas ainda não cantadas pela comunidade.

Aos poucos surgiu o que chamamos de “queda de braço”. De um lado, quem defendia o tapete verde, com os hinários oficiais. De outro, as correntes teológicas, como o Movimento Encontro e a Pastoral Popular Luterana, com suas músicas “novas”, seus tapetes coloridos. A publicação do *Hinos do Povo de Deus* (HPD 2) reuniu em suas páginas grande parte de canções nacionais, de compositores luteranos e compositoras luteranas. Um avanço, sem dúvida!

A música, o canto, os hinos, fazem parte de um colorido muito importante para a igreja. É fantástico saber que em Manaus/AM, por exemplo, pode-se cantar o mesmo canto que em Pelotas/RS. E por que isso é fantástico? Porque a música é uma força de união. A música pode representar a nossa identidade comum. Ao mesmo tempo, o canto vai ter suas diferenças. Em alguns lugares a percussão já está na igreja. Em outros lugares o órgão de tubos é soberano. Podemos, mesmo com estes temperos diferentes, cantar o mesmo cântico novo!

Então, não nos preocupemos com os tapetes verdes: nós vivemos numa época em que o colorido já é visto pelas janelas redondas. Devemos, no entanto, ocupar-nos em respeitar as diferentes tradições e buscar em nossas canções aquilo que nos identifica. Qualquer ritmo é válido na igreja, desde que a identidade, a teologia, a esperança e o desejo de uma igreja unida transpareçam nessas canções.

Os jovens e as jovens deram e continuarão dando sua contribuição, com sua música “nova”, mas não deveriam desrespeitar a música “velha”. Louvar a Deus é possível com quaisquer instrumentos, com danças, com tambores africanos, com guitarras, com órgão de tubos, com flautas, violinos, gaitas de boca, e por aí a fora. Impor uma cor nova de tapete, e jogar fora o outro, é estupidez. O Evangelho da graça nos ajuda a acolher os diferentes modos de testemunho em cada aldeia desse planeta.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado PALAVRA

BATE O SINO SINAL DA NOSSA FÉ

André Daniel Lichtler

Sino, sineta, sinuelo, campana, campainha, são alguns dos nomes dados a este instrumento sonoro que tem tantas formas e tamanhos como são os termos que o classificam. Conhecido há milênios em todas as culturas, o sino recebeu inúmeras funções durante sua história: a de simplesmente dar sinal para início ou término do que for (sino e sinal têm a mesma raiz etimológica); a função de, pendurado ao pescoço de um animal, manter o rebanho reunido; funções mágicas de espantar os perigos, entre outras.

O uso do som do sino como sinal para oração e culto foi copiado de monges egípcios por monges bretões e irlandeses lá pelo século IV. Esses monges também usavam sinos de mão em suas viagens missionárias pela Europa, com os quais chamavam as pessoas para ouvirem a Boa Nova. O sino é companheiro do órgão e do violão no que diz respeito à sua origem profana. Por isto sofreu também certa resistência por parte da igreja até que fosse completamente aceito.

A partir da Idade Média a arte de construir sinos foi se aprimorando, tanto no que diz respeito ao material de que foram feitos como também no tocante aos aspectos musicais. Torres e abrigos especiais foram construídos para sinos e jogos de sinos. Os sinos medievais tinham importantes funções para as cidades: alertas sobre grupos inimigos e incêndios, anúncio de festas, de novas leis (uma lei sem o som de sino não tinha valor!).

Como luteranos e luteranas herdamos certo carinho pelos sons dos sinos. Em certas comunidades o sino soa antes de começar o culto e ao final, emoldurando o culto. Em outras, o sino se faz ouvir durante a oração do Pai Nosso. As badaladas de Natal e de Páscoa são festivas. O sino soa solitário e lamuriante quando anuncia a morte de um membro. E se cala quando é sexta-feira da Paixão. Os sinos são um sinal da nossa fé.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).

AÇÃO

COLEÇÃO

PALAVRAÇÃO

AÇÃO

ação

ação

ação

ação

AÇÃO

GRAÇA E FÉ: TEMPEROS PARA A VIDA

SUBSÍDIOS PARA O TRABALHO ENTRE JOVENS - 3

ação

AÇÃO

ISBN 85-89000-14-1



9 788589 000147



IECLB

palavra ação

subsídios para o trabalho entre jovens - 3

Coleção Palavração

Subsídios para o trabalho entre jovens

Caderno nº 3 – Graça e Fé: Temperos para a Vida

Coordenação:

Cláudio Giovani Becker (Org.)

Capa e ilustrações:

Artur Sanfelice Nunes

Edição, diagramação e revisão:

Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

Impressão:

CEBI – Con-Texto Gráfica e Editora

ISBN: 85-89000-14-1

Realização:

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude -
DNAJ da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no
Brasil - IECLB

Pedidos para:

Depto. Nacional para Assuntos da Juventude - DNAJ
Caixa Postal 191
93001-970 São Leopoldo - RS
Telefone: (51) 591-4295
Fax: (51) 590-2366
e-mail: dnaj@uol.com.br

***Reprodução total ou parcial dos textos deste
caderno somente mediante autorização
expressa do Departamento Nacional para
Assuntos da Juventude - DNAJ***

São Leopoldo, janeiro de 2003

Em maio de 1998, o Departamento Nacional para Assuntos da Juventude publicou o primeiro caderno da coleção *PalavrAção*. Tornava-se realidade o sonho de se oferecer subsídios práticos e teóricos sobre os mais variados temas para o trabalho entre jovens.

O primeiro volume teve como título *Cidadania: Uma Questão da Fé*, valorizando estes dois temas: espiritualidade e cidadania. No segundo caderno – *Abraçar a Liberdade* – o tema foi a liberdade e as suas relações com áreas como ética, política, sexualidade, religião, consumo, responsabilidade social e ecologia. Era o mês de fevereiro de 2000.

Agora chegamos ao terceiro livro. Ele é, em parte, resultado das Oficinas de Liderança realizadas pelo DNAJ sobre o tema *Jovem Luterano – Temperando a Vida*. Em parte, porque ao material compilado das oficinas se juntaram muitos outros ingredientes, o que tornou este volume uma saborosa coletânea de artigos e técnicas sobre a confessionalidade luterana e seus temperos. Também por isso, o título: *Graça e Fé: Temperos para a Vida*.

O caderno está dividido em *Palavra* – subsídios teóricos, e *Ação* – subsídios práticos. Para estabelecer mais facilmente esta divisão, o livro ganhou duas frentes. Uma inicia pela ação. Outra, pela reflexão. Você começa por onde quiser. A idéia é que virando e revirando o livro, você faça a mistura possível entre *Palavra* e *Ação*, entre *Ação* e *Palavra*. Ou, não. Se preferir, pode trabalhar em seu grupo apenas um texto de reflexão. Ou aplicar uma técnica, a outro tema qualquer. O que importa é que você reúna os ingredientes e, com este caderno em mãos, consiga dar mais sabor aos encontros do seu grupo.

Bom proveito!

Departamento Nacional para Assuntos da Juventude
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

ÍNDICE AÇÃO

A IECLB e seus temperos (roteiro de estudos).....	5
Técnica para avaliação	7
Quem somos como luteranos (roteiro de estudos).....	10
10 teses para os nossos dias (atividade em grupo).....	12
Diálogo para entender luterano e a Bíblia (teatro).....	14
A relação entre fé e obras (dramatização).....	17
Estudos bíblicos como fazer?	28
Curiosos, a postos!.....	28
Sugestão de roteiro para o encontro	30
Conclusão!.....	31
Nos passos da reforma	32
Os sacramentos.....	34
<i>O Sacramento do Batismo</i>	34
<i>O Sacramento da Santa Ceia</i>	36
A Rosa de Lutero.....	37
Confissão de Augsburg.....	39
Reforma e educação.....	40
Pregação das 95 teses.....	42
Os catecismos.....	44
Tempero luterano na música (estudo).....	45
Técnica.....	45
Texto de apoio.....	46
Para ver o filme Martim Lutero	48
Hoje é dia da Reforma (jogral).....	53
A Igreja precisa de reforma (jogral).....	57
Batismo: abraço de Deus! (estudo).....	61
Técnica.....	61
Texto de apoio.....	62



Lado AÇÃO – Roteiro de estudo

A IECLB E SEUS TEMPEROS

Catequista Joni Roloff Schneider

Para entendermos melhor a partir de que critérios se define a igreja luterana, usamos o exemplo da comida e seus temperos. Um cardápio pode ser o mesmo no sul e no norte, mas os temperos, com certeza, têm gostos diferentes. Uma pessoa quer a comida com mais sal, outra com mais pimenta, outra com cebola e assim por diante. Nem sempre podemos agradar a todas as pessoas com o mesmo cardápio.

Assim é ser igreja luterana em terra brasileira. Somos um país com grandes extensões, com realidades distintas, com comunidades formadas de diversos jeitos. Nem sempre o que identifica os luteranos e as luteranas do sul é o mesmo que identifica os luteranos e as luteranas de outras regiões. No entanto, temos algo em comum. Somos pessoas cristãs, pois fomos batizadas em nome do Trino Deus, cremos no Senhor e Salvador Jesus Cristo e somos membros da “Santa Igreja Cristã”. Pertencemos à Igreja que se autodenominou “Evangélica de Confissão Luterana”. Fazemos parte da família de fé que entende que na Reforma do século XVI, com Martin Lutero, aconteceu a redescoberta do Evangelho. No Catecismo Menor e na Confissão de Augsburg encontramos os principais ensinamentos da Reforma que nos dizem o que é a Confissão Luterana.

Neste sentido, Lutero firmou seus pensamentos em alguns pilares que resumem a nossa identidade até hoje, que são: a graça, a fé, a Escritura e Cristo.

Material: Imagem abaixo ampliada, folhas de papel ofício coloridas, canetinhas, cartolinas.

Técnica:

- Mostrar o desenho que segue e pedir que o grupo dê sua impressão sobre ele: quais os personagens, quais os temperos, qual a ação, etc.
- Ler o texto de Colossenses 3.12-17 e relacioná-lo com as virtudes evangélico-luteranas.
- Comparar o diálogo inicial sobre os temperos com a forma de ser luterano e luterana na comunidade de fé, nos grupos dos quais participa, na sociedade em geral.

d) Dividir os participantes e as participantes em grupos. Cada grupo define um cardápio (feijoada, sopa, pizza...) e tudo que necessita para preparar essa receita. Depois compara cada objeto e ingrediente com os trabalhos desenvolvidos na comunidade, como por exemplo: numa feijoada, a panela pode ser comparada à estrutura da comunidade, o fogo com o Espírito Santo, os muitos grãos de feijão com os membros, o toucinho com a juventude, o sal com o trabalho diaconal e assim por diante. Quando todos os ingredientes estiverem definidos e comparados, recortar os elementos em papel colorido e montar um cartaz. No final, os grupos apresentam seus cardápios.

Questões finais para reflexão:

- As medidas dos ingredientes mudaram de um grupo para outro? Será que podemos definir uma receita básica para todas as pessoas da comunidade? Lembramos que no corpo de Cristo há variedade de membros e dons.

- Quais os temperos e ingredientes, consequentemente trabalhos, que mais apareceram nas receitas?

- Os cardápios deram água na boca, dando a ideia de uma “comida saborosa” ou foram pouco convidativos, dando a impressão de uma comida sem sabor?



Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).

A IECLB E SEUS TEMPEROS





Lado AÇÃO – Roteiro de avaliação

TÉCNICA PARA AVALIAÇÃO

Catequista Joni Roloff Schneider

Esta avaliação foi usada junto com a celebração final no encerramento das Oficinas de Liderança sob o tema da confessionalidade luterana. Ela pode ser usada em encontros sob outros temas.

Material: Fichas com desenho de diferentes partes do corpo (coração, mãos em oração, olhos, boca, ouvido, pés, cérebro), papel, canetas, música de fundo.

Desenvolvimento:

- Sob o som de uma música tranquila, as pessoas são convidadas a circular pela sala.
- Enquanto caminham, sem conversar, observam a expressão facial das pessoas com que conviveram no encontro, que ali conheceram ou reencontraram.
- Ainda caminhando, sorriem umas para as outras, tocam-se as mãos como forma de carinho, cochicham uma palavra amiga no ouvido, cumprimentam-se com os pés.
- A pessoa orientadora distribui as fichas, uma para cada participante. Pede que caminhem, observando a figura. Em seguida, num sinal dado, pede para que troquem as fichas entre si. Faz isso umas quatro a cinco vezes.
- Todas são convidadas a formarem grupos, juntando-se às pessoas que possuem figuras iguais. Cada grupo receberá uma pergunta específica, de acordo com a sua figura, conforme segue:

Coração: *Como fomos coração neste encontro?* (Como expressamos e compartilhamos nossos sentimentos, como colocamos nossas dúvidas e inquietações, como auxiliamos às outras pessoas e colaboramos com horários e tarefas, como sentimos a coordenação do encontro, como poderíamos ser mais coração.)

Mãos em oração: *Como usamos nossas mãos em oração?* (Como foram os momentos de meditação e como participamos deles, como foram as orações de mesa, como poderia ser diferente.)

Olhos: *Como fomos olhos neste encontro?* (Como aproveitamos a nossa possibilidade de ver, como vemos o encontro que está terminando, como vemos os participantes e as participantes que estão aqui, como vemos a coordenação do encontro, o que os olhos viram que poderia ser diferente.)

Boca: *Como fomos boca neste encontro?* (Como usamos a nossa boca no encontro, como a boca foi usada pelas outras pessoas, como falamos sobre nossas opiniões, dúvidas e discordâncias, como usamos a boca para com as outras pessoas, como a boca sentiu a alimentação, o que as bocas manifestaram que poderia ser diferente.)

Ouvido: *Como fomos ouvido no encontro?* (Como ouvimos o conteúdo trabalhado, como usamos o ouvido em relação à boca, como o ouvido sentiu as manifestações das demais pessoas, como o ouvido colaborou nas tarefas e regras estabelecidas.)

Pés: *Como usamos os pés no encontro?* (Como circulamos entre os participantes e as participantes, como nossos pés foram ao encontro das pessoas, quais os roteiros que os nossos pés fizeram nesses dias, como nossos pés sentiram o peso do corpo, como aproveitamos os nossos pés e como poderiam ser usados diferente.)

Cérebro: *Como usamos o cérebro no encontro?* (Como assimilamos e acomodamos o conteúdo, quais os conteúdos que mais marcaram o nosso cérebro, como vamos repassar o que aprendemos, em que momentos o cérebro não funcionou.)

- Depois que os grupos conversaram e anotaram suas observações, são convidados a expressarem resumidamente o seu diálogo em plenária.

- Para encerrar, pode-se colocar novamente a música, pedir que caminhem e deem um abraço de despedida. Finalizar com oração.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Roteiro de estudo

QUEM SOMOS COMO LUTERANOS E LUTERANAS

Catequista Joni Roloff Schneider

Diálogo inicial:

Com este tema pretendemos descobrir os tesouros de nossa herança confessional. Queremos saber o que nos compromete evangelicamente, por que somos cristãos e cristãs de confissão luterana e o que nos compete transmitir e divulgar.

Ser luterano e luterana significa saber confessar a fé. Ao mesmo tempo, é mais do que isso. É uma forma de viver, é um estilo de vida, é uma determinada maneira de falar e agir. Provavelmente o termo “luterano” foi usado pela primeira vez pelos inimigos de Martin Lutero, para denominar seus seguidores e seguidoras. Em 1522, Lutero criticou o uso de seu nome, pois desejava que todas as pessoas seguidoras de Cristo fossem chamadas simplesmente de ‘cristãs’. Mas o nome permaneceu e nós, que somos parte do movimento que ele iniciou, somos chamados e chamadas de “luteranos” e “luteranas”. (ERLANDER, 1986)

O pluralismo religioso desafia a IECLB e outras igrejas chamadas de “históricas” de repensarem sua expressão e inserção no contexto sócio-político-religioso-brasileiro. Nesse processo, é preciso (re)assumir, fortalecer e mobilizar “membros” para a atribuição de ser sal da terra e luz do mundo (Mateus 5.13).

Para sermos igreja missionária no Brasil, precisamos cada vez mais compreender e valorizar nossa confessionalidade, testemunhando que somos pessoas evangélicas de confissão luterana.

Técnica:

a) Promover o diálogo introdutório, verificando o que cada pessoa conhece sobre a IECLB, o que gosta, como transmite, como define, onde vê a sua situação, quem e como é a igreja hoje. A pessoa orientadora pode complementar a reflexão com dados que constam na parte da *Palavra* e/ou com outros, como os que se encontram do Portal Luteranos, ou com informações de outras literaturas conhecidas.

b) Dividir as pessoas participantes em grupos com até 5 ou 6 integrantes. Cada grupo terá como tarefa pensar a divulgação da IECLB para o público interno (membros) e externo

(não-membros) de forma criativa, convidativa, objetiva, chamativa... Os grupos recebem tarefas diferentes, podendo ser repetidas para mais de um grupo. As tarefas podem ser confeccionar:

- Cartaz
- Vídeo
- Propaganda de jornal
- Mensagem de rádio
- Apresentação teatral de rua

c) Após algum tempo de trabalho, reunir os grupos em plenária para apresentarem as suas tarefas.

d) No final do encontro, avaliar coletivamente as apresentações, valorizando o trabalho conjunto de cada grupo. Para direcionar mais a avaliação, pode-se sugerir critérios e alguns minutos para discussão em cada grupo antes da discussão em plenária. Os critérios, entre outros, podem ser:

- as imagens e afirmações do grupo foram atrativas e convincentes?
- elas foram objetivas?
- elas transmitiram a confessionalidade luterana?
- transpareceu a identidade da igreja de tal forma que alguém que não seja da IECLB tenha clareza de que tipo de igreja se está falando?

e) Em conjunto, o grupo pode escolher um ou mais sugestões para serem executadas.

Referências:

ERLANDER, Daniel. *Batizados Vivemos: Luteranismo como um modo de vida*. Centro Elaboração de Materiais da IECLB, 1986. Disponível em:
<<http://www.luteranos.com.br/textos/batizados-vivemos>>. Acesso em: 17 out. 2016.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Atividade em grupos

10 TESES PARA OS NOSSOS DIAS

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Técnica:

Que tal se você e seu grupo elaborassem algumas teses sobre o próprio grupo de jovens, a comunidade ou mesmo sobre a igreja? Aproveite os exemplos a seguir para se inspirar e mãos à obra!

Dez Teses:

1. Que todas as pessoas tenham direito de exercerem sua **liberdade**, dádiva de Deus. Isto significa que todas as pessoas, mesmo aquelas as quais nós consideramos as mais pecadoras são igualmente receptoras da graça de Deus.
2. Os grupos de jovens são considerados o futuro da IECLB. Devemos lutar para que a Juventude seja **presente**. Para isso, quem participa precisa apoiar-se mutuamente, buscando seus direitos com responsabilidade.
3. Chega de chavões do tipo: “não discuto política, não discuto religião”. A pessoa jovem tem o dever e o direito de se **expressar**, de mostrar o seu tempero em assuntos ligados à sociedade ou à igreja.
4. As pessoas jovens são parte da **comunidade**. Considerar o grupo como algo separado da comunidade é o mesmo que cortar uma parte do corpo. A fé que é dada por Deus deve conduzir a isto.
5. Devemos nos conhecer melhor, saber quem somos, por que somos, como somos. Por outro lado, devemos saber que **mudamos diariamente** e nossas opiniões também podem mudar.
6. Paulo em Romanos 1.17 diz que a pessoa justa viverá por fé. A **fé é dádiva de Deus**, e como tal, nos é dada de presente. A justiça de Deus nos livra da troca. Não precisamos provar que somos pessoas boas pra garantir a salvação. Esta depende de Deus.

7. Não podemos como jovens luteranos e luteranas achar que temos a verdade. Temos a fé em Deus, como graça: porém somos pessoas **justas e pecadoras** ao mesmo tempo, quer dizer, erramos e acertamos todos os dias.

8. Pior que errar, é **ficar parado e parada**, é se omitir neste mundo cheio de injustiças.

9. Lutero não foi um santo. Como ser humano ele errou. Não devemos cair no erro de **divinizar** um homem que lutou justamente contra a divinização do ser humano. Não somos deuses e deusas.

10. Nossa missão como parte igreja oriunda da Reforma Luterana vai no sentido do **ecumenismo**. No diálogo com outras igrejas, vamos conhecendo outros temperos. A ação de Deus não acontece somente na igreja luterana. Ela se destina a quem Deus quiser, da forma como ele quiser.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Teatro

DIÁLOGO PARA ENTENDER LUTERO E A BÍBLIA

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Técnica:

Para entender a relação de Martin Lutero com a Bíblia, propomos a dramatização como recurso pedagógico. Aproveite o diálogo entre a jovem Amanda e o jovem Augusto para abordar o assunto com seu grupo ou comunidade.

Diálogo:

- Oi Amanda!
- Oi, Augusto. Que novidades você traz?
- Sabe, a minha professora de história pediu que eu pesquisasse sobre as traduções de textos antigos. Então perguntei se podia pesquisar sobre as traduções da Bíblia, e ela disse que tudo bem.
- Ei, Augusto, eu participei uma vez de uma oficina sobre liderança na igreja. Lá a gente aprendeu alguma coisa sobre a tradução da Bíblia por Martin Lutero.
- Como assim? Você tem algum material?
- Acho que sim. Vamos ver.
- Aqui neste texto tem alguma coisa. Vamos ver. Aqui diz como Lutero fez a tradução!
- Espera Amanda, antes de ler esse texto, preciso saber em que língua a Bíblia foi escrita.
- A Bíblia? Isso eu aprendi no Ensino Confirmatório. O Antigo Testamento foi escrito nas línguas aramaica e hebraica. O Novo Testamento foi escrito na língua grega.
- Olha, Amanda, aqui neste texto diz que a Bíblia, antes da reforma, era lida no latim.
- Sim. A Bíblia foi traduzida para o latim, pois a religião católica foi a religião oficial do Império Romano desde o Imperador Constantino, lá pelo século 4 d.C.
- Então, como foi que Lutero traduziu a Bíblia, Amanda?
- Bom, até o século XVI, não havia outra versão da Bíblia que não fosse a em latim. Então apareceu Lutero, que resolveu virar um monge e servir a Deus. Só que ele tinha um problema: ele acreditava seriamente que Deus era um cara muito mau, que só queria castigar as pessoas. Para virar monge, era preciso estudar latim. Foi aí que Lutero começou a ter contato com a Bíblia.
- Certo. Mas e a tradução?
- Calma, Augusto! A igreja na época de Lutero aproveitava-se do medo das pessoas e cobrava pela salvação. As pessoas pagavam certa quantia em dinheiro e recebiam em troca uma carta declarando a salvação. Lutero, ao ler a Bíblia, entendeu a coisa de outra maneira. Para ele,

segundo as Escrituras, a salvação era concedida por Deus. As pessoas só precisavam acreditar em Cristo e não era necessário pagar nada para ter a salvação, apenas crer!

- E daí, o que aconteceu?

- Aconteceu que Lutero arrumou uma grande briga com a instituição, com os padres e principalmente com o papa. Lutero não se calou diante das injustiças e escreveu textos questionando as ações da igreja. Como não aceitava essa situação, ele queria que mais pessoas tivessem acesso à Bíblia, por isso, ele traduziu, primeiramente, o Novo Testamento do grego para o alemão. Isto foi no ano de 1522. Veja aqui, Augusto, há uma citação de Lutero em 1530 sobre isso:

Não se deve querer falar alemão como se encontram as letras na língua latina. Ao contrário, devemos perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, olhar atentamente para suas bocas, como costumam falar, e traduzir correspondentemente. Aí essas pessoas entendem e notam que se fala alemão com elas.

- Puxa, Amanda, o cara era fera mesmo.

- Com isso ele tornou a Bíblia acessível para todas as pessoas que sabiam ler. Mas naquela época poucas pessoas eram alfabetizadas. Por isso Lutero defendeu também a educação e cobrou dos príncipes a criação de escolas.

- Ah, e tem outra, Amanda. Nas aulas de história, a professora falou sobre o surgimento da imprensa. Isso tem alguma relação?

- Sim, Augusto. A tradução da Bíblia para a língua do povo foi muito importante para a Reforma. Mas foi o surgimento da imprensa que permitiu que ela se tornasse popular. A imprensa tornou bem mais rápida e abrangente a divulgação das ideias da Reforma.

- É, eu imagino o trabalho que seria se Lutero tivesse que copiar à mão cada exemplar da Bíblia!

- E o legal é que, quando a Reforma alcançou outros povos, a Bíblia também foi traduzida para outras línguas como o Português. Hoje é o livro mais traduzido e vendido no mundo!

- Obrigado pelas explicações, Amanda! Uma hora dessas vou até a sua igreja, como é mesmo o nome?

- É um palavrão, mas vamos lá: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

- Certíssimo! Tchau!

- Tchau!

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Dramatização

A RELAÇÃO ENTRE FÉ E OBRAS

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Técnica: Dramatização

Objetivo: promover a discussão sobre um dos temas centrais do luteranismo, a justificação a partir da graça, por meio de uma dramatização.

Fato: dois jovens discordam sobre a forma de liderar o grupo. O grupo, por sua vez, os desafia para um debate, frente a frente, onde deverão expor sua maneira de pensar a coordenação de um grupo de jovens. Observação: É possível que os nomes e o gênero dos personagens sejam alterados conforme a realidade do grupo.

Materiais: duas estantes de leitura (ou púlpitos), frente a frente, onde os personagens dramatizarão; faixa de papel pardo com 2,5m de comprimento com a frase “O que é coordenar um grupo de jovem?”; placas com palavras-chave sobre a discussão (placas feitas com pedaços de madeira, cartolina, folha de ofício colada sobre papelão, etc.). O número de placas varia conforme o tamanho do grupo, mas em três delas deve estar escrito o seguinte:

Tiago 2.17: Assim também é a fé, se não tiver obras, por si só está morta!

Romanos 1.17: O justo viverá por fé.

Amai-vos uns aos outros como eu vos amei!

PRIMEIRO ATO

Locutor(a): Em um determinado grupo de jovens, situado num bairro da periferia de uma grande cidade, armou-se um conflito em torno da liderança. De um lado estava Airton, um jovem sonhador e revolucionário, funcionário da construção civil e estudante do Ensino Médio. Ele era coordenador do grupo de jovens da Comunidade Evangélica de Desde o Princípio (JEDOP). De outro estava Anselmo, também sonhador e revolucionário, estudante universitário e participante do mesmo grupo. Certa vez, Anselmo ficou responsável pelo estudo do grupo. Ele ficou de conversar com Airton, para acertar o tema da reunião e preparar os materiais.
(*entram em cena os dois*)

Anselmo: Oi Airton! Tudo em cima? Estou com uma ideia genial! Pensei que poderíamos trabalhar o tema da oração, afinal tenho sentido que a turma anda meio desleixada com isso!

Airton: O que você quer dizer com isso cara? (demonstra estar nervoso)

Anselmo: Péra aí, meu! A gente não tem feito orações nos encontros, o pessoal não tem nem ido aos cultos! Acho que tá na hora de trabalharmos essas questões.

Airton: Só um pouco Anselmo, vamos botar as coisas no lugar. Semana passada a gente trabalhou o tema do desemprego. Tem muita gente na nossa sociedade sem lugar para trabalhar, gente sem nada pra comer em casa e você quer falar em oração? Me poupe né?

Anselmo: Olha, eu estou cansado dessa história de política na igreja. Você só sabe falar em desemprego, falta de comida... e o Espírito Santo? E as orações? Não vi você ainda trabalhar nada no grupo que fale de coisas espirituais. Só vejo você falando da sociedade. E o grupo, como é que fica?

Airton: Olha aqui, eu vou dizer uma coisa! Eu trabalho no pesado. Chega sexta à noite, eu tô moído de trabalhar, nem consigo estudar direito. Acho que o mundo tá muito mal e a gente tem que fazer alguma coisa.

Anselmo: Não me interessa o que você está dizendo. A gente não tem Jesus. A nossa fé é fraca. Olha a nossa turma, é só briga em casa! Nós precisamos fazer alguma coisa pra animar o pessoal e não ficar só falando em coisas ruins.

Airton: Quer saber? (fica irritado). Você é um filhinho de papai que não sabe o que quer. Só porque tá na universidade se acha o tal. Vai ver você quer a coordenação do grupo?! Vai lá e faz o que você quiser, eu não vou trabalhar com você.

Anselmo: Acho bom! Era justamente o que eu queria.

Locutor(a): A essa altura, não havia um conflito somente entre os dois. A crise se espalhou pelo grupo. Anselmo foi para a reunião do grupo e, das 20 pessoas participantes, apenas duas estavam lá. O conflito entre os líderes levou a um blecaute no grupo. Airton deixou de ir no grupo, Anselmo tentou chamar alguns amigos e amigas para criar um novo grupo, mas não deu certo. Por outro lado, a maioria dos jovens e das jovens sentiu-se mal com a situação. Então surgiu a ideia: que tal se eles participassem de um debate?

A ideia serviu como uma luva: os dois, Anselmo e Airton, foram consultados e toparam a parada. O tema do debate seria: “O que é coordenar um grupo de jovens?” Cada um teria que trazer suas ideias e o grupo iria confrontá-las, para ver qual decisão tomar. Marcado o dia e a hora, o debate começou.

(Preparar o cenário para o debate: colocar uma faixa, em papel pardo, com a frase-tema do debate: “O que é coordenar um grupo de jovens?”.)

SEGUNDO ATO (O debate)

(Para esse momento é necessário que uma pessoa seja a “mediadora do debate”, controlando o tempo e dando a palavra aos debatedores.)

Mediador(a): O debate sobre o tema: “O que é coordenar um grupo de jovens?” está aberto. Com a palavra o jovem Airton, coordenador da JEDOP. Você tem direito a uma pergunta sobre o tema.

Airton: Prezados e prezadas jovens, prezado amigo Anselmo. Estamos diante de um dilema. Você me acusa e acusa nosso grupo de não sermos santos! A gente não ora, não lê a Bíblia, não vai aos cultos. Você disse também (e não só pra mim, mas espalhou pelo bairro) que sou comunista, que estou com o “diabo no corpo” e muito mais. Pois bem. O nosso grupo de jovens é um grupo cheio de preocupações, medos, incertezas. O desemprego está aí, eu mesmo não sei se fico muito tempo no emprego, pois os patrões tão querendo mandar a gente embora. Você acha que coordenar um grupo é ficar aqui rezando, pedindo que Deus venha do céu e mude as coisas injustas que acontecem? O que você pensa desses assuntos sociais?

Anselmo: Queridos irmãos e queridas irmãs em Cristo Jesus. Quero tomar a liberdade de dizer que me sinto muito bem em estar aqui com vocês. Quanto à sua pergunta, Airton, eu não entendi: o que você quer dizer com a frase: “Deus venha do céu”? Você por acaso pede ajuda para Deus? Você conversa com Deus? Eu converso, todos os dias, peço proteção. Acho que é por isso que estou tão bem. Veja só, eu não preciso me preocupar com essas ideias comunistas. Tenho minha casa, minha namorada, que é fiel ao Senhor Jesus, tenho meu carro, não é do último ano, mas é bem novinho. Deus está me ajudando e eu tenho certeza de que ele faz isso por que eu faço coisas boas para ele e para as outras pessoas. Eu ajudo minha família, vou com a minha namorada dar comida para quem não tem, ajudo pessoas idosas e, o principal: estou sempre orando, para que Deus sempre me faça ajudar mais e mais as pessoas. Agora, e você? Você está aí, está atrasado nos estudos, não sabe nem orar e quer coordenar um grupo! O que você sabe, cara?

Airton: É meu irmão, você tem razão! Estou atrasado nos estudos. Acho que sou mesmo um ignorante, por que só faltou você falar isso! Mas tudo bem. Jesus para mim foi um comunista! Ele não tinha joias, dinheiro, nem nada disso que você e sua família têm. Ele era filho de carpinteiro, e a sua noiva, a Maria, ficou grávida (*para um pouco, respira e inicia*). Mas não vou entrar nas suas baixarias. Quero saber se você, com toda a sua sabedoria, toda a sua universidade, sabe responder uma coisa: Jesus veio ao mundo de forma muito simples. Sua vida aqui na terra foi andar no meio das pessoas pobres. Ele se doou. Não é assim que falam na nossa igreja, que Jesus foi o tal do “verbo encarnado”? Pois é, um dia vi o pastor falar sobre a “fé”. Ele disse que a fé é presente de Deus. Do jeito que você está falando, parece que você fez uma troca com Deus: você ora bastante, faz coisas boas e Deus te recompensa com dinheiro, carro, família feliz... O que você me diz sobre a graça de Deus? Você pode comprar a graça de Deus?

Anselmo: Nossa, até parece que você virou gente, falando de Deus como se fosse entendido mesmo. Mas vou responder, pois vejo muitos amigos e amigas aqui que merecem uma resposta: na Bíblia diz que a fé sem obras é morta (*Mostra a placa de Tiago 2.17: Assim também é a fé, se não tiver obras, por si só está morta!*) Você consegue enxergar? Jesus deu tudo que tenho a mim por que sou fiel a ele! Tenho minhas coisas porque luto por isso, não como você, que fica provocando bagunça, que eu sei. E a maior obra de fé que podemos fazer é levar o povo à fé em Jesus.

Airton: Eu faço bagunça? Eu estou fazendo o que é preciso para ajudar as pessoas a terem melhores condições de trabalho e de vida. E isso não é bagunça! É conscientização! A gente precisa de união para garantir nossos direitos. Isso eu até podia pensar que são *obras*, mas não penso assim. (*LEVANTA A PLACA: Romanos 1.17: O justo viverá por fé*). Penso que Deus me dá força e ânimo mesmo quando não oro! Mas eu tenho fé. Eu até acho que ela é fraca às vezes,

mas eu tenho fé. E acredito que Deus está comigo. Mas fazer caridade e se achar o tal é besteira, meu. Na sociedade as coisas estão ruins, e eu tento fazer alguma coisa para mudar. O jeito que achei foi esse, mas não fiz nenhuma troca com Deus. Eu acredito que Deus está no meio do povo, na cidade, no campo, na família, entre jovens que usam drogas.

Anselmo: Espera um pouco! Você acha que vai conseguir mudar o mundo? Quem é você, um pobretão que acha que é coordenador de grupo! Vou te dizer uma coisa. O mundo é mau, cara! As coisas não mudam. A gente tem que orar, ler a Bíblia e se converter para Jesus. Você diz que tem fé, mas fica só junto com gente de outras religiões. Vai ver você está querendo trazer essas ideias para discutir com o nosso grupo.

Airton: Em primeiro lugar, acho que você está fugindo do assunto. A gente está falando de vida! O nosso grupo tem pessoas que passam por diferentes situações: tem gente no nosso grupo que está desempregada, tem gente que sofre com violência na família, com drogas, e você está querendo confundir as coisas. Quando eu estou com meus amigos e amigas, não me interessa o nome que dão para a sua espiritualidade. Interessa que a gente consiga o melhor para todas as pessoas, e isso eu sempre falei no grupo. Se há problemas, a gente precisa solucionar os problemas e não criar mais problemas. Você só quer dominar. Você fala de Jesus, ora para ele, mas não olha para as pessoas que estão aqui. Jesus disse que devemos nos amar (*LEVANTA A PLACA: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei!*) Eu acredito no amor, mas no amor compromissado com a causa das pessoas mais fracas, excluídas, das que não são atendidas pelas leis.

Anselmo: Não tem jeito. Você diz que eu estou fugindo, mas você vem com esse chavão do AMOR AO PRÓXIMO. Vou te dizer uma coisa. Amar ao próximo é levá-lo a Jesus.

Airton: Amar ao próximo é levá-lo a Jesus! Então Anselmo, como você coloca isso em prática?

Anselmo: Vou te dar um exemplo: tenho um amigo que esteve envolvido em drogas. Ele tentou até se matar. Sua família tinha tentado de tudo para ajeitar o cara, mas eles mesmos brigaram entre si. Os pais não sabiam como ajudar o próprio filho. Eu e minha namorada fomos procurá-lo, para conversar com ele. Quando o encontramos, ele se sentia um lixo, dizia que ia se matar e que a vida dele não tinha mais sentido. A gente sentou com ele, demos as mãos e convidamos para orar. Oramos com ele durante 20 minutos. Depois disso ele se sentiu melhor. Falamos para ele ir a um grupo evangélico que faz tratamento de drogados e ele quis conhecer. Aí levamos o cara lá e em dois meses de tratamento ele melhorou e hoje agradece a nós pelo que fizemos. Isso é levar uma pessoa a Jesus, Airton.

Airton: Muito bem cara. Aí eu concordo contigo. Não sei se isso acontece de forma tão rápida assim, mas vocês tiveram uma atitude muito humana. Eu acho que a gente tem que fazer essas ações mais vezes, mas também temos que discutir o porquê do uso das drogas. Aí você vai perceber que uma pessoa envolve-se em drogas porque existem outros problemas por trás. O desemprego tá levando muita gente pra caminhos ruins, como o alcoolismo e as drogas. E isso eu acho que o grupo tem que discutir e procurar soluções para mudar, entende?

Anselmo: Entendo, mas não concordo. Eu acredito que isso é ficar discutindo o sexo dos anjos, pois nós não temos como resolver os problemas.

Airton: Mas se a gente discute e toma consciência do que está acontecendo, vamos ter subsídios para motivar a nossa turma para ações maiores.

Anselmo: Pode até ser, mas para a gente amar a gente tem que estar com Jesus. Não tem outro jeito!

Airton: Se a gente ama, será que não é porque Jesus já está com a gente e a gente não precisa buscá-lo?

Anselmo: Claro que não! Tem muita gente que ama, mas ama com outros interesses. Quer amar para ganhar outra coisa em troca!

Airton: Espera aí! Agora estamos falando a mesma língua!

Anselmo: Como assim?

Airton: Você disse a palavrinha mágica: amor não é *troca*. Amar é a gente sair do discurso e procurar soluções para os problemas do mundo, não porque a gente vai ganhar algo para a gente mesmo, mas porque se Deus está conosco, a nossa ação é automática. A gente vai agir, vai discutir formas concretas de ação. No caso do seu amigo drogado, por exemplo, você e sua namorada fizeram muito bem. Vocês o levaram a um grupo que pode ajudá-lo na prática. Com certeza, se vocês tivessem ficado só na oração, ele não teria se curado.

Anselmo: *(para e pensa um pouco)* É, mas se a gente não tivesse orado, não teríamos conseguido nada.

Airton: Anselmo, eu sei que sua intenção foi a melhor, mas Deus é que agiu através de vocês para ajudar o seu amigo. Você foi um instrumento de Deus. E isso é legal! Só que não dá pra ficar se vangloriando, dizendo que você conseguiu ajudar. Não dá pra ficar orando para Deus e dizendo a si mesmo: “eu sou o máximo”. A nossa luta tem que ser amparada no que Jesus ensinou, nas suas parábolas, nas suas ações. Se Jesus tivesse só orado, não estaríamos aqui debatendo.

Anselmo: É, mas você também fica se vangloriando, achando que pode mudar o mundo. Isso não seria tarefa de Deus?

Airton: Anselmo, Deus não vai descer com suas tropas celestiais e acabar com o mal. Eu acho que, nas ações que refletem um amor sem troca, sem merecimento, Deus está mudando o mundo. A gente precisa de Deus, mas Deus precisa de nossas ações concretas em favor de um mundo melhor. Eu já ouvi num culto que Deus age nas pessoas mais fracas para o mundo.

Anselmo: E o que se quis dizer com isso?

Airton: A gente erra demais! Mas também temos acertos. Ninguém é perfeito e ninguém, por conta própria ou para se vangloriar, vai mudar as coisas. Deus está com as pessoas fracas, com as que sofrem, e é através das pessoas simples, que não querem nada em troca, que as coisas vão mudar e estão mudando.

Anselmo: É, mas ainda acho que a gente tem que orar mais e pregar a palavra de Deus. Se a gente fizer o que Deus quer, mais pessoas vão se converter, só que eu acho que não vamos conseguir mudar o mundo. Podemos só mudar as pessoas.

Airton: A oração no sentido de falar é importante, mas a *ação* é mais importante. Eu até acho que a oração e a ação não são desligadas entre si. Uma depende da outra. Mas eu acho que só orar não basta.

Anselmo: E só ação, basta?

Airton: Eu acho que qualquer ação que traga frutos de amor é por si só a melhor oração! Não tem uma música que diz: *A melhor oração é o amor...*?

Anselmo: Olha, eu queria voltar para o tema de nosso debate. Acho que amar envolve a ação e a oração, e coordenar um grupo de jovens, como a JEDOP, é uma tarefa para pessoas preparadas, pessoas que oram bastante, que leem a Bíblia e que ensinam ao grupo a palavra de Deus. Essas são as obras que estão ao nosso alcance. Não temos como mudar o mundo, logo, acho que em nosso grupo devemos estudar a fundo a palavra de Deus e pedir que ele nos proteja do mal que nos cerca. Não adianta ficar discutindo o problema do desemprego, da política. Isso é coisa para quem está na política. Podemos orar para que atuem com amor e só.

Airton: Coordenar um grupo de jovens vai mais longe do que isso que você disse. A palavra de Deus só tem sentido se a gente consegue colocá-la em prática no nosso dia a dia, e isso só é possível com ações. Se nós não agirmos, alguma coisa está errada. E pior ainda é sempre colocar a responsabilidade nas costas das outras pessoas. Dizer que política é coisa para outros e outras é analfabetismo. Jesus foi um cara político. E Deus, através de seu Espírito Santo, nos motiva para lutarmos por um mundo melhor.

Mediador(a): O tempo se esgotou: vocês têm, cada qual, um minuto para as últimas colocações.

Anselmo: Bom, eu quero dizer para vocês que Jesus é muito legal, e ele precisa de vocês, precisa do seu *sim*. Se um dia for coordenador do grupo, eu trarei muita música legal, muita oração, vamos ler a Bíblia, fazer uns piqueniques, brincar! Jesus precisa da gente, e vou lutar para que todos e todas aprendam isso, pois é por aí que a gente vai se salvar! O nosso grupo precisa da palavra de Deus. Vou fazer de tudo para o Senhor seja louvado sempre, e que o nosso grupo cresça cada vez mais. Obrigado.

Airton: Nesse tempo que sou coordenador sei que errei muito! Sei que quis muitas vezes tomar decisões que eu achava importante, sem consultar vocês. Sei que não orei tanto e não incentivei este lado mais “espiritual”, porque não é o meu costume, sei lá. Tentei ser democrático, mas não me saí muito bem. É que há muita coisa pra ser feita e talvez por isso tenha passando por cima de decisões importantes. Mas de uma coisa tenho certeza: Deus nos ama, e nos aceita com nossos erros e nossos acertos. E vou lutar para acertar. Bom, enquanto eu estiver na coordenação, quero que vocês saibam que vou continuar a minha luta para que a Juventude Evangélica faça alguma coisa, não para merecer nenhum prêmio, nem salvação no final; mas porque tem muita gente passando fome, e alguma coisa tem que ser feita. Que Deus nos ajude!

Debate no grupo:

- a) Dividir os participantes e as participantes em grupos de 3 a 7 pessoas e entregar duas placas para cada um. Em uma das placas, pedir para anotarem palavras-chave sobre o que mais chamou atenção no debate. Na outra, expressar uma proposta para o final deste debate.
- b) Apresentar as placas em plenária.
- c) Encerramento.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO

ESTUDOS BÍBLICOS, COMO FAZER?

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Existem muitas formas de compreender uma mensagem bíblica. Por onde começar? Dentro da confessionalidade luterana, é importante segurar pelo menos duas coisas. Uma em relação ao método, outra em relação ao conteúdo.

Método luterano: toda a pessoa que se propõe a elaborar um estudo bíblico para ser desenvolvido em um grupo, ou mesmo para uma compreensão particular, deve sempre ser “perguntadora”. Deve ser muito curiosa. Os textos bíblicos são cheios de detalhes e nuances. Perguntar é fundamental. Lutero fez o que fez na história da humanidade porque perguntou, questionando os textos bíblicos que lia.

Conteúdo: Apesar de todos os problemas que temos, Deus, em primeiro lugar, quer que vivamos dignamente. Deus é bondoso, seu julgamento é, em primeiro lugar, amoroso. Não devemos estudar um texto buscando logo uma lição de moral, mas sim, estudar um texto compreendendo que Deus quer o bem de toda a sua criação. Esta é a tal da “graça de Deus”.

Por que estudamos (perguntamos) a palavra de Deus? Porque queremos sentir essa graça. Queremos que essa palavra ilumine nossa realidade e indique caminhos para vivermos nesse mundo de forma digna e feliz.

Dados estes dois pilares, vamos escolher algumas ferramentas para construir nosso estudo bíblico.

Curiosos e curiosas, a postos!

Qual é, então, a primeira pergunta que devemos fazer? A resposta é outra pergunta: o que vamos estudar? Precisamos escolher o *tema*. Escolher um tema pode ser algo complicado, mas nem tanto. Uma boa sugestão é procurar a leitura bíblica para a pregação dos cultos dominicais.

Nesse sentido, você sabia que as igrejas compilaram uma série de leituras bíblicas para cada domingo? Chama-se Lecionário Comum Revisado. O mesmo texto bíblico que a pastora pregar no próximo domingo será pregado pelo padre na Igreja Católica e pelo reverendo na Igreja Metodista. Esta é uma vitória do ecumenismo, pois, ao encontrarmos com amigos e

amigas na escola, ou no mercado, saberemos falar sobre um mesmo tema. Essa série está disponível no livro *Senhas Diárias* e no Portal Luteranos.

Ao mesmo tempo a realidade nos coloca outros desafios, outros temas que têm urgência de serem tratados. Então outra opção é definir o tema a partir dos desafios existentes. Temos que ser curiosos e curiosas também com a nossa realidade. Por exemplo: o grupo de jovens está dividido em “panelinhas”. Será bom estudar um texto que tenha como tema a *unidade*. Por exemplo, 1 Coríntios 12, que fala do corpo e de suas diversas partes.

Para este exercício, escolhemos um texto bíblico quantíssimo para nossos dias, de Mateus 20.1-16. O texto trata de uma parábola de Jesus, Jesus compara o Reino de Deus a um patrão, que saiu a contratar trabalhadores para a sua vinha. Há, nesta parábola, detalhes que não podemos deixar de fora, para melhor compreender o texto:

- o patrão sai a contratar, nas diversas horas do dia;
- há pessoas empregadas e desempregadas;
- há trabalho para todas as pessoas;
- há descontentamento por parte das pessoas empregadas que trabalharam todo dia;
- há um patrão bondoso, que quer retribuir aos seus empregados e às suas empregadas da mesma forma.

Como interpretar essa mensagem bíblica para dentro de nossa realidade?

Sugestão de roteiro para o encontro

1. Na entrada, entregar um bilhete para as cinco primeiras pessoas que chegarem (ou proporcionalmente a 50% do grupo) com o seguinte dizer: “Você receberá um bombom se cantar os primeiros cantos.” Iniciar o encontro, imediatamente, cantando dois ou três hinos.

2. Fazer uma oração e a leitura deste texto:

Certa vez, um patrão de uma fábrica precisou contratar gente para o trabalho. Às 7 horas, formou-se logo uma fila diante da fábrica, pois muitas pessoas, especialmente jovens, estavam sem emprego, e aquela seria a única forma de ganhar um salário mínimo. Imediatamente, elas começaram a trabalhar.

Ao meio dia, porém, o patrão saiu e encontrou gente sentada na praça da cidade. Perguntou se também queriam trabalhar na fábrica. Elas aceitaram o convite e foram trabalhar. Perguntaram ao patrão sobre o salário, e este lhes respondeu que pagaria o que era justo. Às 3 horas da tarde saiu o patrão novamente, e fez o mesmo. Já eram, então, 5 horas, o expediente estava encerrando, e mesmo assim o patrão mandou mais pessoas trabalhar.

Chegou a hora do pagamento. O patrão fez uma fila, começando pelas pessoas que começaram primeiro, indo até as últimas. Pagou a todas um salário mínimo, que voltaram felizes para casa.

3. Entregar para os jovens e as jovens que chegaram mais tarde outro bilhete, onde estará escrito: “Você infelizmente chegou tarde ao encontro e não cantou os primeiros cantos. Você não irá receber o bombom que as primeiras pessoas ganharam.”

4. Distribuir o bombom às pessoas que ganharam o primeiro bilhete.

5. Observar as reações do grupo.

6. Discutir com o grupo a partir das reações. Perguntas que podem ajudar:
Qual foi a reação de quem recebeu o bombom? Ficaram felizes? Repartiram o bombom?

Qual foi a reação de quem ficou sem bombom? Ficaram apáticos? Reclamaram?

7. Ler o texto de Mateus 20.1-16.

8. Perguntar para o grupo:

Por que e de que forma Deus é bondoso? A distribuição dos bombons demonstra que somos egoístas? Como funciona isso no grupo: todos e todas se sentem bem, ou algumas pessoas acham que são mais ou menos importantes que outras?

9. Distribuir bombons para todas as pessoas do grupo. Comentar que a graça de Deus é doce como o bombom, e quer alcançar todas as pessoas, independente do tempo em que trabalharam, do jeito de se vestir, da cor do cabelo. Deus precisa de trabalhadores e trabalhadoras para a sua vinha. Topamos trabalhar? Os luteranos e as luteranas têm na graça de Deus a mensagem central de suas vidas. Deus não seleciona pessoas; Deus ama a todas. Ele pede que nos amemos mutuamente. Esta é a sua única e maior exigência.

10. Encerrar com uma oração e de mãos dadas.

Conclusão

Um estudo bíblico, seja ele qual for, não deve ser imposto, não deve levar os jovens e as jovens a se sentirem culpados e culpadas. O estudo deve fazer com que cada pessoa reflita a sua realidade a partir da palavra de Deus, para que essa realidade possa ser transformada. Nunca devemos fazer um estudo bíblico para justificar nossas ideias. Devemos interpretar a palavra de Deus, e mudar as nossas ideias, pois assim o grupo pode crescer e ser sal e luz no mundo. Para um estudo bíblico dar certo no encontro do grupo de jovens, segure estas coisas: estude o texto, compartilhe a ideia com outras pessoas, invente um jeito criativo, deixe o texto bíblico falar para a realidade de você.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Roteiros de estudo

NOS PASSOS DA REFORMA

Catequista Cláudio Giovani Becker

Objetivo: Conhecer o momento histórico onde se deu a Reforma Luterana, pessoas que influenciaram a Reforma, vida, posições e postura de Lutero, seus escritos e símbolos significativos.

1ª Técnica: Exposição

Materiais necessários:

- Fotocópias de fotos e imagens de personagens e situações da época da Reforma;
- Papel pardo com tamanho suficiente para confeccionar uma porta, para representar a porta da sala de estudos do Castelo de Wartburg, onde Lutero traduziu parte da Bíblia;
- Faixa em papel pardo, com o título da exposição: “Nos passos da Reforma”.
- Previamente, montar a exposição com os elementos acima citados;

Desenvolvimento:

- Com o grupo, promover um diálogo introdutório sobre o contexto social, político, religioso, cultural e econômico da época da Reforma Luterana.
- Conduzir uma visita comentada à exposição “Nos passos da Reforma”.
- Entregar os textos-base (disponíveis nas páginas seguintes) e conduzir o diálogo a partir deles.

2ª Técnica: “Phillips 66”

Materiais necessários:

- Textos-base (disponíveis nas páginas seguintes): O primeiro texto é sobre os sacramentos da Igreja Luterana. O segundo sobre a Rosa de Lutero e seu significado. O terceiro texto fala sobre a Confissão de Augusburgo. O quarto texto é sobre Reforma e educação luterana. O quinto trata das 95 teses que sustentaram a Reforma e o sexto e último texto fala sobre os Catecismos Maior e Menor de Martin Lutero.

- Cartolina;
- Canetas hidrocor.

Desenvolvimento:

- Formar grupos, divisíveis por 6, que recebem textos para a leitura. Cada pessoa do grupo deve anotar as principais discussões para repassar aos demais grupos.
- Em seguida, troca-se de grupo para que as informações sobre os textos sejam repassadas.
- Todos e todas voltam para o grupo original. O grupo contextualiza o seu tema para os dias atuais, ou seja, verifica o seu significado hoje. Define esse significado em uma frase ou em três tópicos, escreve-o na cartolina e apresenta para a plenária.

Referências:

BRUNKEN, Werner. *Igreja Luterana: Origem e Fundamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

ERLANDER, Daniel. *Batizados, Vivemos: Luteranismo como um modo de vida*. São Leopoldo: CEM, 1986.

LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 5ª ed. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia. 1997.

Revista IECLB. Conhecendo uma Igreja. São Leopoldo: Sinodal. 1992.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).

Nos Passos da Reforma – Texto nº 1

OS SACRAMENTOS

Sacramento não é uma palavra encontrada na Bíblia, porém com ela podemos traduzir o que Deus concede às pessoas. Nela encontramos as raízes de *sagrado* e *segredo*. *Sagrado* porque vem de Deus (Mateus 28.19-20: “Ide e fazei discípulos...”). *Segredo* porque o que acontece não podemos esclarecer com a nossa mente, mas aceitar na fé (Mateus 26.26-27: “Tomei e comei. Isto é o meu corpo (...) tomai e bebei, este é o meu sangue...”).

Em nossa confessionalidade luterana, consideramos Sacramento somente o Batismo e a Santa Ceia (Ceia do Senhor ou Eucaristia). Eles foram instituídos por Jesus Cristo, por isso dizemos que Cristo está presente neles, assim como está presente em toda criação. Isso é diferente do que acontece na Igreja Católica Apostólica Romana, onde existem sete sacramentos: Batismo, Eucaristia, Crisma, Casamento, Sacerdócio, Confissão e Comunhão aos Enfermos.

O Sacramento do Batismo

Pela fé, cremos que o Batismo não é algo inventado pelas pessoas. Foi Cristo que o instituiu pela vontade de Deus, conforme Mateus 28.19, e ele próprio se deixou batizar (Mateus 3.13-17).

Com o Batismo estamos unidos e unidas a Cristo e somos parte do seu corpo, a Igreja. Conforme Gálatas 3.13, somos pessoas batizadas em Cristo e passamos a pertencer a ele. No Batismo morremos para nós mesmos e nós mesmas, a fim de vivermos para Cristo, de acordo com a proposta dele (Romanos 6.3). Pelo Batismo também obtemos a remissão dos pecados.

Algumas igrejas não realizam o Batismo de crianças. Elas entendem que somente uma pessoa adulta pode compreender o seu significado. Para nós, pessoas evangélicas luteranas, o Batismo de crianças é a prática mais comum. A diferença está na compreensão bíblica e teológica sobre o Batismo. Para nós, o Batismo é um presente, uma graça de Deus, que vale tanto para pessoas adultas como para crianças, independente de saber ou não o significado do Batismo. Deus nos dá o seu amor, antes de podermos saber qualquer coisa a seu respeito (1 João 4.19). A comunidade professa sua fé na ocasião do Batismo.

Com o Batismo, Deus quer dar vida nova à pessoa batizada, que estabelece uma aliança com os irmãos e as irmãs e com a comunidade.

Através da água, no Batismo, somos pessoas:

- incorporadas em Cristo e em seu corpo, que é a Igreja;
- iniciadas e adotadas no povo de Deus;
- chamadas, escolhidas, salvas, nascidas de novo;
- perdoadas, livres para viver sem culpas;
- ordenadas e chamadas para sermos suas testemunhas;
- marcadas com a cruz de Cristo para sempre;
- membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil;
- presenteadas com o dom do Espírito Santo.

Por causa do Batismo somos pessoas cristãs. Nossa situação perante Deus nunca depende:

- de como nos sentimos,
- de ter uma experiência “correta”,
- de estar livre de dúvidas,
- do que fazemos,
- de nosso êxito ou posição social.

Somos cristãos e cristãs porque Deus nos surpreendeu. Por meio na água, unida à Palavra, Deus nos lavou e nos libertou em Cristo. Nossa identidade durante todos os dias de nossa vida está assegurada! Somos filhos e filhas de Deus, sacerdotes e sacerdotisas do Rei, discípulos e discípulas de Cristo, um povo servidor, uma nação santa, a comunhão dos santos. Somos seguidores e seguidoras do caminho, que proclamam as obras maravilhosas de Deus. A história de Jesus torna-se a nossa história. Batizados e batizadas em sua morte, somos ressuscitados e ressuscitadas para viver como corpo de Cristo no mundo de hoje.

O Sacramento da Santa Ceia

Lutero compreendeu que Jesus, ao instituir a Santa Ceia, não transformou pão e vinho, mas junto com o pão e o vinho deu seu corpo e o seu sangue. Para as igrejas católica e de confissão luterana, a presença de Cristo é real e há perdão dos pecados pelo sacrifício de Cristo na cruz, que nos deu nova vida.

A pessoa que tem fé nas palavras “dado e derramado em favor de vós para a remissão dos pecados”, é digna e bem preparada para receber a Santa Ceia. Deus presenteia-nos com perdão e nova comunhão para com ele e para com as demais pessoas. Participamos, assumindo fraquezas, deficiências, limitações e impossibilidades de viver plenamente a vontade de Deus.

Conversa no grupo ou em pequenos grupos:

- Como é a prática do Batismo e da Santa Ceia na comunidade?
- Resumir a discussão em uma frase ou em palavras-chave para apresentar na plenária.

A ROSA DE LUTERO



Um emblema ou distintivo é um desenho em que se encontra estampada determinada marca, ou seja, com o que uma pessoa, um grupo, um clube ou um país se identifica. Pela forma e cor é possível ver o que pensam as pessoas que usam determinado emblema. Martin Lutero, por volta de 1520, criou um distintivo, por meio do qual mostrou o que pensava e acreditava. O emblema criado por Martin Lutero é usado, ainda hoje, por todas as pessoas que anunciam o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, como membros da Igreja Luterana em todo o mundo.

O anel dourado: É a cor do ouro. E o ouro é um dos metais mais preciosos. Esse anel lembra as dádivas que cristãos e cristãs receberam através de Jesus Cristo para a vivência da fé e para a prática do amor. O que Cristo fez pelas pessoas vale mais do que todas as outras coisas consideradas preciosas neste mundo. Além disso, convém observar que o círculo não tem começo nem fim. Isto lembra que, no caminho da cruz, no serviço cristão, encontramos a felicidade, que é eterna. O bem mais precioso, a vida que dura para sempre, recebemos quando dedicamos a nossa vida em favor do próximo e da próxima. Jesus Cristo diz: “O que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25.40).

O fundo azul: Azul é a cor do céu. Na rosa, é sobre o fundo azul que estão colocadas todas as outras coisas. Isto lembra que, assim como Cristo veio ao nosso encontro, Deus também está conosco. Ele está conosco dia a dia. Sob este céu azul podemos viver com e para Deus, colocando sinais do seu Reino, aqui e agora. Aqui e agora crescem a esperança e a alegria pelo futuro que pertence a Deus. O azul nos lembra a eternidade, o que dura para sempre.

A rosa branca: Ela assinala que a fé em Deus nos dá alegria, consolo e paz. Foi Jesus Cristo que nos resgatou para uma vida pura e eterna. A cor branca da rosa aponta para a transformação através de Jesus Cristo. Ele traz verdadeira paz e alegria à vida da pessoa cristã. Onde há paz e alegria não podem faltar o amor, a compreensão e a prática da justiça. Toda palavra e ação de Jesus podem ser representadas pela rosa branca.

O coração vermelho: Ele lembra a vida como um todo. Também a nossa fé é envolvida no todo desta vida: nossa mente, nossos sentimentos, nossa vontade, nosso falar e o nosso agir se relacionam com a vida representada no coração. A cor do coração lembra a maneira, sem igual, como Cristo nos resgatou da morte pelo seu sangue. Jesus mesmo diz: “Porque isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados.” (Mateus 26.28). É no coração, ou seja, na vida como um todo, que carregamos a fé, a esperança e o amor. Tendo fé naquilo que Jesus fez por nós, nossa vida recebe um novo sentido. Por isso, colocamos essa vida a serviço de Cristo.

A cruz preta: Ela é o centro do emblema. Lembra a forma como Deus vem ao nosso encontro. Seu amor se dá a conhecer através de Jesus. A cruz significa que Cristo agiu na nossa vida e continua agindo e é isto que nos transforma. Crendo, recebemos uma nova mentalidade. E se a cruz preta está rodeada por um coração vermelho, isso lembra que somente a fé no crucificado, que derramou o seu sangue por nós, traz a verdadeira salvação. Na cruz de Cristo vemos os braços abertos do próprio Deus que vem em nossa direção, para dentro da vida de sofrimento, de angústia, de luto, de injustiças. Nesta certeza, de que Deus vem ao nosso encontro, desafiando-nos a viver a sua misericórdia, que proclamamos ainda hoje: “O JUSTO VIVERÁ POR FÉ” (Romanos 1.17).

Conversa no grupo ou em pequenos grupos:

- Qual a mensagem da Rosa de Lutero para os nossos dias?

CONFISSÃO DE AUGSBURGO

O resultado da Reforma contribuiu para o enfraquecimento do império de Carlos V, por causa das grandes diferenças religiosas. Por isso, Carlos V convocou uma dieta imperial em Augsburg para abril de 1530. Queria colocar um fim na desunião religiosa. Para isso, convocou os membros da dieta para discuti-las e superá-las. Foi pedido aos teólogos de Wittenberg que preparassem um relato sobre as crenças e práticas nas igrejas de sua terra.

Lá, decidiu-se por uma declaração conjunta. Este documento foi preparado por Felipe Melancthon. Lutero não participou, porém foi consultado para fazer revisões. A Confissão de Augsburg assumiu importância como uma declaração pública de fé, documento básico para a teologia luterana. Foi redigida de maneira a clarear as diferenças em relação aos zwingilianos, entusiastas e anabatistas, e a salientar a concordância com representantes da “velha fé”.

Em outras palavras, pode-se dizer que a Confissão de Augsburg foi resultado de um mutirão de comunidades. Ela testemunha como Deus se apresenta como aquele que está *com e a favor* da criação, por causa de Jesus Cristo.

Acesse a Confissão de Augsburg no Portal Luteranos por meio deste link: <http://www.luteranos.com.br/textos/a-confissao-de-augsburgo>.

Conversa no grupo ou em pequenos grupos:

- Qual o significado da Confissão de Augsburg para nossos dias como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil?

REFORMA E EDUCAÇÃO

No tempo de Lutero não existiam as escolas comunitárias e públicas. Pode-se dizer que essas são uma invenção recente. Na época da Reforma, cada família procurava educar seus filhos e suas filhas em casa. Às vezes, com muita dificuldade, uma família mais simples conseguia pagar um convento ou um professor particular. O sistema educacional estava centrado nas mãos da igreja. Enviar um filho a uma universidade era privilégio da nobreza. Diante dessa situação, Lutero passou a chamar atenção das autoridades para que voltassem sua atenção às pessoas pobres, miseráveis e abandonadas, pois a educação da época só estava ocupada em manter e reproduzir o pensamento da classe dominante. Era mais interessante, para o governo da época, manter o povo na ignorância. Por isso, ideias diferentes eram proibidas e censuradas.

Lutero tem importante contribuição para a democratização do acesso à educação. Tomou medidas concretas para mudar a situação. Uma delas foi a tradução da Bíblia para a língua alemã. Outra foi a redação do Catecismo Menor, com o qual os pais e as mães poderiam educar seus filhos e suas filhas na fé cristã.

Em 1524, Lutero escreveu uma longa carta às autoridades para exigir educação para as crianças e jovens. Com muita fé e coragem ele fez suas reivindicações. Leia a seguir, alguns trechos dessa carta:

“Aos conselheiros de todas as cidades da nação alemã, para que criem e mantenham escolas”.

“...Caros Senhores, a cada ano gasta-se tanto em espingardas, estradas, caminhos, diques e tantas outras obras desse tipo, para dar a uma cidade paz e conforto; mas por que não se investe pelo menos a mesma soma para a juventude pobre e necessitada, sustentando uma ou duas pessoas capazes como professores de escola?”

“Mesmo que os pais fossem aptos e quisessem assumir a educação de seus filhos, não teriam nem tempo e nem espaço para fazê-lo. Também seria muito caro para um simples cidadão pagar um professor particular e, assim, muitas crianças seriam prejudicados por serem pobres”.

“Minha ideia é a seguinte: Os meninos devem ser enviados à escola diariamente por uma ou duas horas e depois podem fazer o serviço de casa e aprender uma profissão. As duas coisas devem andar juntas, enquanto são jovens e podem dedicar-se a isso. Também uma menina pode dispensar diariamente uma hora para ir à escola e, ao mesmo tempo, cumprir perfeitamente suas tarefas de casa.”

“A prosperidade, a saúde e a melhor força de uma cidade consiste em ter muitos cidadãos instruídos, cultos, racionais, honestos e bem-educados...”

“Por isso, caros senhores, dedicai-vos à tarefa que Deus exige de vós tão insistentemente, que é de vosso dever, que é tão necessária para a juventude...”

Martim Lutero

Conversa no grupo ou em pequenos grupos:

- Passados 500 anos, chegamos aos nossos dias percebendo que a história se repete. A educação continua sendo deficitária. Colocando-nos no lugar de Martim Lutero, como responderíamos hoje à situação em que se encontra a educação no Brasil?

Nos Passos da Reforma – Texto nº 5

PREGAÇÃO DAS 95 TESES

No dia 31 de outubro de 1517, Martin Lutero publicou as 95 teses, rapidamente distribuídas por toda Alemanha, para discutir a sua discordância em relação a práticas teológicas da Igreja Católica Apostólica Romana. Este foi considerado o estopim para a Reforma da igreja, iniciada na Europa e que se ampliou para o resto do mundo. Excomungado da igreja, Lutero iniciou uma Reforma que se prolonga até os nossos dias. Separadas as diferenças, pessoas católicas e luteranas trabalham em cooperação e respeito.

Lutero não quis fundar uma nova igreja, mas, como já diz o nome, reformá-la. Queria enfatizar o Evangelho de Jesus Cristo (a pessoa é salva pela fé). Depois de muitos momentos de angústia e inquietação por se considerar constantemente em pecado diante de um Deus-Juiz, Lutero descobriu, quando ainda vivia no convento, um Deus misericordioso. Essa descoberta desencadeou e marcou toda a Reforma Protestante. Ficou claro para o reformador que pecado não era simplesmente pequenas coisas que se fazia ou se deixava de fazer, mas é o afastamento da criatura do seu criador.

A Reforma luterana nasceu como protesto contra a transformação do Evangelho em leis e interpretações manipuladas pela Igreja de Roma. Por isso, as pessoas cristãs de confissão luterana também são conhecidas por “protestantes”.

Das convicções luteranas resultaram os “pilares da Reforma”, afirmados por Lutero e que marcam a pregação luterana até os dias atuais:

- somente Cristo,
- somente pela fé,
- somente pela graça,
- somente pela Escritura.

Com a publicação das 95 teses, Lutero não fez simplesmente uma crítica às indulgências e ao poder de Roma. Ele mostrou a importância e as limitações das boas obras e como poderiam ser melhores que as indulgências, ressignificando assim o seu lugar na fé cristã:

- Tese 06: “O papa não pode remittir culpa alguma senão declarando e confirmando que ela foi perdoada por Deus, ou, sem dúvida, remittendo-a nos casos reservados para si; se estes forem desprezados, a culpa permanecerá por inteiro.”;
- Tese 43: “Deve-se ensinar aos cristãos que, dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que se comprassem indulgências.”;
- Tese 45: “Deve-se ensinar aos cristãos que quem vê um carente e o negligencia para gastar com indulgências obtém para si não as indulgências do papa, mas a ira de Deus”.

(Confira as demais teses no Portal Luteranos: http://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html)

Conversa no grupo ou em pequenos grupos:

- Em nossos dias, onde essas situações se apresentam? Qual nossa reação frente às formas que muita gente usa na busca por “garantir um pedacinho do céu”?

OS CATECISMOS

Quando as igrejas evangélicas luteranas haviam alcançado certa estabilidade externa, foi necessário fortalecê-las internamente. Dentre os vários materiais produzidos, em 1529 foi publicado o *Catecismo Maior*. Originalmente ele se chamava de *Catecismo Alemão*. Enquanto Lutero escrevia o *Catecismo Maior*, preparou ao mesmo tempo o *Catecismo Menor*. Este ficou disponível em forma de livreto/caderneta. O *Catecismo Menor* não é uma diminuição do *Catecismo Maior*, nem o segundo uma ampliação do primeiro. O *Catecismo Menor* era para ser usado na família como subsídio aos pais e mães na educação cristã de seus filhos e de suas filhas. Já o *Catecismo Maior* era direcionado ao uso do clero, para a formação e informação de seus párocos. Por este motivo, continha mais conteúdo e mais polêmicas.

É possível adquirir os catecismos junto à Editora Sinodal (www.editorasinodal.com.br).

Conversa no grupo ou em pequenos grupos:

- Localizar onde e como usamos hoje os catecismos.
- Qual o valor dos catecismos para os nossos dias?



Lado AÇÃO – Roteiro de estudo

TEMPERO LUTERANO NA MÚSICA

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Objetivo: Identificar o conteúdo e o “tempero luterano” de canções cantadas pelo grupo.

Técnica

Apresentamos uma sugestão de estudo a partir de um hino conhecido na igreja, mas podem ser escolhidos outros. O tema ficará mais interessante se o grupo conhece a canção. Se não conhece, é um ótimo momento para aprendê-la.

Materiais:

- Uma cópia para cada participante do hino *Vem Espírito de Deus*, de Rodolfo Gaede Neto (Hinos do Povo de Deus, 318);
- Cartolina ou papel pardo;
- Caneta para cartaz.

Desenvolvimento:

- Distribuir uma cópia do hino para cada participante;
- Cantar o hino com o grupo;
- Caso o grupo tiver mais que cinco pessoas, dividi-lo em grupos menores. Cada grupo tem a tarefa de ler o texto desse canto e criar uma dança litúrgica;
- Os grupos apresentam o canto com a dança;
- Em seguida, lançar a pergunta: por que precisamos chamar o Espírito? Ele já não está presente em nosso meio? Deixar um tempo para um “zumzum” (conversa). Em seguida, anotar as opiniões na cartolina.
- Em quatro grupos, identificar as palavras-chave de cada estrofe (cada grupo recebe uma estrofe). *Observação:* Se o grupo for pequeno, as quatro estrofes podem ser analisadas em conjunto.

Perguntas para cada grupo:

Grupo 1 (primeira estrofe): O Espírito Santo está nos impulsionando a mudar as relações de injustiça da nossa sociedade. Como fazemos isso?

Grupo 2 (segunda estrofe): O amor deve ser a base da nossa vida. Como podemos procurar a verdade, buscando justiça e liberdade?

Grupo 3 (terceira estrofe): Quais os dons que o Espírito Santo pode nos conceder? Ele nos ajuda a prosseguir?

Grupo 4 (quarta estrofe): A ação do Espírito clareia nossa caminhada. Quais os passos concretos que nosso grupo pode dar, na comunidade e na sociedade, iluminado pelo Espírito Santo?

g) Em plenária, os grupos cantam a estrofe e compartilham o que discutiram;

h) Oração final.

Comentário:

Há diferentes formas de se trabalhar com os cantos. Esse hino do Rodolfo Gaede Neto, em especial, poderia ser enquadrado mais na perspectiva libertadora, uma vez que juntos e juntas, como povo de Deus, pedimos no estribilho pela ação do Espírito. Nas estrofes observamos as diferentes práticas que, como Igreja e como grupo de jovens, podemos assumir. O tempero dessa canção é bem luterano. Precisamos da graça do Espírito Santo para agir.

Texto de Apoio

Simeí de Barros Monteiro é uma compositora e estudiosa da música sacra no meio ecumênico. Ela escreveu um texto com o título: *O Cântico da Vida – análise de conceitos fundamentais expressos nos cânticos das igrejas evangélicas no Brasil*. Neste texto, Simeí toma como ponto de partida o Credo Apostólico. Com o Credo de pano de fundo, que traz os temas fundamentais para as igrejas cristãs, ela analisa hinos a partir de três perspectivas:

1ª) *Perspectiva conservadora*: a perspectiva conservadora traz uma linguagem desconectada da realidade: “o propósito da linguagem conservadora é repetir, insistir em certas expressões até que elas criem a ilusão da realidade” (MONTEIRO, 1991, p. 38). Muitos hinos trazem uma linguagem difícil, embora tenham, na maioria, um bom conteúdo.

2ª) *Perspectiva renovadora*: na perspectiva renovadora há uma linguagem poética, menos dogmática e mais prática. Expressões como “meu salvador” e a recuperação de temas como o Espírito Santo fazem parte desse universo de canções mais ligadas à pessoa e sua relação com Deus.

3ª) *Perspectiva libertadora*: a perspectiva libertadora busca aprofundar a relação da presença de Deus no mundo, transformando as relações de injustiça e de desigualdade entre os seres humanos. Traz temas políticos e sociais, na ótica da construção do Reino de Deus a partir do povo, em comunhão com Jesus.

Não podemos esquecer que os cantos são, em geral, composições individuais: há uma pessoa por detrás de cada canção. Ao mesmo tempo, essas pessoas que compõem têm uma história, uma comunidade, um contexto, uma situação econômica. Tudo isso pode transparecer na própria composição. Os textos podem expressar conceitos de uma ou até das três perspectivas acima juntas.

Dessa forma, é importante escolher um tema ao preparar um estudo sobre canções. Ele pode ser o amor, o Espírito Santo, a injustiça, a conversão, etc. A partir do tema é que os cantos serão escolhidos. Essa escolha implicará em um pouco de pesquisa. Nem sempre temos a

autoria da música, ou o lugar ou o grupo onde a música nasceu. Se tivermos essas informações, ficará mais fácil entender o texto.

Referências:

MONTEIRO, Simeia de Barros. *O cântico da vida: análise de conceitos fundamentais expressos nos cânticos das igrejas evangélicas no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1991.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado "Graça e Fé: temperos para a vida", publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Roteiro de estudo (ideal para retiro ou passa-dia)

PARA VER O FILME MARTIM LUTERO

Catequista Louis Marcelo Illenseer

Esta proposta de estudo sobre a vida e obra de Martim Lutero e os principais temas da Reforma a partir do filme Martim Lutero tem três partes. Cada parte tem uma técnica diferente. Por ser uma proposta que demanda mais tempo que a média de duração de um encontro de grupos, ela se aplicará melhor como roteiro para um retiro ou encontro de um dia.

Objetivo: Buscar uma contextualização dos temas principais do luteranismo, a partir do filme “Lutero” (2003), dentro de um enfoque bíblico.

PRIMEIRA PARTE

1. Introdução

Ao olharmos para a história da Reforma, reconhecemos alguns termos centrais, como indulgências, somente a graça, liberdade, etc. Em 1953 e 2003 foram produzidos dois filmes sobre a Reforma e Martim Lutero. Estes filmes, chamados respectivamente de “Martinho Lutero” e “Lutero”, procuraram apresentar o processo de crise que Lutero passou e que o levou à redescoberta do Evangelho a partir de Romanos 1.17 – “o justo viverá por fé”, desencadeando o movimento da Reforma da Igreja.

2. Assistir um dos filmes sobre Martim Lutero.

3. Técnica do Varal

Materiais: Papel pardo recortado em forma de camisetas - algumas contendo palavras-chave do filme (de situações ou conceitos importantes que aparecem no filme) e outras em branco; fio para montar um varal, prendedores de roupa ou grampeador, canetinhas coloridas.

Desenvolvimento:

a) Dividir o grande grupo em pequenos grupos de, no máximo, 8 pessoas.

b) Cada grupo vai receber algumas camisetas, recortadas em papel pardo, sobre as quais estão escritas palavras-chave referentes ao filme. Cada grupo recebe também camisetas em branco, onde outras palavras-chave ou expressões que chamaram a atenção podem ser escritas.

c) Ainda nos pequenos grupos, discutir os aspectos mais importantes, referentes a todas as palavras-chave.

d) Em plenária, as camisetas serão apresentadas e estendidas num varal, seguindo uma linha do tempo conforme o filme.

4. Conclusão

Feita a linha do tempo, retomar os temas do filme que correspondem às passagens bíblicas que Lutero utilizou, ou que representem esses temas. Anotar essas passagens em outras camisetas, que serão expostas no mesmo varal.

SEGUNDA PARTE

1. Introdução

Após esta retomada dos temas principais do luteranismo, extraídos do filme, sugerimos promover um debate.

2. Técnica do Debate

a) Um debate é uma discussão de ideias. Para haver um debate interessante, que leve o grupo a uma reflexão aprofundada de um determinado tema, as ideias precisam ser contrastantes, ou seja, precisam se contrapor. Não acontece debate onde se discute o mesmo ponto de vista de uma situação. Por exemplo: sobre o machismo, o debate pode ser feito por duas mulheres, uma que defende que o marido é quem manda em casa e outra que defende os ideais feministas.

b) Nesse caso, o debate é, de certa forma, uma dramatização. É importante preparar as falas, colocar em contraposição as ideias contrastantes e ensaiar. O debate pode ser feito com, no mínimo, duas pessoas ou envolver um grupo todo. No caso de um debate entre duas pessoas, pode-se acrescentar uma terceira pessoa que será a *mediadora*, com a tarefa de controlar o tempo de cada fala e até participar com perguntas às debatedoras.

c) A definição do tema. O debate será mais interessante quando o tema escolhido fizer parte do contexto do grupo.

d) O debate não pode ser muito longo, ou perder-se em outros assuntos. É comum acontecer num debate que o assunto principal seja esquecido. A pessoa mediadora deve observar para que isso não ocorra e alertar o grupo, se necessário.

e) Para um debate democrático, onde o grupo todo vai participar, pode-se iniciá-lo com as pessoas debatedoras que vão discutindo os temas, sem concluir o assunto. O grupo, portanto, terá a tarefa de continuar a discussão. Esse tipo de debate não tem ganhadores e perdedores ou perdidos e perdedoras, pois o mais importante é o processo de reflexão feito pelo grupo. Deve-se evitar que um debate termine com mudança total de pensamento da parte de um dos lados. Exemplo: no tema do machismo, a mulher que defende o feminismo convence a outra mulher. Isso até pode acontecer, mas é preciso cuidar para que essa “rápida”

mudança de opinião não seja apenas superficial, prejudicando a abertura em se expor ideias e opiniões.

3. O debate de duas pessoas jovens, que querem ser coordenadoras de um grupo

Outra sugestão é um debate que tenha como personagens principais duas pessoas do grupo, que querem coordenar um grupo. Elas terão que se preparar para a “eleição” de uma das duas ou das duas. O tema do debate pode ser, por exemplo, “como coordenar um grupo”. Cada pessoa vai buscar argumentos para convencer a outra e o grupo.

Exemplo de ideias contrastantes: uma das pessoas que irá debater é mais preocupada com temas espirituais, outra, com temas sociais. A primeira defende a ideia de que o grupo de jovens deve orar mais, que há pouca oração e pouca leitura bíblica. Já a segunda defende a ideia de que o grupo deve buscar formas de ação solidária e não se preocupar tanto com a oração. Neste exemplo, as ideias não são necessariamente contrastantes, mas, dependendo da forma como o debate é conduzido, pode levar o grupo justamente a encontrar o equilíbrio entre as duas ideias, ou ainda optar por uma ou outra. (Veja exemplo de como pode se realizar esse debate no estudo “A Relação entre Fé e Obras”).

TERCEIRA PARTE

1. Objetivos

A partir de textos bíblicos, vivenciar situações de nossos dias, em forma de sociodrama. Trabalhar textos bíblicos que foram interpretados pela tradição luterana e que refletem o nosso “tempero”.

2. Técnica: Sociodrama em grupos

Materiais: Um texto bíblico para cada grupo acompanhado de subsídios para a sua compreensão.

Desenvolvimento:

- a) Dividir o grande grupo em grupos menores, de, no máximo, 8 pessoas.
- b) Cada grupo recebe um texto bíblico, com alguns subsídios para entendê-lo.
- c) Em 30 minutos, cada grupo deve ler o texto e os subsídios e buscar situações em nossos dias que se podem ser relacionadas a esse texto.
- d) Os grupos devem preparar uma dramatização sobre a reflexão feita (por exemplo, por meio de teatro com fala, mímica, cena estática, debate, etc.).
- e) Convidar para a apresentação das dramatizações.
- f) Desafiar o grande grupo a reagir a essas dramatizações, a partir das seguintes perguntas:
 - Essa situação vivenciada reflete a nossa realidade? De que forma?
 - Essa situação vivenciada é utópica? Por quê?

- Quem são os ou as personagens centrais e que papéis eles ou elas exercem na realidade? Esses papéis condizem com a realidade?

3. Conclusão

Em plenária, ao final das dramatizações e da reflexão feita pelo grupo, concluir com algumas questões:

Lutero baseou sua crítica à igreja de sua época em textos bíblicos. Suas descobertas estavam ancoradas na Bíblia. Sua teologia, portanto, era uma teologia bíblica com centralidade em Jesus Cristo. Lutero chegou a relativizar alguns textos bíblicos por acreditar que estes textos não pregavam a Cristo.

Em nossos dias, a Bíblia é acessível à grande maioria da população e há diferentes formas de leitura e interpretação. Lutero defendeu a liberdade em relação às Escrituras. Para ela, a palavra de Deus não é privilégio de alguns sacerdotes ou padres.

Que leitura o nosso grupo de jovens e a nossa comunidade faz hoje da Bíblia? Podemos dizer que nossa leitura bíblica é luterana, ou seja, baseada em princípios luteranos? Por quê?

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Jegral

HOJE É DIA DA REFORMA

*SIM. N.º 16,
Setembro de 1976, p.9-10.*

1 – Não há ninguém justo, ninguém que entenda, não há quem busque a Deus.

2 – Todos e todas andam afastados e afastadas de Deus, todos e todas se perderam, não há ninguém que faça o bem.

Grupo – Deus aceita as pessoas por meio da fé que elas têm em Jesus Cristo.

3 – Ele fez isto a todas as que creem, porque não há nenhuma diferença entre uma pessoa e outra.

Grupo – Não há ninguém justo.

4 – Isto não é uma lamentação.

1 – É uma constatação que tem muito a ver com a situação real de cada pessoa.

2 – Esta constatação qualifica todas as pessoas como separadas de Deus, longe de Deus.

3 – Ser injusto e injusta é não fazer o bem.

4 – Não fazer o bem é deixar de fazer a vontade de Deus.

Grupo – Não há ninguém justo.

5 – Não há uma pessoa sequer que seja perfeita.

6 – Não há quem seja impecável ou definitivamente salvo.

5 – Todas as pessoas são pecadoras.

6 – Todas vivem afastadas de Deus.

1 – Não há chance de uma pessoa chegar até Deus.

2 – Como pode alguém que é imperfeito e falho ser igual a Deus?

3 – Como pode alguém que é imperfeito e falho chegar até Deus?

1 – Nunca ninguém pode ser como Deus: perfeito e sem falhas.

4 – Mesmo assim há quem se chame “cristão”, há quem se diga “cristã”.

5 – Mesmo assim existe a Igreja cristã.

6 – Mesmo assim existem cristãos e cristãs.

1 – Pois não é pelo que a pessoa faz e realiza que Deus a aceita ou rejeita.

2 – Não é pelo trabalho que se ganha o salário da salvação.

3 – Somente através do amor de Deus (o mesmo amor que se revelou em Jesus Cristo).

Grupo – Deus aceita as pessoas por meio da fé que elas têm em Jesus Cristo.

4 - Deus aceita as pessoas por meio da fé em Jesus Cristo.

5 – Assim é bem diferente.

6 – Não é a pessoa que vai a Deus, mas é Deus que vai a todas as pessoas.

1 – Pelo esforço e trabalho próprio não é possível ninguém se tornar justo.

Grupo – Somos justos e justas pois Deus nos aceita como tais através da fé em Jesus Cristo.

2 – Justiça vem de fora.

3 – Justiça vem de Deus.

4 – Vem do Deus presente, que se revelou em Jesus e que se revela hoje através do amor.

5 – Justiça como dádiva, como doação.

6 – Deus dá e a pessoa dá o que recebe de Deus.

4 – Não há como modificar isto. Deus não age com pagamento. Deus não paga porque a pessoa merece.

2 – Deus dá, porque ele o quer. Porque ele decide dar, salvar, aceitar.

Grupo – Deus aceita as pessoas por meio da fé em Jesus Cristo.

3 – Jesus Cristo é o centro de tudo, a base para a aceitação.

4 – A Bíblia nos diz: Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho único em favor da salvação de todas as pessoas.

5 – A história da humanidade mostra a importância desta libertação do ser humano feita por Deus.

6 – Com o seu amor, Deus torna a pessoa livre para agir, para atuar.

Grupo – Deus se aproxima, Deus vem.

1 – Assim a pessoa é aproximada de Deus.

2 – Deus liberta e esta liberdade a pessoa aplica em sua vida.

3 – Então consegue perceber aquilo que a prende, que a segura.

4 – Passa a pensar, a falar e a agir com liberdade.

5 – Não mais escravidão, mas liberdade de ação a partir do evangelho para reformar o mundo.

Grupo – REFORMA

6 – Hoje é dia de Reforma

1 – Dia em que soubemos que a vida em liberdade exige movimentação.

2 – Movimentação que questiona aquilo que vê.

3 – Um gesto de fé.

1 – A fé que não se conforma com as informações humanas.

2 – A fé que não para.

3 – A fé que analisa as informações humanas.

5 – A fé que quer que todas as pessoas sejam livres de preconceitos.

4 – Por isso a Igreja está sempre em reforma.

5 – Não há parada nem descanso.

Grupo – Onde há fé, acontecem as transformações e a mudança.

6 – A Igreja que não se reforma constantemente pela palavra de Deus para no tempo.

5 – A Igreja é a transformação permanente de si mesma do mundo que vive.

Grupo – Por isso, “a pessoa é aceita por Deus somente pela fé”

1 – Em 31 de outubro de 1517, Martin Lutero divulgou as 95 teses sobre a maneira de compreender e de ser Igreja.

2 – E este acontecimento continuou a fazer ação.

3 – Pois é Deus quem faz a reforma.

4 – Deus é quem deve movimentar as pessoas.

5 – Deus é quem transforma corações e vidas.

6 – E Deus faz isto como presente, porque quer. Não porque as pessoas o tenham por si mesmas merecido.

Grupo – A pessoa é salva por fé, que é a resposta que ela dá a Deus.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Jogral

A IGREJA PRECISA DE REFORMA

*SIM. N.º 16,
Setembro de 1978, p.16-18.*

1 – Ano de 1517.

2 – Um homem procura pela verdade!

3 – Um homem procura pelo Deus da Verdade dentro da sua Igreja!

4 – Estaria Deus em outro lugar?

1 – Deus está lá onde está a Verdade.

2 – Um homem quer ter a comunhão com Deus.

3 – Um homem quer que sua Igreja tenha comunhão com Deus.

4 – Uma Igreja pode perder a comunhão com Deus?

1 – Ano de 1517

2 – Um monge agostiniano abre sua boca contra a sua própria Igreja.

3 – Nome deste monge:

4 – Martim Lutero.

3 – Seria ele um revolucionário religioso?

1 – Martim Lutero, o redescobridor da Palavra de Deus.

2 – Um homem que abre a Bíblia e lê: “O justo viverá por fé” (Romanos 1.17).

3 – Isto quer dizer: A “Boa Nova” nos diz que Deus nos prepara para o céu e nos justifica perante seu olhos, quando colocamos a nossa vida sob a orientação da nossa fé em Jesus Cristo, que nos revelou a graça de Deus.

4 – Isto é realizado pela fé, do princípio ao fim. Tal como a Escritura afirma: “O ser humano encontra a vida confiando em Deus e não a si mesmo”.

1 – 31 de outubro de 1517.

2 – O portal da Igreja de Witemberg recebe a colocação de 95 teses para serem discutidas pela Igreja.

3 – 95 abusos conta a vontade de Deus.

4 – O auge destes abusos?

5 – Em 1517, a Igreja vende perdão de pecados!

2 – Por uma “bolada de notas” o perdão era vendido na Igreja.

3 – A graça de Deus se torna comercializável e a verdade do amor de Deus se torna encoberta pelo manto da mentira e da exploração.

4 – Pode o Deus da Verdade ficar indiferente a tamanha mentira?

1 – 1517: a Igreja precisa de Reforma.

2 – E só mesmo Deus pode transformar uma Igreja...

3 – Só Cristo tem autoridade para purificar o templo.

4 – A Igreja das pessoas não pode ocupar o lugar da Igreja de Cristo.

CANTO referente à Reforma...

1 – 2017: 500 anos da Reforma!

2 – Muitas pessoas procuram muitas verdades dentro de muitas Igrejas.

4 – Onde estará Deus?

1 – Deus está lá, onde reina a verdade a cerca de sua revelação em Cristo.

2 – Deus está lá, onde se procura cumprir a sua vontade!

3 – Deus está lá, onde duas ou três pessoas estiverem reunidas para promover a misericórdia e o amor entre as demais.

4 – Deus está lá, onde estas e demais virtudes reveladas na obra de Cristo são trabalhadas em favor do próximo e da próxima.

1 – Deus deseja que nossa comunidade seja a Igreja de Cristo, que participa com ele nas mesmas ideias.

4 – Nossa Igreja mantém comunhão com Deus na oração?

2 – Na leitura da Bíblia?

3 – Na frequência ao culto?

4 – No cumprimento dos sacramentos?

1 – No ouvir e no agir?

2 – Ano de 2017.

3 – Novamente uma boca se abre contra os abusos...

4 – Quem é o dono desta voz?

1 – JESUS CRISTO

2 – Esta voz grita por Reforma.

1 – O Filho de Deus deseja revelar.

3 – Salvação não é obra de pessoas, mas sim ação de Deus! Isto quer dizer: a Igreja das pessoas não salva a ninguém!

4 – É, porém, tarefa da Igreja apontar o caminho da Salvação, apenas por meio do exemplo de Jesus Cristo.

1 – 31 de outubro de 2017.

2 – O lugar de ação do Espírito Santo, o nosso coração, recebe hoje a colocação de inúmeras teses para serem refletidas entre nós e nosso Deus.

3 – Inúmeros abusos contra a vontade de Deus.

4 – Que abusos entram em questão?

1 – Abandonamos o amor a Cristo em troca do amor ao nosso próprio egoísmo, vivendo cada um e cada uma para si e não para Deus em nosso próximo e em nossa próxima.

2 – Falta-nos discernimento espiritual para nos defendermos das falsas doutrinas. Pecamos em nossa falsa tolerância. Consideramo-nos pessoas irmãs somente enquanto o próximo e a próxima não viola os nossos interesses e a nossa individualidade.

1 – Nossas obras não são íntegras, pois só doamos aquilo que nos está sobrando e que não nos dispensa renúncia.

2 – Nossa fé não aguenta as tribulações nas adversidades.

1 – A paz com Deus não se compra com promessas pomposas.

2 – A paz com Deus não se compra com agrupamento de pessoas na Igreja.

1 – Deus não se vende, mas se oferece gratuitamente.

2 – Deus se dá àquela pessoa que o procura com sinceridade e amor.

3 – Deus se dá à pessoa misericordiosa e àquela que se dedica com amor ao ministério de Jesus Cristo aqui na Terra.

1 – Isto é Reforma!

2 – Reforma é a recuperação de uma coisa desgastada, danificada, prejudicada pelo mau uso.

1 – A Igreja precisa sempre de reforma.

2 – Não a reforma do patrimônio material, mas a reforma que venha a criar uma nova atitude de vida em nosso Ser.

3 – Vivamos com e pela “graça de Deus”. Por que Deus se dá de todo coração àquelas pessoas que o procuram com humildade de coração.

4 – Seja a data que hoje celebramos como a nova data da Reforma em NOSSA VIDA, em nossa FAMÍLIA e em nossa COMUNIDADE.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).



Lado AÇÃO – Roteiro de estudo

BATISMO: ABRAÇO DE DEUS!

Pastor Roni Roberto Balz

Dinâmica inicial

Material: Lenço para vendar os olhos.

Desenvolvimento:

- a) Pedir que os jovens e as jovens se saúdem com um abraço, desejando a paz de Deus.
- b) Em seguida, motivar para formarem um círculo. Motivar alguém para vendar os olhos. Outra pessoa vai até ela e lhe dá um abraço. Depois outra a abraça e mais uma terceira. Feito isto, pede-se à pessoa com os olhos vendados para dizer por quem ela foi abraçada. Pode-se convidar outras integrantes a fazerem o mesmo exercício.
- c) Estimular a conversa a partir das seguintes questões:
 1. O que sentimos quando recebemos um abraço?
 2. Em que momentos costumamos ser abraçados ou abraçadas?
 3. O que significa receber um abraço de alguém?
 4. Qual foi o momento em que mais foi preciso um abraço?
 5. Temos conseguido perceber o abraço de Deus quando estamos tristes? Onde? Como?
 6. Temos facilidade em abraçar outras pessoas?
 7. Abraço significa acolher alguém junto a nós. Como tem sido a acolhida de jovens em nosso grupo?
 8. Como nossa comunidade vem desempenhando a tarefa de acolhida?
- d) Em grupo de até 5 pessoas, motivar para que construam e dramatizem uma cena onde o abraço de Deus traga paz, perdão e acolhimento. Depois de um tempo para o preparo, promover a apresentação das cenas na plenária.

Comentário:

O abraço de Deus é terapêutico. Ele sara nossas feridas mais profundas e internas. Que possamos levar este abraço de Deus às outras pessoas e, assim, criarmos uma rede de abraços, ligando as pessoas umas às outras com o amor e o perdão de Deus, dimensionando a esperança e a comunhão.

Atividade complementar

Considerando que a acolhida é fundamental para o retorno e o bem estar das pessoas, poder-se desafiar o grupo a assumir a tarefa de acolher as pessoas em cultos, eventos comunitários e

nos próprios encontros de jovens. Pode-se confeccionar um cartão de boas vindas, entregar o hinário, mostrar onde se pode sentar, etc.

Texto de apoio

Nas comunidades da IECLB são realizados inúmeros batismos. São principalmente os pais, mães, padrinhos e madrinhas que trazem seus filhos e filhas, ainda pequenos e pequenas, para receberem o sacramento do Batismo. Também, em um grau bem menor, mas que tende a crescer com o despertar missionário da nossa Igreja, vê-se pessoas adultas pedirem o Batismo, após um determinado tempo de preparação, meditação e estudo.

Mas, o que há de especial no Batismo? Não será o Batismo uma mera cerimônia tradicional? As famílias realmente entendem o que acontece à criança ou à pessoa jovem e adulta ao virem até a pia batismal? Qual o papel dos padrinhos e das madrinhas no Batismo e depois? Qual é a tarefa da comunidade em relação ao Batismo? Será que ela está consciente de sua responsabilidade? Como acontece a vivência do Batismo no dia a dia? Será o Batismo um mero rito, que se perde no vazio, realizado simplesmente por costume e tradição?

Estes são apenas alguns dos questionamentos relacionados ao Batismo, e que motivam a rediscutirmos e revalorizarmos a sua prática e sentido. Com vistas à tarefa missionária em nossa Igreja, urge constantemente refletirmos sobre princípios fundamentais de nossa confessionalidade. E um destes é a nossa compreensão de Batismo. Qual é o sentido do Batismo para mim? Como posso vivenciá-lo a cada dia?

Compreensão do Batismo

De onde vem a prática do Batismo? Quem a inventou? Como surgiu? Pouco sabemos sobre sua origem. Segundo informações encontradas na Bíblia, sabemos que sua prática remonta tempos anteriores ao nascimento de Jesus. Em Mateus 3.7 vemos que muitos fariseus e saduceus, que pertenciam ao principal grupo de religiosos judaicos, vinham até João para serem batizados. Em outras religiões, além do judaísmo, também se utiliza água em banhos rituais e lavagens.

No cristianismo, a prática do batismo advém dos banhos do corpo inteiro ou só de partes dele, realizados pelo judaísmo. Na religião judaica há vários rituais de purificação com água, como podemos ver em Levítico 15; 16.26-28; 17.15.

O Batismo aparece na Bíblia ligado mais diretamente à prática de João Batista, o precursor de Jesus Cristo. O Batismo de João simbolizava uma purificação não somente ritual, mas era baseada também numa verdadeira renovação da pessoa (Mateus 3.2). Cabe lembrar que Jesus foi batizado por João Batista (Mateus 3.13ss), mas que, em todo seu ministério, segundo o evangelista João (4.1ss), em nenhum momento praticou o Batismo, somente seus discípulos é que batizavam.

Batismo na Compreensão Bíblica

Segundo a chave bíblica, no Antigo Testamento não encontramos nenhuma vez o termo “Batismo”. Já no Novo Testamento, podemos verificar o termo “Batismo” e sua conjugação verbal pelo menos 46 vezes. O verbo batizar vem de um termo grego que significa submergir, imergir (Mateus 3.13ss) ou, ainda, lavar as mãos (Marcos 7.4; Lucas 11.38).

A passagem bíblica mais importante que permite às comunidades cristãs batizarem seus novos membros é uma ordem dada pelo próprio Jesus Cristo, conforme Mateus 28.19-20: “Portanto vão a todos os povos do mundo e façam que sejam meus seguidores, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado.” Segundo esta ordem dada por Jesus, após a ressurreição, o Batismo é o rito de entrada e pertença ao corpo de Cristo – sua Igreja. Vale lembrar também que esta ordem dada por Jesus Cristo é o fundamento e a motivação da missão cristã.

Neste sentido, das várias passagens sobre o Batismo encontradas na Bíblia, destacamos as seguintes:

- O Batismo é realizado em nome do Trino Deus: Pai, Filho e Espírito Santo (Mateus 28.19);
- Somos batizados e batizadas em nome de Jesus (Atos 8.16);
- Por ocasião do Batismo nos é dada a remissão dos pecados (Atos 2.38);
- No Batismo recebemos também o Espírito Santo (Atos 2.38);
- No Batismo recebemos uma nova identidade, somos revestidos e revestidas de Cristo, tendo íntima comunhão com ele (Gálatas 3.27);
- No Batismo, por graça de Deus, somos renascemos espiritualmente para uma nova vida (João 3.5; Tito 3.5-7);
- O Batismo nos insere no corpo de Cristo, nos tornando membros do corpo de Cristo (1 Coríntios 12.13). Assim, o Batismo é sempre um ato público, realizado, preferencialmente, no culto comunitário;
- O Batismo simboliza a morte da pessoa com Cristo para o pecado e seu renascimento com Cristo para uma nova vida, por meio da fé (Colossenses 2.12, Romanos 6.4ss).

Quando e como deve ser o Batismo

O Novo Testamento não nos fala, explicitamente, quando é o melhor momento para a pessoa ser batizada. Os apóstolos batizavam muitas pessoas, incluindo as pessoas de suas “casas” (Atos 16.15, 1 Coríntios 1.16). Com isso, supõe-se que também crianças eram batizadas.

O argumento que permite o Batismo de crianças reside no caráter inclusivo da salvação de Cristo por nós. Esta concepção parte da compreensão da justificação por fé (Romanos 1.17) e por graça (Efésios 2.8). Assim sendo, não há idade específica para se realizar o Batismo. O que o torna válido é a compreensão de que Deus, em sua infinita misericórdia e amor, oferece gratuitamente a sua graça à pessoa humana por meio do Batismo.

Mas o que é a graça de Deus? A graça de Deus é o perdão dos pecados, vida nova e salvação eterna dada por Deus, sem o merecimento humano, para aquelas pessoas que creem no Evangelho e obedecem ao Senhor (Atos 11.23; 20.32). A Graça de Deus é a possibilidade de reconciliação com nosso Criador.

Como toda pessoa nasce sem temor de Deus, sem confiança em Deus, conforme um dos principais documentos da Reforma Protestante (A Confissão de Augsburg, 2º artigo), o Batismo exige responsabilidade para que a graça de Deus não seja barateada, mas sim valorizada. E aí é que entram os pais, as mães, os padrinhos e as madrinhas, que assumem no ato do Batismo o compromisso de proporcionar espaço e condições para que a criança possa crescer e aprenda a viver e confiar no seu Batismo.

Para exercerem essa tarefa de forma adequada, os pais, as mães, os padrinhos e as madrinhas recebem a devida instrução da Palavra de Deus, com estudo da doutrina e com oração em diálogos batismais.

Quanto à forma de realizar o Batismo, destacamos duas: por imersão (realizada num rio ou piscina apropriada, onde a pessoa batizando é imersa totalmente nas águas) e por aspersão (realizado junto a uma pia batismal, onde com a mão, se coloca três vezes água sobre a cabeça da pessoa, em nome do Trino Deus: Pai, Filho e Espírito Santo). A prática da Igreja primitiva era a de imersão, o que, a partir do 8º século, foi substituído pela pia batismal. Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) o Batismo é realizado por aspersão de água.

Jesus Cristo diz: Eu sou a água da vida, quem tiver sede e beber desta água nunca mais terá sede. (João 4.14a) A água é o elemento visível da criação de Deus integrante do sacramento do Batismo. O que torna o Batismo um sacramento justamente é isto: um elemento visível (água) unido à ordem (Palavra de Deus) dada por Jesus Cristo. Unida à Palavra de Deus, a água é um sinal visível e sensível da ação de Deus na pessoa.

Conclusão

Em suma, constatamos que o sujeito do Batismo é exclusivamente Deus. Este Deus confirma o Batismo como um sinal de sua graça. O Batismo é recebido através da fé, sem méritos próprios humanos. Por isso, o Batismo é consolo, conforto, orientação e esperança na vivência diária, pois ele não depende da ação individual e pessoal em favor de Deus, mas é Deus quem age a favor da pessoa. No Batismo, Deus desce em sua glória e vem ao nosso encontro. Martin Lutero, quando se sentia desanimado ou amedrontado, dizia pra si mesmo ou escrevia em sua mesa: Sou batizado.

Em tempos de globalização e neoliberalismo, onde é promovido o isolamento das pessoas, o Batismo recebe uma importância muito grande, pois ele é toque, abraço, integração, compreensão, acolhimento, reconciliação perdão e comunhão. Enquanto a sociedade moderna neoliberal promove o afastamento do convívio social, a Igreja como corpo de Cristo, à qual somos inseridos e inseridas pelo Batismo, tem a missão de reafirmar, na vivência diária, o abraço reconciliador e consolador dado por Deus em nós no Batismo.

Bibliografia

SCHERER, Henrique G. Prática e Vivência do Batismo na IECLB – Curso de Aprofundamento Teológico, 1988.

_____ A Comunidade e suas Crianças Batizadas, Editora Sinodal, 1983.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa Fé, Nossa Vida*: Guia da vida comunitária na IECLB. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/nossa-fe-nossa-vida>>. Acesso em 28 fev. 2017.

Este estudo teve a linguagem revista e atualizada. A proposta integra o volume 3 da Coleção Palavração denominado “Graça e Fé: temperos para a vida”, publicado em 2003 pelo Departamento Nacional para Assuntos da Juventude da IECLB – DNAJ, sob a coordenação de Cláudio Giovani Becker e impresso por Contexto Gráfica e Editora (ISBN 85-89000-14-1).